

EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL E ANO-NOVO

Editora ABRIL
edição 2924 - ano 57 - nº 51
20 de dezembro de 2024



veja

www.veja.com

2024

CLIMA RUIM

O ano foi de extremos no meio ambiente, com secas e enchentes; na política, com a revelação de um golpe de Estado repleto de detalhes chocantes; e até na economia, com crescimento e emprego, mas com um dólar fora de controle e desequilíbrio fiscal

**Evoluir
sempre é
o que nos
alimenta.**

**E você,
o que te**

**ali
menta?**



A JBS nasceu há 70 anos.
Hoje, está presente em 5 continentes,
na casa de milhões de famílias pelo
planeta. Mas suas raízes estão no Brasil,
onde é a maior empregadora do país.
A JBS produz todos os tipos de proteínas
e tem um propósito bem desafiador:
alimentar uma população mundial que
não para de crescer, conservando
o meio ambiente. Ou seja, fazer mais
com menos. Por isso, evoluir é o que
vai continuar nos alimentando.



The JBS logo, consisting of the letters "JBS" in a bold, white, sans-serif font, enclosed within a pair of white parentheses.

Alimentando
o que alimenta
o mundo



Instituto Brasileiro
de Jogo Responsável

Pra jogar, **tem** **que ter** regra.


As apostas online no Brasil precisam de integridade e responsabilidade. É aí que o **Instituto Brasileiro de Jogo Responsável** entra em campo, defendendo a regulamentação e protegendo os apostadores. Por exemplo, com medidas de controle de tempo e limites de perda de apostas.

A partir de 1º de janeiro, as bets autorizadas deverão seguir novas regras, como reconhecimento facial para evitar o acesso de menores de 18 anos. E somente as bets autorizadas vão ganhar a terminação **.bet.br**.

Afinal, pra jogar tem que ter regra.

www.ibjr.org #jogoresponsável

O jogo é proibido para menores de 18 anos. Campanha realizada nos termos da Lei Federal nº 14.790/2023

A professional studio portrait of two individuals, a woman and a man, standing back-to-back. The woman on the left has long brown hair and is wearing a light blue button-down shirt and a dark skirt. The man on the right is bald and wearing a dark suit jacket over a light blue shirt. They are both looking directly at the camera with serious expressions. The background is dark with geometric shapes and a green line graphic.

Renata Ruel,
Comentarista
de arbitragem
da ESPN
e ex-árbitra.

PC Oliveira
Comentarista
de arbitragem
e ex-árbitro.

e da Portaria SPA/MF nº 1.231, de 31 de julho de 2024.



A vida é
o app com
a tecnologia
touch mais
avançada.

Em 2025,
viva mais
a vida.

vivo 

Assista ao filme



veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas

www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Todo acervo publicado de Veja está no
App Veja. Baixe aqui



LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução
de textos e imagens, envie um e-mail
para:

licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA

Para inserir as marcas do Grupo Abril
em produtos e negócios, envie um
e-mail para:

licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO

e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO

<https://talentosabril.vagas.solides.com.br>



Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima



Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laís de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais: Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, Fernando Schüller, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcy Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA, PRODUTOS E ASSINATURAS (COO)** Guilherme Valente, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2924 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 51. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. VEJA não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001



www.grupoabril.com.br

OS EDIFÍCIOS MAIS ELEGANTES, COM PLANTAS CLÁSSICAS
E COM A VISTA NOTURNA MAIS IMPRESSIONANTE DA CIDADE.



VISTA DO RESERVA CIDADE JARDIM

Dentro de uma reserva verde única em um terreno de 20.000 m² • Integrado ao complexo
Cidade Jardim • Plantas especialmente planejadas, de 455 a 1.300 m² • Paisagismo
de Maria João d'Orey • Arquitetura de Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson

- Completa estrutura de amenities com Hotel Fasano • Quadras de tênis e de beach tennis • Quadras de squash e de basquete • Spa completo • Academia com salas de recovery, multiúso e de pilates
- Piscina com raia de 25 m e piscina fria • Espaço Kids com piscina • Simulador de golfe



RESERVA
CIDADE JARDIM

IRREPLICÁVEL



CONHEÇA
MAIS SOBRE
O RESERVA
CIDADE JARDIM.

JHSF

☎ +55 11 97202.3702 | +55 11 3702.2121



BRAZIL ECONOMIC FORUM ZURICH

An initiative by **LIDE** & **veja**

22-24 DE JANEIRO DE 2025

ZURIQUE – SUÍÇA

(LOGO APÓS O WORLD ECONOMIC FORUM – DAVOS)

PATROCÍNIO MASTER

ambipar[®]



**PAPER
EXCELLENCE**

PATROCÍNIO

 **bradesco**

banco
BRB

 **hapvida**
NotreDame
Intermédica

 **GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO**

APOIO


AMARD AVIATION

DDSD

 **VALE**

FEBRABAN

TRANSPORTADORA OFICIAL

 **SWISS**

OPERADORA OFICIAL

 **Managá
Turismo**

INICIATIVA

LIDE **veja** vejaNegócios

INFORMAÇÕES



A NOVA VISÃO E PERSPECTIVAS ECONÔMICAS E AMBIENTAIS DO BRASIL

KEYNOTE SPEAKERS



MICHEL TEMER
Presidente do Brasil (2016-2018)



LUIS ROBERTO BARROSO
Ministro e Presidente do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL - STF



FLÁVIO DINO
Ministro do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL - STF



GILMAR MENDES
Ministro do SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL - STF



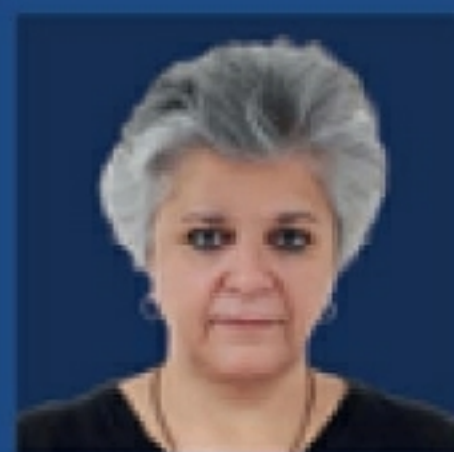
RODRIGO PACHECO
Senador (PSD-MG)
Presidente do SENADO FEDERAL
Presidente do CONGRESSO NACIONAL



WEVERTON ROCHA
Senador (PDT-MA)



EDUARDO GOMES
Senador (PL-TO)



IZABELLA TEIXEIRA
Ministra do MEIO AMBIENTE (2010-2016)
Co-presidente do International
Resource Panel - ONU



HUGO MOTTA
Deputado Federal (REPUBLICANOS-PB)



ELMAR NASCIMENTO
Deputado Federal (UNIÃO-BA)



HELDER BARBALHO
Governador do PARÁ



RONALDO CAIADO
Governador de GOIÁS



EDUARDO RIEDEL
Governador do MATO GROSSO DO SUL



WANDERLEI BARBOSA
Governador do TOCANTINS



PIETRO LAZZERI
Embaixador da
Suíça no BRASIL



LUIZA HELENA TRAJANO
Presidente do Conselho da MAGAZINE LUIZA



ROBERTO AZEVEDO
Presidente Global de Operações da AMBIPAR
Diretor-geral da Organização Mundial do
Comércio (2013-2020)



LUIZ CARLOS TRABUCO CAPPI
Presidente do Conselho do BANCO BRADESCO



CRISTIANO PINTO DA COSTA
Presidente da SHELL Brasil



PAULO HENRIQUE COSTA
CEO do BANCO BRB



HENRIQUE MEIRELLES
Ministro da FAZENDA (2016-2018)
Presidente do BANCO CENTRAL (2003-2011)
Secretário da Fazenda de
São Paulo (2019-2022)

AÇÕES EM CADEIA

Prisão do general Walter Braga Netto, ex-ministro e candidato a vice de Bolsonaro, em investigação sobre trama golpista, amplia a tensão no entorno do ex-presidente **RAMIRO BRITES**



INÉDITO Ex-ministro é levado pela PF no Rio: primeira vez que um general de quatro estrelas é preso no país por ordem judicial

ÀS 6H15 DO SÁBADO 14, o ministro da Defesa, José Múcio, recebeu um telefonema do comandante do Exército, general Tomás Paiva, para comunicar que estava em curso um momento ímpar na história do Brasil: a Polícia Federal estava no apartamento de Walter Braga Netto, no Rio de Janeiro, para prender aquele que é um dos dezenove generais de quatro estrelas, o mais alto nível da hierarquia do Exército. Foi a primeira vez no país que um oficial com tamanha graduação teve a prisão determinada pela Justiça — antes, outras detenções só haviam ocorrido em períodos de turbulência institucional. Também foi o momento em que as investigações sobre a trama golpista urdida no final de 2022 para impedir a posse de Lula chegaram mais perto de Jair Bolsonaro. Braga Netto não era só um militar de alta patente: ocupou os ministérios da Defesa e da Casa Civil durante seu governo e, mais tarde, acabou escolhido candidato a vice na sua chapa presidencial.

O baque é o maior sofrido pelo ex-presidente desde que a investigação chegou a outro militar graduado, o tenente-coronel Mauro Cesar Cid, seu ex-ajudante de ordens. Peça-chave, Cid concordou em fazer delação e forneceu depoimentos e provas que levaram à prisão de Braga Netto e ao indiciamento dele, de Bolsonaro e mais 38 pessoas por abolição violenta do estado democrático de direito, golpe de Estado e organização criminosa. Amplamente citado no relatório final da Polícia Federal, divulgado em 21 de novembro, como peça-chave na conspiração golpista, Braga Netto foi preso só três semanas depois, o que ajudou a elevar a tensão em outros investigados

no caso. Segundo a decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, a medida só ocorreu agora porque ficou evidenciado que o general tentou obstruir as investigações e que isso só foi confirmado no depoimento mais recente de Mauro Cid, no último dia 5.

A preocupação se explica porque só Bolsonaro está acima de Braga Netto na hierarquia dos envolvidos na suposta trama. Algumas horas depois da prisão, o ex-presidente saiu em defesa do ex-auxiliar por meio de um post nas redes sociais no qual criticava a decisão de Moraes. “Como alguém pode ser preso por obstruir investigações já concluídas?”, disse, citando relatório da PF enviado ao STF. O inquérito, porém, segue aberto. Tanto é que os investigadores coletaram o celular de Braga Netto e mais de dez pen drives do coronel Flávio Peregrino, seu ex-assessor. Além disso, como o caso está com o procurador-geral da República, Paulo Gonet, que pode pedir apuração complementar antes de decidir se faz denúncia ao Supremo, não é possível dizer que a investigação não pode ser obstruída.

Depois da reação imediata, Bolsonaro e seu entorno adotaram o silêncio. Por “orientação jurídica”, até Valdemar Costa Neto, presidente do PL de Braga Netto e Bolsonaro, anunciou que não daria mais entrevistas. Os filhos do capitão ficaram calados até a quarta 18, quando o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) rompeu o silêncio em entrevista coletiva convocada por parlamentares da oposição. Repetiu a tese do pai — a de que não havia o que obstruir — e atacou duramente o comandante do Exército, Tomás Paiva, a quem chamou de “inepto” e



DEFESA Bolsonaro: ex-presidente e aliados criticaram a decisão de Moraes

“inútil” por não reagir à prisão de Braga Netto. “Poderia colocar uma abóbora em vez dele”, disse. A maior parte das críticas a Moraes e a defesa explícita de Braga Netto ficaram a cargo de apoiadores nas redes e aliados secundários no Congresso, como o ex-vice-presidente e general Hamilton Mourão, hoje senador. “Todo mundo está com medo”, resume Gilson Machado, ex-ministro do Turismo na gestão Bolsonaro e dono de uma pousada em São Miguel dos Milagres, litoral de Alagoas, onde Braga Netto estava hospedado pouco antes da prisão.

Apesar do temor, o entorno do ex-presidente atuou nos bastidores. Uma das estratégias consistiu em aparar as arestas nos planos de defesa jurídica de Braga Netto e Bol-

sonaro. A relação quase colapsou quando o defensor do ex-presidente, Paulo Cunha Bueno, em entrevista à GloboNews, disse que os conspiradores alijariam Bolsonaro do poder caso o golpe desse certo. A impressão que passou — e irritou Braga Netto — foi a de que Bolsonaro poderia deixar o aliado à própria sorte, o que não seria novidade no currículo do ex-presidente. Criticado por gente próxima a Bolsonaro, o advogado do general, Luiz Henrique Prata, foi substituído por José Luis Oliveira Lima, criminalista que já defendeu o ex-ministro José Dirceu e fechou a delação do empreiteiro Léo Pinheiro, da OAS, na Lava-Jato. O entorno de Bolsonaro, porém, considera remota a chance de delação, mas também achava isso em relação a Mauro Cid. A princípio, a tese a ser seguida pela nova defesa de Braga Netto será dizer que não houve orquestração golpista.

A preocupação não deve diminuir nos próximos dias. Embora Gonet esteja propenso a decidir sobre a denúncia em fevereiro, ao fim do recesso, já preocupa o fato de Alexandre de Moraes ter informado ao STF que seguirá trabalhando normalmente durante a parada da Corte. Sem muito que fazer, bolsonaristas apostam até na estratégia de empurrar a situação até a posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, em 20 de janeiro — avaliam que, com o aliado de direita no cargo, haverá menos ambiente político para prender Bolsonaro. Achar que a marcha da PF, do Ministério Público e do Judiciário vai levar isso em conta só mostra o tamanho da aflição. ■

PASSOU A BOIADA

No apagar das luzes do ano legislativo, parlamentares de direita fazem avançar pacote de pautas que inclui castração química, retorno do voto impresso e fim do aborto legal



COMEÇOU A ANDAR Chris Tonietto (PL-RJ): relatora deu parecer favorável a PEC que Eduardo Cunha propôs em 2012

PRESSIONADO a votar temas importantes na reta final do ano, como o corte de gastos e a reforma tributária, o Congresso achou tempo para dar tração a projetos polêmicos e de relevância no mínimo questionável. Em pouco mais de um mês, deputados fizeram avançar propostas que, entre outras coisas, restabelece o voto impresso, acaba com o aborto legal, impõe a castração química para estupradores e libera armas a pessoas que respondem a inquéritos policiais, além de anistiar quem tem posse ilegal.

Patrocinada pela bancada de direita, a ofensiva legislativa visa aproveitar o que resta de poder a parlamentares da turma enquanto eles ocupam ainda posições estratégicas. Em fevereiro de 2025, colegiados vitais como as comissões de Constituição e Justiça, Segurança e Educação, todas sob comando bolsonarista, devem trocar de mãos. A CCJ, chefiada por Caroline de Toni (PL-SC), pode ir para Arthur Lira (PP-AL), cujo mandato de presidente da Câmara expira no início do ano. Foi ele, aliás, quem facilitou, em nome de sua estratégia política, o acesso dos conservadores a postos importantes. Em meio ao furor para passar a boiada, resolveu suspender, na quinta 12, os trabalhos das comissões para que a Casa pudesse se concentrar no que interessa: as votações em plenário.

Também contribuiu para a ofensiva da direita o clima de descontentamento com o governo. “O Congresso é mais conservador que o Executivo e, num momento de insatisfação, aprova pautas desse tipo porque tem votos que, em

situação normal, seriam mais facilmente cooptados por cargos e emendas”, diz Ricardo Salles (Novo-SP), que emplacou a castração química. O projeto contra o aborto passou pela CCJ após dormitar desde 2012, quando foi proposto por Eduardo Cunha. O PL do voto impresso, uma obsessão do bolsonarismo, estava na gaveta desde 2015.

A maioria dessas propostas serve apenas para agitar a base conservadora e dar munição eleitoral a parlamentares, pois dificilmente irá prosperar — nenhuma delas completou ainda o ciclo de votações no Legislativo. Poderão criar, em todo caso, algum incômodo para os futuros chefes do Congresso, que poderão ser pressionados a pautar iniciativas que não estão na ordem do dia das prioridades do país. Como se sabe, elas são outras — e não são poucas. ■

José Benedito da Silva e Ramiro Brites

MUITA PRESSÃO, POUCO AVANÇO

O Executivo e o Legislativo se mobilizaram para votar pautas econômicas antes do recesso de fim de ano, mas as reformas chegam tarde demais e enfraquecidas por lobbies

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS



LENTIDÃO Plenário da Câmara: após meses de atraso, reforma tributária é votada a toque de caixa



NINGUÉM MORREU de tédio em Brasília nos últimos dias com a correria do governo e do Congresso Nacional para votar uma série de medidas importantes para a economia antes do recesso que começa na próxima segunda-feira, 23. Na pauta, estavam a regulamentação da reforma tributária, parte do pacote fiscal e o Orçamento de 2025. A mobilização não convenceu o mercado financeiro de que o país vai deslanchar. A desconfiança se manifestou na disparada do dólar, que subiu de 5,97 reais, em 11 de dezembro, para 6,14 reais na tarde da quinta-feira 19, quando esta edição de VEJA era concluída. “As medidas vieram tarde e parte delas é de má qualidade”, afirma Sergio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados.

O pacote fiscal é o mais criticado. Na terça-feira 17, a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei Complementar 210/24, que proíbe a concessão de benefícios fiscais em anos de déficit primário. A farta distribuição de subsídios custa caro ao país. No acumulado do ano até setembro, 56 000 empresas deixaram de recolher cerca de 111 bilhões de reais em impostos, de acordo com levantamento feito pela Receita Federal. Até o fechamento desta edição, os deputados haviam aprovado, em primeiro turno, por 344 votos a favor e 154 contrários, a Proposta de Emenda Constitucional 45/24, que reduz o número de trabalhadores com direito ao abono salarial e tenta acabar com os supersalários no serviço público. Por fim, esperavam votar o Projeto de Lei 4614/24, que endurece o acesso

a programas assistenciais. As novas regras, porém, devem ser inócuas. “O pacote não será relevante para estabilizar a dívida pública”, diz Vale.

A regulamentação da reforma tributária também desagradou. Como se sabe, parte do atual emaranhado de impostos sobre consumo será reduzida a dois: a Contribuição sobre Bens e Serviços, de caráter federal, e o Imposto sobre Bens e Serviços, de cunho estadual e municipal. Os tributos serão unificados gradualmente até 2033, quando a transição será concluída. Uma crítica é o excesso de setores com benefícios fiscais. Tanta generosidade elevará a alíquota básica do novo sistema dos 26,5% propostos inicialmente para quase 30%. “Isso não vai parar de pé com tantas exceções”, diz Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos e ex-secretário da Fazenda do estado de São Paulo.

O Congresso também empurrou com a barriga outro ponto bastante delicado: a criação do Comitê Gestor do Imposto sobre Bens e Serviços, que será o responsável por cobrar e distribuir o dinheiro arrecadado entre estados e municípios. Um texto sobre o tema tramita no Senado desde outubro. O comitê, porém, deverá mais escancarar do que resolver problemas, a começar pela partilha de recursos entre governadores e prefeitos. “A guerra fiscal continuará até 2033”, prevê Salto. Ao contrário de Brasília, os problemas que travam a economia não sairão de férias nas próximas semanas. ■

Márcio Juliboni

O TETO DO TETO

Governo estuda criar um limite para os penduricalhos que fazem com que alguns servidores públicos recebam salários acima do que ganha um ministro do Supremo Tribunal Federal



MEIO-TERMO Fernando Haddad e Rodrigo Pacheco: a solução que está sendo analisada pode acabar ampliando o problema

UMA REUNIÃO recente entre o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e a cúpula do Congresso começou a pavimentar o que pode ser a saída encontrada pelo governo para combater os supersalários e asfixiar uma máquina de privilégios que levou os cofres públicos a desembolsar mais de 40 bilhões de reais nos últimos seis anos. A Constituição estabelece que nenhum servidor pode receber vencimentos maiores que um ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) — o equivalente hoje a 44 000 reais. É uma regra simples e objetiva, mas que não é respeitada, especialmente nas carreiras do Judiciário e do Ministério Público, onde uma infinidade de gratificações e benefícios é criada exatamente para driblar a lei. Pelos cálculos do professor e doutor em direito Bruno Carazza, esses penduricalhos fizeram com que, no ano passado, 93% dos juízes brasileiros fossem remunerados acima do teto quando somados prêmios, auxílios variados e mais de trinta tipos diferentes de verbas indenizatórias. Não é a primeira vez que se tenta corrigir essas distorções — e provavelmente não será a última.

O projeto enviado ao Congresso estabelece que as chamadas verbas indenizatórias — o ninho onde se escondem e se multiplicam os tais penduricalhos — também devem ser limitadas pelo teto constitucional e eventuais exceções seriam regulamentadas em lei complementar. Ou seja, se aprovada como está, a regra estabeleceria o limite de 44 000 reais para os vencimentos, incluindo as benesses

agregadas. Entidades que representam a magistratura e o Ministério Público, porém, defendem que os privilégios já adquiridos sejam mantidos até que se aprove a lei complementar, o que pode levar meses, anos ou simplesmente nem acontecer — mantendo tudo como está hoje. O governo pretende enfrentar a questão, mas ao mesmo tempo não quer criar arestas com o Judiciário e busca uma alternativa. Fernando Haddad e Rodrigo Pacheco conversaram sobre uma proposta analisada pela equipe econômica para tentar mitigar a construção dos supersalários sem desagradar tanto às categorias interessadas.

A ideia é criar um teto para os penduricalhos que não poderia ultrapassar o valor do vencimento original. Se um servidor ganha, por exemplo, 20 000 reais por mês, as benesses e verbas indenizatórias (reembolsos por viagens, gratificações etc.) seriam de, no máximo, 20 000 reais. O governo acredita que isso limitaria os exageros. “A partir do momento que se colocar numa lei que os pagamentos indenizatórios poderão chegar a determinado percentual, vai haver um movimento de criação de penduricalhos para que esse novo patamar seja atingido”, adverte Carazza, autor do livro *O País dos Privilégios*. A solução pode ampliar o problema. ■

Laryssa Borges

DOSES DE RETROCESSO

Escalado para a pasta da Saúde do governo americano, Robert F. Kennedy Jr. preocupa o mundo pela ferrenha postura antivacina, que alimenta o risco de retorno de doenças como a pólio



ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES

ANTIVAX Kennedy Jr., a caminho do poder:
guru da onda contra os imunizantes



NEM O PROTECIONISMO econômico nem a expulsão de imigrantes. A maior ameaça do novo mandato de Donald Trump para o globo pode vir do negacionismo científico e de uma cruzada contra as vacinas. Ao escolher Robert F. Kennedy Jr. para chefiar o Departamento de Saúde e Serviços Humanos do país, o republicano fez um aceno claro e alarmante sobre sua posição em relação a um dos instrumentos que mais salvam vidas. Expoente de um movimento que prega a desconfiança sobre os imunizantes, Kennedy Jr. poderá arquitetar, de forma institucionalizada, um boicote à vacinação. Indícios inquietantes disso vieram nesta semana com a divulgação de que seu advogado, Aaron Siri, realizou, ainda em 2022, uma petição para a agência regulatória americana revogar a aprovação à vacina da poliomielite, instrumento crítico para deter um vírus que persiste em ameaçar a saúde pública. Micróbios, como a pandemia de covid mostrou, não respeitam fronteiras: um eventual descontrole de infecções como a pólio e o sarampo nos EUA representaria um desafio para o planeta.

Costuma-se dizer que as vacinas sofrem hoje de seu próprio sucesso. Ao liquidarem moléstias que antes eram prevalentes e legavam sequelas e mortes à população, esses produtos começaram a ter sua utilidade questionada. Somam-se a isso alguns poucos estudos malfeitos e depois retratados que plantaram dúvidas e viraram, mesmo ferindo a ética e a ciência, munição para movimentos antivacina encorpados nos últimos anos. No caso da pólio, a luta é antiga, tanto para vencer

a doença como para provar a segurança e a eficácia dos imunizantes. O primeiro, obra do americano Jonas Salk, surgiu nos anos 1950 e, graças ao aprimoramento das fórmulas, foi possível derrubar os índices de uma enfermidade notória pelas complicações motoras e respiratórias. Com as campanhas de vacinação mundo afora, a OMS estima que o número de casos tenha despencado 99% de 1988 a 2021.

No entanto, o vírus não sumiu. Pelo contrário, com a queda na adesão às picadas, inclusive no Brasil, o risco de retorno é real. A doença permanece endêmica no Paquistão e no Afeganistão e reapareceu recentemente em Gaza, na esteira dos conflitos entre Israel e Hamas. “Semear dúvidas sobre a segurança de vacinas consagradas como a da pólio é um retrocesso sem precedentes”, afirma a microbiologista Natalia Pasternak, integrante do conselho da Organização Pan-Americana de Saúde. “Antes dos imunizantes, uma em cada cinco crianças com menos de 5 anos morria de uma doença infecciosa. É bom ponderar se queremos isso de volta ao colocar negacionistas no poder.” Ainda dá tempo de prevenir esse estrago. ■



HISTÓRICO

Jonas Salk e a primeira vacina contra a pólio: vitória da ciência

Diogo Sponchiato

O CAMINHO DA SENSATEZ

Tal como o clima, dominado por extremos, em permanente risco para a civilização, a política viveu em 2024, no Brasil e no mundo, na corda bamba dos radicalismos. Está mais do que na hora de pôr um freio de arrumação



PERSONAGENS Lula depois de cair no banheiro, o que o levaria em dezembro a uma cirurgia, em meio ao nervosismo da economia; Bolsonaro indiciado pela tentativa de golpe em 2023; Trump depois do atentado; Líbano em explosão; o Beira-Rio inundado; o sorriso discreto de Kate; e o deputado Rubens Paiva, inspiração para o melhor filme do ano, *Ainda Estou Aqui*: figuras de um 2024 mercurial

FOTOS EVARISTO SÁ/AFP; GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS; EVAN VUCCI/AP/IMAGEPLUS; AFP MAX PEIXOTO/GETTY IMAGES; VISIONHAUS/GETTY IMAGES; REPRODUÇÃO

CAPA: MONTAGEM DE BETO NEJME .COM FREEPIK/PIKASSO

NUNCA HOUVE, na história da civilização industrial, ou pelo menos desde que ferramentas científicas começaram a medir com acuidade as transformações climáticas, um ano como o de 2024. Ele terá sido o mais quente desde sempre — e a elevação das temperaturas, que se sucede com incômoda frequência, sugere o efeito daninho da ação do ser humano, e não apenas resultado de fenômenos naturais como o El Niño. Nos últimos doze meses, em quase todo o mundo houve inundações e secas severas e inesperadas. No Brasil, os dramas das enchentes no Rio Grande do Sul e do fogo no Pantanal e na Amazônia foram marcos terríveis de inépcia e irresponsabilidade.

Pode-se dizer que os raios e trovoadas de uma temporada de natureza rebelde, alimentada pela ganância da humanidade, são metáforas de muitos dos principais eventos que, de janeiro a dezembro, nos deixaram em estado de alerta, desnorteados e assustados com retrocessos inaceitáveis. Vive-se, no cotidiano ambiental e da sociedade, uma era de extremos. A revelação do plano do vergonhoso movimento golpista de 8 de janeiro de 2023, que incluía o assassinato do presidente eleito, Lula, do vice Geraldo Alckmin e do juiz Alexandre de Moraes, do STF, é indício da estúpida intenção de levar o Brasil para trás, em triste nostalgia pelo tempo da ditadura, o regime que encarcerou e matou o ex-deputado Rubens Paiva, em 1971, personagem central do premiado filme *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles. O sucesso do longa-metragem, vis-

to por mais de 2 milhões de pessoas no país, entre lágrimas e aplausos, é uma resposta contra o retrocesso extremado. É preocupante, também, o recuo do ponto de vista da condução da economia brasileira, com desleixo em relação ao corte de gastos e ao controle das contas públicas, postura pela qual o populismo alimentado por Lula e pelo PT caminha para o tempo em que ao Estado tudo cabia — em evidente desconexão com medidas que realmente funcionam para fazer andar a livre-iniciativa e tirar o povo da inaceitável miséria.

Há respiração presa diante do que será, a partir de janeiro, a segunda gestão de Donald Trump, eleito em novembro ao derrotar, com larga margem, a candidata democrata, Kamala Harris, numa campanha em que sofreu um atentado. Temem-se o protecionismo trumpista e a condução de seu governo em temas centrais como o da saúde, ao nomear como secretário o negacionista de vacinas Robert F. Kennedy Jr. (*leia na reportagem “Sangue nos olhos”*), e, sublinhe-se, especialmente o do controle ambiental, ao desdenhar de acordos internacionais sem os quais o planeta corre mais perigo. Tudo isso aumenta a torcida para que as ideias obtusas e o radicalismo em todos os aspectos — na ecologia e na ideologia — aos poucos percam força e tração em 2025, em nome da sensatez e da paz. Não há outra saída de esperança para o futuro. ■



AMBIGUIDADE Lula: pontos fracos
da gestão não foram superados

ANO (QUASE) PERDIDO

EM 2023, primeiro ano de seu terceiro mandato, Lula priorizou a recuperação da imagem do Brasil no exterior. Embalado pelo sonho de se tornar um líder global, ele fez inúmeras viagens e tentou mediar, sem sucesso, desde conflitos armados a negociações ambientais. A agenda doméstica ficou em segundo plano, o que contribuiu para que o governo atuasse de forma descoordenada, enfrentasse dificuldades para formar sua base no Congresso e lidasse com toda sorte de disputas internas. Diante desse quadro, auxiliares do presidente esperavam que 2024 fosse dedicado à solução dos problemas caseiros. Era para ser o ano do freio de arrumação, da semeadura de proje-



tos capazes de impulsionar a popularidade do petista. Não deu certo. Pontos fracos da gestão não foram superados. Os dois principais ministros do governo, Fernando Haddad (Fazenda) e Rui Costa (Casa Civil), continuaram a rivalizar nos bastidores. Temas considerados estratégicos permaneceram em aberto. Na sensível área da segurança pública, o governo apresentou uma proposta que nem sequer foi enviada ao Congresso. A mais perigosa ambiguidade da atual administração também não foi esclarecida.

Depois de meses de pregação sobre a necessidade de controlar o aumento das despesas, Haddad convenceu Lula a lançar um pacote de ajuste fiscal. O plano elencou algumas medidas na direção correta, mas insuficientes para dar conta do desafio. O resultado poderia ter sido outro se não tivessem prevalecido as conveniências políticas. Com sua lógica de palanque, o petista quis enfatizar que não se rende às pressões de mercado. O problema é que o descontrole das finanças cobra um alto preço na forma de mais inflação, juros mais elevados, dificuldades para empresas e cidadãos. Segundo as pesquisas, a popularidade de Lula varia entre a estabilidade e a queda, mas está abaixo do nível que garante favoritismo numa reeleição. A menos de dois anos do próximo pleito, Lula acumula mais obstáculos a enfrentar do que resultados para mostrar. Não fosse pela melhora em alguns indicadores econômicos, como emprego e renda, 2024 seria — para Lula, o governo e o país — um ano perdido. ■

Daniel Pereira

GABRIELA BILO/FOLHAPRESS



GOLPISMO Bolsonaro: PF diz que ex-presidente sabia e participou de toda a trama

CERCO FECHADO

SE JAIR BOLSONARO ainda sonhava com a possibilidade de ser beneficiado com uma anistia política, consolidar-se como principal expoente da direita e concorrer nas eleições presidenciais de 2026, suas chances minguaram consideravelmente depois que a Polícia Federal concluiu, no fim de novembro, o inquérito que aponta o capitão como articulador e beneficiário de uma trama que golpearia a democracia para mantê-lo no poder. Indiciado pelos crimes de golpe de Estado, abolição violenta do Estado democrático e organização criminosa, o ex-presidente foi acusado de dirigir e executar um plano que previa, entre outros desatinos, atentar contra o ministro Alexandre de Moraes,



o presidente eleito, Lula, e seu vice, Geraldo Alckmin. O grupo criminoso envolveu mais 39 pessoas, incluindo ex-ministros do governo e oficiais de várias patentes das Forças Armadas. A julgar pelo que concluiu a PF, especialmente depois da prisão do general Braga Netto, a situação jurídica do ex-presidente ficou extremamente complicada. Ele pode ser sentenciado a uma pena superior a 28 anos de prisão em caso de condenação.

O inquérito reuniu um conjunto de provas e depoimentos mostrando que Bolsonaro, após perder as eleições, elaborou com seus assessores mais próximos planos para impedir a posse de Lula. O ex-presidente já admitiu que conversou com generais sobre a possibilidade de implementar medidas extremas, como a decretação do estado de sítio, mas isso, segundo ele, fazia parte de estratégias de contingência caso se confirmasse que teria havido fraude no processo eleitoral, o que não aconteceu. Sobre o atentado contra Moraes, Lula e Alckmin, redigido por um general que ocupava um cargo no Palácio do Planalto, Bolsonaro afirma que desconhecia a ação. A investigação agora será analisada pela Procuradoria-Geral da República, que pode denunciar ou não os envolvidos ou pedir novas diligências — decisão que deverá ser conhecida apenas em 2025 e que dará início a um processo judicial que pode estender-se por anos. Ainda há, portanto, um longo caminho até o desfecho do caso, mas uma coisa é certa: o cerco ao ex-presidente se fechou. ■

Laryssa Borges



DIVULGAÇÃO

DUPLA AFIADA Tarcísio e Nunes: apoio do governador foi decisivo para triunfo do prefeito na difícil disputa em São Paulo

SAÍDA PELA DIREITA

A **SINALIZAÇÃO** dada pelo eleitor nas disputas municipais deste ano não poderia ter sido mais clara: o caminho escolhido foi pelo centro, com muita inclinação à direita. Juntos, PSD, MDB, PP, União Brasil, PL e Republicanos, por essa ordem de chegada, levaram 65% das 5 570 prefeituras do país — não por acaso, boa parte dessas siglas está entre as mais beneficiadas por emendas parlamentares, que se mostraram decisivas na eleição. O PT, que tentou usar Lula para se recuperar dos vexames de 2016 e 2020, teve um desempenho pífio, com 252 prefeitos eleitos, menos que o antigo rival PSDB (276), cuja morte foi anunciada várias vezes. Nas capitais, o domínio da centro-



direita foi absoluto: apenas duas metrópoles, ambas no Nordeste, foram conquistadas por siglas à esquerda: Fortaleza, com Evandro Leitão (PT), e Recife, com João Campos (PSB) — este, ao lado de Bruno Reis (União) em Salvador, um dos campeões de voto, ambos com 78% de apoio nas urnas. Lula não foi o único cabo eleitoral superestimado. O seu arquiadversário Jair Bolsonaro também enfrentou dificuldades. O PL elegeu quatro prefeitos em capitais, mas só a campanha de Abílio Brunini (Cuiabá) teve envolvimento pessoal do ex-presidente. Outros nomes apoiados por ele foram ao segundo turno, mas perderam, como André Fernandes (Fortaleza), Bruno Engler (Belo Horizonte), Alberto Neto (Manaus), Fred Rodrigues (Goiânia) e Éder Mauro (Belém), todos do PL. Alexandre Rangel nem isso conseguiu no Rio, batido no primeiro turno por Eduardo Paes (PSD). Os governadores se mostraram apoiadores melhores e obtiveram triunfos difíceis em capitais, como Ronaldo Caiado (Goiás), Ratinho Jr. (Paraná), Helder Barbalho (Belém) e Tarcísio de Freitas, o maior fiador de Ricardo Nunes (MDB) em São Paulo. O prefeito da maior cidade viu a ida ao segundo turno ameaçada pelo fenômeno Pablo Marçal (PRTB), mas, ao fim, bateu Guilherme Boulos (PSOL). O candidato de Lula foi quem mais gastou no Brasil (81 milhões de reais), mas naufragou com uma campanha confusa, ideias desgastadas e falta de conexão com as aspirações do eleitor — um resumo do que foi a ampla derrota da esquerda no país. ■

José Benedito da Silva

As principais notícias do Brasil, sempre com você.



Acompanhe as principais notícias do Brasil e do mundo no Blog do PCO. Acesse de qualquer dispositivo, a qualquer hora, com informação confiável e análise de qualidade!

Acesse:

www.blogdopco.com.br



AGÊNCIA CORINTHIANS

ONIPRESENTE Flamengo e Corinthians pela Copa do Brasil: bets estampam os uniformes dos principais times do país

UMA APOSTA DE RISCO

A PERSPECTIVA de ficar rico com apenas um clique no celular tomou conta dos corações e mentes de mais de 22 milhões de brasileiros que se tornaram adeptos das apostas on-line, as populares bets, cujo mercado contabiliza uma receita de 130 bilhões de reais em 2024. Na legalidade desde 2018, mas operando com regulamentação precária, esse universo entrou na mira do atual governo, que criou, por meio de dezenas de portarias, um arcabouço legal para a atividade. Com base nessas regras, 266 sites de mais de 130 empresas entraram com pedido de registro no Ministério da Fazenda e, em outubro, receberam autorização provisória para operar — por outro lado, 5 200 sites ile-



gaís foram retirados do ar. As empresas permitidas terão de pagar uma outorga de 30 milhões de reais e cumprir, a partir de janeiro, um extenso rol de exigências, que inclui políticas de transparência, combate à lavagem de dinheiro, proteção de dados dos usuários, impedimento do acesso de menores de idade e controle de vício dos apostadores.

A ofensiva do governo se deu em meio à pressão de vários setores diante do crescimento da prática. Entidades do varejo mostraram que o jogo já compromete o orçamento de boa parte da população, que deixa de pagar contas ou comprar produto como remédios e alimentos, para usar o dinheiro em apostas. Um relatório do Banco Central botou fogo no debate ao apontar que beneficiários do Bolsa Família gastaram 3 bilhões de reais só em agosto para tentar a sorte. Isso irritou o presidente Lula, que pediu rigor na questão. Em meio à polêmica, a Procuradoria-Geral da República pediu ao STF que a lei sobre o tema seja declarada inconstitucional — a Corte adiou a decisão para 2025. Também para o ano que vem ficou o PL 2234/2022, que legaliza outras frentes de apostas, como bingos, cassinos, corridas de cavalos e jogo do bicho, que passou em comissão do Senado sob protesto de alas conservadoras como os evangélicos. Onipresentes no cotidiano, patrocinando grandes clubes de futebol, em publicidade massiva na TV e nas redes sociais e alavancadas por celebridades, as bets vão chegar a 2025 ainda sob a sombra da insegurança jurídica e prometendo novas polêmicas. ■

Isabella Alonso Panho



GABRIELA CATUNDA/WDHC

DEMISSÃO Anielle sobre episódio com Silvio Almeida: “O que aconteceu comigo foi um crime de importunação sexual”

ASSÉDIO NA CORTE

UM ESCÂNDALO de conotação sexual foi responsável pela primeira grande baixa na Esplanada dos Ministérios. Em setembro, Silvio Almeida, o chefe da pasta que zelava pelos direitos humanos, foi demitido após ser confrontado com acusações de assédio e importunação. Uma das vítimas foi ninguém menos que a ministra da Igualdade Racial. Durante quase dois anos, Anielle Franco enfrentou insinuações grosseiras, comentários embaraçosos e situações constrangedoras que se passavam até mesmo em reuniões oficiais. Sem saber como agir, a ministra primeiro silenciou. Depois pediu ao colega que cessasse as investidas, mas foi ignorada. Rumores sobre o que estava acontecendo passaram a circular por alguns dos mais importantes gabinetes de Brasília, incluindo o do presidente da República. Porém, apesar da gravidade do caso, nenhuma atitude foi tomada até o momento em que um



portal de notícias revelou que denúncias contra o ministro haviam sido formalizadas à entidade que defende os direitos das mulheres. Depois disso, antes convenientemente inerte, o governo agiu com celeridade.

Em menos de 24 horas, uma comissão formada pelos ministros da Advocacia-Geral da União, da Gestão e das Mulheres foi convocada para ouvir o relato de Anielle Franco. Ela contou em detalhes as várias ocasiões em que Silvio Almeida se comportou de maneira imprópria, citou palavras e frases maliciosas que lhe eram dirigidas e descreveu cenas em que foi apalpada — uma delas, inclusive, dentro do próprio Ministério da Igualdade Racial. Na sequência, Lula convocou o ministro e recomendou que ele se afastasse do cargo. Almeida, por sua vez, disse que as acusações eram “ilações absurdas”, recusou a sugestão do presidente e acabou demitido. Advogado e professor universitário, ele nunca falou em público sobre o assunto, mas, de maneira vil, insinuou que as abordagens à colega eram consentidas. Na época, em entrevista exclusiva a VEJA, a primeira depois que o escândalo foi revelado, Anielle reafirmou as acusações: “É importante deixar claro que o que aconteceu comigo foi um crime de importunação sexual”. Também explicou por que não denunciou o colega quando as investidas começaram. “Ficamos com medo do descrédito, dos julgamentos, como se o que aconteceu fosse culpa nossa”, disse. É um dilema comum entre as mulheres que enfrentam esse tipo de situação. A Polícia Federal abriu um inquérito para apurar o caso, que já inclui denúncias de outras supostas vítimas do ex-chefe dos Direitos Humanos. ■

Ricardo Chapola



BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

ACORDO Hugo Motta e Arthur Lira: rara convergência entre governo e oposição para a sucessão na presidência da Câmara

VITRINE DO PODER

FIEL ALIADO de Jair Bolsonaro, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), foi a primeira autoridade a reconhecer a vitória de Lula em 2022. Era, naquele momento, um sinal de que a relação entre o governo e o Congresso, se não fosse das mais afinadas, seria no mínimo pacífica. E assim foi. Dois anos e alguns trancos depois, o balanço pode ser considerado positivo para os dois lados. Lula chegou à metade do mandato com suas principais agendas aprovadas, principalmente as econômicas, e os parlamentares continuaram com a prerrogativa de enviar às suas bases eleitorais 50 bilhões de reais do Orçamento federal, apesar de toda a polêmica sobre a transparência na destinação dos recursos. Essa bolada am-



pliou a influência política e eleitoral dos congressistas — e, ao que tudo indica, nada deve mudar. Em fevereiro do ano que vem termina o mandato de Lira. Nos últimos meses, o deputado alagoano trabalhou pessoalmente para fazer o sucessor, conseguiu uma rara convergência de interesses ao colocar petistas e bolsonaristas no mesmo lado e encerra 2024 com uma relativa tranquilidade para eleger ao cargo seu pupilo Hugo Motta (Republicanos-PB).

No Senado, a bússola também aponta para a continuidade. Se nada mudar, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) substituirá Rodrigo Pacheco (PSD-MG) no comando da Casa. O parlamentar já esteve à frente do Congresso entre 2019 e 2021, comportou-se como um presidente virtual na gestão do senador mineiro, seu aliado de primeira hora, manteve dois ministros de sua cota pessoal no governo Lula e agora pavimenta seu retorno, inclusive já pensando na reeleição em 2027. Para concretizar o ambicioso projeto, Alcolumbre tem negociado com os colegas algumas demandas. Com os governistas, se comprometeu a evitar pautas que provoquem desgastes ao Palácio do Planalto. Para a oposição, disse que não vai se opor ao avanço dos projetos que tratam da anistia tanto aos vândalos do 8 de Janeiro como ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Conciliar todas essas tarefas exigirá mais do que habilidade. Para fechar esse cardápio de acomodações em que todos saem ganhando, ainda se especula que Pacheco e Lira serão agraciados com um ministério — uma forma de ambos continuarem na vitrine do poder. ■

Marcela Mattos



PROVOCADOR Elon Musk pagou para ver, e perdeu: o ministro do STF Alexandre de Moraes suspendeu o X por 38 dias

SOMBRA INCÔMODA

UM PERSONAGEM atravessou o Brasil em 2024 como sombra incômoda e irresponsável: o bilionário Elon Musk. No início do ano, arrogante a não mais poder, ele descumpriu uma série de decisões assinadas pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes em torno da rede social X. Musk ameaçou reativar perfis de usuários bloqueados por ordem judicial em 2022, ano da eleição a presidente, banhada de fake news, e em 2023, quando houve os atos golpistas de 8 de janeiro, em Brasília. Não bastasse a afronta, o empresário atacou Moraes, acusando-o de censura e de ameaçar prender funcionários da plataforma em território nacional.



Pagou para ver, e perdeu. No início de agosto, Musk recebeu ordem para nomear um representante legal da X no Brasil, conforme exigido por lei. Em seguida, subindo o tom, fechou o escritório brasileiro da companhia e demitiu cerca de quarenta funcionários. Moraes reagiu no ato e ordenou a derrubada “imediata, completa e integral” da ferramenta eletrônica. O magistrado impôs, na ocasião, multa de 50 000 reais por dia a toda pessoa ou empresa que usasse qualquer subterfúgio (como as chamadas VPNs) para acessá-la. Após 38 dias de paralisação e muita tensão, Musk piscou. Avisou que pagaria, sim, as multas. E, então, a Procuradoria-Geral da República manifestou-se a favor da liberação das postagens.

A postura de Musk, nomeado por Trump, presidente eleito dos Estados Unidos, como um dos secretários do novo Departamento de Eficiência Governamental, impõe uma discussão relevante e compulsória sobre os limites das redes sociais, agora de agressividade e imposturas. É preciso alguma legislação que barre a desonestidade, sem que represente qualquer tipo de cala-boca à liberdade de expressão, ao contrário. Nada, contudo, apesar da estultice antidemocrática de Musk, autorizaria a provocação da primeira-dama Janja da Silva, que durante um dos eventos do G20, no Rio, em novembro, soltou diatribe inaceitável: “*F... you, Elon Musk*”. Era o que ele queria, virar vítima. E, claro, retrucou a seu modo. Lá no X, anotou como resposta: “Eles vão perder a próxima eleição”. ■

Alessandro Giannini



DESAFINADOS Lula e Haddad: isenção do imposto de renda mina pacote fiscal

CHANCE PERDIDA

O ANO DE 2024 poderia entrar para a história como aquele em que o Brasil finalmente promoveu o tão necessário ajuste fiscal, mas é possível que engrosse a lista dos anos em que, mais uma vez, fracassou nessa tarefa. Desde que assumiu seu terceiro mandato, o presidente Lula viu a dívida bruta da União crescer de 72% para 79% do produto interno bruto (PIB). Exceto pelos 87% do PIB que atingiu em 2020, quando a pandemia de covid-19 desarranjou a economia global, a marca deste ano é a maior desde 1992, ano do impeachment de Fernando Collor e de uma hiperinflação de 1119%. As pressões sobre os gastos são bem conhecidas, provêm da in-



dexação de despesas. Parte delas é vinculada ao salário mínimo, como são os casos da previdência social e do Benefício de Prestação Continuada. Já os gastos mínimos com saúde e educação são porcentagens fixas das receitas federais estabelecidas pela Constituição de 1988. Com a indexação, o crescimento real de parte relevante das despesas ultrapassa o teto de 2,5% determinado pelo arcabouço fiscal.

Para evitar a implosão do arcabouço já em seu primeiro ano de vigência, a equipe econômica se debruçou sobre um leque de medidas de cortes e reestruturação de gastos, debatidas com Lula e diversos ministros. A mobilização nutriu a esperança do mercado de que haveria um ajuste robusto. O pacote anunciado no fim de novembro, porém, frustrou as expectativas. Primeiro, porque veio acompanhado da intenção do Palácio do Planalto de isentar do imposto de renda quem ganha até 5 000 reais. Vista como uma vitória da ala política, a isenção custará 35 bilhões de reais aos cofres públicos. Segundo, o próprio conjunto de propostas para conter os gastos é considerado tímido e insuficiente pelo mercado para estabilizar e depois reduzir a dívida pública como proporção do PIB. A reação foi imediata: o dólar superou os 6 reais, cravando novos recordes. No papel de bombeiro, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, chegou a afirmar que o pacote não era o gran finale do ajuste fiscal e que, se necessário, novas medidas seriam adotadas. Pelo jeito, o assunto continuará quente em 2025. ■

Márcio Juliboni

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO



AFINADOS Roberto Campos Neto (à esq.) e Gabriel Galípolo: a dupla do BC cobra uma “política fiscal crível”

A HORA DA VIRADA

APÓS MANTER TAXAS de juros elevadas por mais de dois anos, necessárias para debelar a inflação causada pelo desarranjo da economia global depois da pandemia de covid-19, os principais bancos centrais do mundo finalmente inverteram a rota. O Banco Central Europeu puxou a fila em junho, ao baixar a taxa do bloco de 4,5% para 4,25% ao ano. Em novembro, os europeus já contavam com juros básicos de 3,4%. O Banco Central da Inglaterra fez o mesmo em agosto, com um recuo de 0,25 ponto percentual em sua taxa, para 5% ao ano. Na reunião seguinte, os juros recuaram para 4,75%. O movimento mais aguardado por investidores, contudo, era o início dos cortes da



taxa básica dos Estados Unidos. Do início de 2022 a meados de 2023, o Federal Reserve catapultou os juros americanos de 0,25% para 5,5% anuais. Após muita expectativa, o Fed finalmente baixou a taxa em 0,5 ponto em setembro. Dois meses depois, anunciou um novo recuo, para 4,75%.

Enquanto seus pares afrouxavam a política monetária, o Banco Central brasileiro caminhou na contramão. Na mesma quarta-feira de setembro em que o Fed iniciou seus cortes, o Comitê de Política Monetária (Copom) lançava uma nova rodada de alta da taxa Selic. Com um ajuste de 0,25 ponto percentual, os juros subiram para 10,75% ao ano.

A resiliência da inflação brasileira, puxada por alimentos e serviços, é um dos motivos para o aperto na política monetária. No acumulado de doze meses até outubro, a inflação chegou a 4,76%, acima do teto da meta de 4,5%. O outro é a dívida pública, que escalou de 72% para 79% do PIB em apenas vinte meses. A preocupação com as contas públicas uniu Roberto Campos Neto, cujo mandato de presidente do BC acaba em 31 de dezembro, e seu sucessor, Gabriel Galípolo, atual diretor de política monetária. Em dezembro, quando o Copom elevou a Selic para 12,25%, ambos endossaram a dura nota sobre a decisão, que sinalizava mais duas altas de 1 ponto percentual até março de 2025 se a inflação não ceder. Galípolo se parece cada vez mais com Campos Neto, para desgosto do presidente Lula, que o considera um “menino de ouro”. ■

Márcio Juliboni

Investimentos

Energia limpa

Para investir com
responsabilidade: governança
sólida e desenvolvimento
sustentável.

O Brasil tem muitos desafios.

Com seu modelo de gestão único e uma cultura empreendedora, a Cosan investe no Brasil de maneira responsável, desenvolvendo os setores de energia, agronegócio, óleo e gás e mineração e gerando valor para investidores, colaboradores e a sociedade.



Acesse:
cosan.com.br/compromisso

Para cada
desafio uma



raízen COMPASS rumo radar moove

BRUNA PRADO/AP/IMAGEPLUS



CADEIRA QUENTE Magda Chambriard: escolhida em maio, ela é a oitava presidente da Petrobras em cinco anos

GIGANTES DE CARA NOVA

A PETROBRAS E A VALE encerraram 2024 sob nova direção — e isso não é apenas uma questão interna. Afinal, elas são as duas maiores empresas do país, com extensa influência na economia. Suas receitas somadas superaram meio trilhão de reais no acumulado do ano até setembro. Seus investimentos em 2024 totalizam 20 bilhões de dólares (cerca de 115 bilhões de reais). Essa montanha de dinheiro faz com que a mineradora e a petrolífera sejam cortejadas por políticos de todos os tons partidários, na esperança de agradar a suas bases eleitorais, seja pelos investimentos que geram empregos, seja pelos polpudos royalties e dividendos distribuídos, seja pelos impostos pagos.



Por isso, a capacidade de se relacionar bem com qualquer pessoa foi determinante para que o conselho de administração da Vale elegeisse Gustavo Pimenta, até então diretor financeiro, para o posto de executivo-chefe. Anunciado no fim de agosto, ele teve a posse antecipada para outubro — o plano original era que substituísse Eduardo Bartolomeo em janeiro de 2025. Pimenta entende seu novo papel. “Seremos uma empresa mais aberta ao diálogo”, afirmou a VEJA NEGÓCIOS, em entrevista publicada na edição de setembro — a primeira concedida após sua promoção. A Vale também apostará na produção de cobre e níquel, metais necessários para a transição energética, e na abertura de novos mercados, para compensar a esperada fredda de sua maior cliente, a China, nos próximos anos.

O presidente Lula até tentou emplacar Guido Mantega, seu ex-ministro da Fazenda, no lugar de Pimenta, mas desistiu diante dos mecanismos de governança que protegem a Vale de ingerências indevidas e da forte reação dos acionistas minoritários. Muito mais fácil para Lula foi substituir Jean Paul Prates por Magda Chambriard no comando da Petrobras em maio. Funcionária da estatal desde 1980, ela recebeu duas missões: impedir que os combustíveis pesem na inflação e encarnar o desejo de Lula de que a empresa impulsione a economia. Chambriard é a oitava presidente da Petrobras desde 2019. A alta rotatividade no cargo mostra quanto é difícil agradar a quem quer que esteja no Palácio do Planalto. ■

Márcio Juliboni



COSTFOTO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

INVASÃO Veículos da montadora BYD chegam ao Brasil: sobretaxa a carros elétricos da China acirra guerra comercial

A GRANDE MURALHA

DAS MONTADORAS AO VAREJO, é difícil encontrar um setor de atividade econômica que não se incomodou com a voraz concorrência da China em 2024. A queixa generalizada de que Pequim pratica *dumping* (a manutenção artificial de preços baixos para ganhar mercado) levou diversos países a impor sanções pesadas a seus produtos. Alguns fronts dessa guerra comercial são bem conhecidos. Um exemplo é o aço chinês, vendido no mercado internacional a preços 10% menores que a média. Em maio, o Brasil elevou a alíquota de importação de onze produtos siderúrgicos de 12% para 25%, a mesma taxa adotada pelos Estados Unidos e pelo Canadá neste ano. Para frear a invasão de roupas e acessórios, o governo brasileiro



criou em julho a chamada “taxa das blusinhas”, com alíquota de 20% sobre compras internacionais de até 50 dólares feitas em popularíssimos sites de comércio eletrônico — até então, elas estavam isentas de imposto, para alegria dos consumidores.

Nada, porém, gerou reações tão acaloradas em 2024 quanto o avanço dos carros elétricos chineses, liderado por montadoras como a BYD e a GWM. Não por acaso, a exportação total de veículos da China cresceu 25% em volume até outubro, para 5,3 milhões de unidades, e 19% em valor, somando 98 bilhões de dólares. A resposta foi imediata. O Brasil decidiu elevar gradualmente o imposto de importação sobre esses veículos de 18% para 35% até julho de 2026. Na União Europeia, a sobretaxa subiu para 38%. Em agosto, o Canadá adotou uma tarifa de 100%. Nos Estados Unidos, o presidente Joe Biden elevou de 25% para 100% a cobrança sobre os carros elétricos chineses. Donald Trump, que o sucederá na Casa Branca em janeiro, promete ainda mais pressão — e não apenas no setor automotivo. O republicano pretende criar uma alíquota mínima de 60% para qualquer produto oriundo da China, a fim de conter o crescente déficit comercial com Pequim, que já beira 300 bilhões de dólares. Até agora, contudo, o contra-ataque global não conteve os chineses, cujo total exportado somava 2,9 trilhões de dólares até outubro, com alta de 5%. Seu superávit comercial subiu ainda mais: 15%, para 785 bilhões. A construção da grande muralha comercial contra a China apenas começou. ■

Márcio Juliboni



TERREMOTO Trump depois do atentado:
intenção de mudar o *status quo*

SANGUE NOS OLHOS

NO AMBIENTE rarefeito da geopolítica, o acontecimento mais impactante deste 2024 que se vai é a eleição de Donald Trump para mais quatro anos na Casa Branca, um feito capaz de transformar os Estados Unidos e reverberar em todos os cantos do planeta. Trump volta com vigor renovado. Mais uma vez subestimado nas pesquisas eleitorais, converteu a previsão de disputa acirradíssima contra a democrata Kamala Harris em vitória confortável e inapelável não só no Colégio Eleitoral como no voto popular, uma conjunção que não acontecia no campo republicano há duas décadas. Indo além, impulsionou os candidatos do partido — sobre o qual hoje



reina absoluto — nos estados com força suficiente para conquistar maioria na Câmara e no Senado. Com a agressividade do punho em riste e rosto ensanguentado, imagem patenteada após sofrer um atentado em campanha, tomará posse em 20 de janeiro, aos 78 anos, como o primeiro presidente desde Grover Cleveland (1837-1908) a deixar uma derrota no retrovisor e se reerguer quatro anos mais tarde.

Trump volta como foi embora, só que mais experiente e mais seguro de si. Uma vez eleito, reforçou que cumprirá integralmente as promessas de campanha: deportação de imigrantes ilegais (“a maior da história”), corte geral de impostos, imposição de tarifas sobre todas as importações, desmonte de agências reguladoras, guerra total ao woke — hoje o maior pecado capital na visão republicana. Priorizando a lealdade sobre a competência, preencheu seu gabinete com nomes para lá de controversos — Pete Hegseth, apresentador da Fox News, levou a Defesa; e Robert F. Kennedy Jr., ativista antivacinas, arrematou a Saúde, entre outros. Sem falar em Elon Musk, o bilionário disruptivo, promovido a conselheiro preferencial da República (*leia na reportagem “Sombra incômoda”*). Tudo o que se viu no curso do ano, principalmente depois de fechadas as urnas, aponta para uma virada crucial: quem mudou não foi Trump, mas sim os americanos, mais conservadores e irritados com a ordem das coisas — a economia, em particular — do que nunca. ■

Amanda Péchy



EXPANSÃO Prédio explode em Beirute:
Israel caça inimigos em toda parte

A LEI DAS BOMBAS

SOB O TRAUMA do ataque-surpresa em que militantes do Hamas massacraram 1 200 pessoas e sequestraram quase duas centenas, Israel encerrou o ano de 2023 bombardeando intensamente a Faixa de Gaza, onde viviam 2 milhões de palestinos. Ao longo de 2024, a chuva de mísseis seguiu, incessante, acompanhada de incursão terrestre, e a guerra contra o Hamas virou uma espécie de passe livre para as forças armadas israelenses caçarem inimigos em toda parte — no Líbano, na Síria, até no Irã, onde operações cirúrgicas evitaram que a explosiva região se incendiasse de vez. Em sua investida, Israel colheu supostos troféus, tingidos de vingança. Ismail Ha-



niyeh, líder do braço político do Hamas, morreu quando uma bomba explodiu sob sua cama durante visita a Teerã. Sayyed Hassan Nasrallah, que comandava o Hezbollah desde 1992, pereceu em seu bunker sob um prédio posto abaixo em Beirute. O trunfo máximo veio com Yahya Sinwar, mentor dos atentados do ano passado, que recebeu uma bala na cabeça quando se escondia em um apartamento em Gaza.

A contrapartida do triunfo militar de uma operação que ainda não acabou é trágica. Ao priorizar a “aniquilação do Hamas”, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu pôs em segundo plano o resgate dos cerca de cinquenta reféns que se supõe ainda vivos. Em toda a extensão de Gaza, cadáveres se empilham, feridos se amontoam e multidões vivem em tendas, mudando de lá para cá conforme as bombas caem. Autoridades locais contam quase 50 000 mortos (dos quais 15 000 terroristas, segundo Israel), entre eles, muitas crianças e idosos. Apesar da pressão do mundo inteiro, a entrada de comida, combustível, remédios e água potável é precária. A ampliação do conflito para o Líbano, que Israel invadiu em outubro para desmantelar o Hezbollah, milícia financiada pelo Irã com o declarado propósito de dizimar o Estado judeu, repete o roteiro de mortes e deslocamento de populações. A eleição de Donald Trump, que apoia a linha dura da coalizão de governo israelense, pode dar a Netanyahu segurança para negociar um cessar-fogo nos seus termos. A esta altura, qualquer acordo é melhor do que nada. ■

Ernesto Neves



HUSSEIN MALLA/AP/IMAGEPLUS

DECAPITADO Rebelde observa estátua derrubada de Hafez al-Assad: investida vitoriosa que ninguém soube prever

UMA DITADURA VAI AO CHÃO

SEM QUE NINGUÉM esperasse, poucos dias antes de 2024 chegar ao fim, uma ditadura de mais de meio século desmoronou e a Síria de repente amanheceu sob um novo governo. Em ofensiva-relâmpago de onze dias, um pouco conhecido grupo rebelde, o Hayat Tahrir al-Sham (HTS), liderado por um jihadista que se declara reformado e adepto da linha pragmática, Ahmed al-Sharaa, desceu de seu reduto no noroeste ocupando tudo no caminho e chegou a Damasco. Vendo seu Exército depor as armas, Bashar al-Assad, déspota cruel que herdou o poder do pai, Hafez al-Assad, fugiu com a mulher, Asma, para a Rússia. Presente nas listas de terroristas procurados do Oci-



dente com o codinome Abu Mohammad al-Jolani, adquirido nos tempos de adesão aos extremistas da Al Qaeda e do Estado Islâmico, Al-Sharaa instalou um primeiro-ministro provisório na Síria, mas é a cabeça do novo governo — tanto que vem mantendo contatos com os países que pediam sua prisão, entre eles os Estados Unidos. Anunciou que quer promover a união nacional e prometeu anistia, menos aos responsáveis pelas barbaridades do regime anterior.

A reação inicial à mudança foi de esperança de dias melhores dentro da Síria supostamente liberada, com moradores derrubando estátuas e rasgando retratos dos ditadores e refugiados tomando o caminho de volta para casa — entre 2014 e 2020, cerca de 6 milhões cruzaram as fronteiras, boa parte deles vivendo até hoje em barracas. Nos demais cantos, outros grupos, entre eles os curdos, aliados dos americanos a noroeste, abriram difíceis negociações sobre seu papel no futuro. Fora da Síria, o clima era de esperar para ver, inclusive por parte da Rússia e do Irã, aliados de primeira hora do presidente deposto, e da Turquia, patrocinadora de grupos rebeldes que agora cava um papel de relevância nos destinos do país. Só quem não esperou nem um minuto foi Israel. Preocupado com mais um potencial inimigo na sua porta, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu despejou bombas sobre bases e arsenais na Síria e liberou a entrada de colonos nas Colinas de Golã, território ocupado e anexado unilateralmente. O novo ano dirá para onde vão soprar os novos ventos sírios. ■

Amanda Péchy



TIRO NO PÉ Macron: antecipar a eleição para tentar preservar seu legado desestabilizou o cenário político francês

NÃO É UM GOVERNO SÉRIO

NINGUÉM ENTENDEU quando Emmanuel Macron, em uma tentativa quase suicida de preservar seu legado, dissolveu a Assembleia Nacional e antecipou uma eleição que era sabidamente perdida — e que ele perdeu. Teria o presidente algum plano maquiavélico, alguma aliança escondida, alguma carta na manga? Nada disso. Da votação saiu vencedora a Nova Frente Popular, uma coalizão de esquerda que abomina o presidente (no que é plenamente correspondida). Em segundo ficou o centrista Renascimento, do próprio Macron, graças a uma relutante aliança de ocasião entre os dois rivais para deter o ímpeto do perigo maior, o Reagrupamento Nacional, partido de extrema direita de Marine



Le Pen, que liderava as pesquisas e acabou em terceiro. Pelos trâmites normais, o cargo de primeiro-ministro iria para a NFP. Macron, depois de protelar a decisão por dois meses, nomeou o apagacêndios Michel Barnier e desagradou todo mundo — seu próprio partido o desautorizou ao dizer que apoiaria seu indicado, mas não lhe daria carta branca. Em novembro, a Assembleia rejeitou a proposta de Orçamento repleto de cortes de gastos que Barnier montou para 2025, apertando ainda mais a corda no pescoço da França, que amarga uma dívida pública equivalente a mais de 6% do PIB, quando o máximo permitido na União Europeia é 3%.

Não deu outra: uma moção de não confiança derrubou o gabinete e Macron, sem dar o braço a torcer, escolheu para primeiro-ministro — o quarto este ano — François Bayrou, um amigão seu e de pouca gente mais. Se vai durar, ninguém sabe. Ao se recusar a “coabitar”, como se diz na França, com a esquerda, Macron colocou-se nas mãos da direita para aprovar qualquer coisa na Assembleia. O RN avisou que estudará cada caso e votará conforme seus interesses. Le Pen pisa com extremo cuidado no terreno minado da política francesa, de olho na eleição presidencial de 2027. Sua ambição, impensável poucos anos atrás, se insere na onda de avanço da direita radical na UE, onde já comanda sete países: Itália, Holanda, Finlândia, Croácia, República Checa, Hungria e Eslováquia. Na Alemanha, que terá eleição antecipada em fevereiro, prevê-se votação expressiva no neonazista Alternativa para a Alemanha (AfD). Todo cuidado é pouco. ■

Caio Saad



TOMAS CUESTA/GETTY IMAGES

RADICAL Milei: mantendo a popularidade, apesar do tratamento de choque na economia e das cutucadas nos vizinhos

CHACOALHADA RADICAL

FAZ UM ANO que os argentinos deram início a um experimento econômico sem paralelo no mundo, ao empossar na Presidência o economista, debatedor de TV e provocador profissional Javier Milei. Autodenominado anarcocapitalista, da linha libertária mais radical, Milei, 54 anos, cabelos perenemente revoltos, chegou botando para quebrar: dizimou subsídios e benefícios, cortou repasses para a área social, reduziu aposentadorias, derreteu gorduras até onde não havia, fechou órgãos do governo e demitiu 30 000 funcionários públicos (quase 10% do acumulado em décadas de populismo peronista) — um enxugamento da máquina de dar inveja a Elon Musk, o bilionário que afia facas



para decepar gastos nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, liberou todos os preços, pôs à venda as estatais e abriu as portas a todo e qualquer tipo de investimento estrangeiro. Dado a extremos também na política externa, seguiu atijando divergências com o presidente Lula e outros desafetos. Em outubro, pediu e obteve a renúncia da ministra das Relações Exteriores, Diana Mondino (vista como a figura mais equilibrada do governo), por ter orientado sua equipe na ONU a apoiar uma proposta de fim de embargo a Cuba.

Na crucial área econômica, Milei, ao longo do ano, colheu louros: a inflação mensal caiu do pico de 25% para 2,7% em outubro e as contas públicas registraram superávits consecutivos em todos os meses de 2024. O custo social, no entanto, foi imenso — segundo dados do próprio governo, o desemprego caminha para 8% e mais da metade dos argentinos (53%) vive hoje na miséria, dependendo de ajuda para comer. Manifestações de setores descontentes pipocam em Buenos Aires, mas a popularidade do presidente segue sólida e ele conta com isso para multiplicar os representantes de seu partido, A Liberdade Avança, no Congresso (hoje tem 39 deputados e sete senadores) nas eleições de outubro próximo. Unha e carne com Donald Trump, de quem espera um empurrãozinho para a entrada de dólares no país, Milei anunciou solenemente em novembro que a recessão acabou, que a economia vai crescer 5% e que a inflação anual não passará de 18% no ano que vem. Os argentinos estão pagando — literalmente — para ver. ■

Caio Saad



ALEXANDR KRYAZHEV/SPUTNIK/AP/IMAGEPLUS

MANOBRAS Maduro: isolado e brigado até com Lula, mas ainda no poder depois de manipular a eleição na Venezuela

DAQUI NINGUÉM ME TIRA

ENTRA ANO, SAI ANO e nada de Nicolás Maduro se desgrudar de seu trono no Palácio de Miraflores, em Caracas, onde se senta há mais de uma década. Em 2024, chegou a parecer próximo disso. Pesquisas confiáveis indicavam que o vencedor da eleição presidencial de julho, com folga, seria seu rival, o diplomata aposentado Edmundo González, um poste elevado a favorito pela popularíssima líder opositora María Corina Machado — ela própria impedida de se candidatar por manobras do Judiciário pró-Maduro. Quando viu a derrota de perto, o ditador venezuelano agiu rápido. Nem bem fechadas as urnas, o Conselho Nacional Eleitoral, controlado por ele, proclamou seu triunfo por 51% a 44% dos vo-



tos. Todo mundo chiou. Manifestantes tomaram as ruas. Observadores internacionais independentes duvidaram do resultado. Fiscais da oposição divulgaram atas de seções eleitorais comprovando a nítida dianteira de González. Europa, Estados Unidos e outros se recusaram a cumprimentar Maduro. O Brasil do presidente Lula, um dos últimos amigos da Venezuela deste lado do planeta, se viu investido do papel de buscar uma saída para o impasse.

De cima do muro, Lula exigiu, antes de qualquer coisa, transparência na divulgação dos relatórios eleitorais. Como isso não aconteceu, as relações foram se deteriorando até chegar ao estado atual, em que a temida milícia bolivariana lança insultos contra a diplomacia brasileira nas redes, Maduro profere provocações e o Brasil bloqueia a entrada do vizinho no bloco dos Brics. Maduro não está sozinho. Conta com a ajuda do Irã e da Rússia para driblar as sanções americanas e escoar parte de sua produção. Também se beneficia da breve suspensão de parte delas, que permitiu que empresas americanas voltassem a operar na Venezuela. As sanções foram reimpostas, mas a autorização não perdeu efeito e os cobiçados dólares continuam entrando. González, temendo pela própria vida, exilou-se na Espanha e promete voltar e assumir “seu” cargo em janeiro, quando a Assembleia Nacional — pró-Maduro — dará posse ao novo presidente. Cada vez mais truculento e mais arrogante, ditando ordens para uma população desesperançada e querendo ir embora, Maduro vai se eternizando no comando do país que destruiu. ■

Paula Freitas



MAX PEIXOTO/GETTY IMAGES

SUBMERSO Beira-Rio: estádio do Inter, em Porto Alegre, ficou vinte dias inundado

TRÁGICO DILÚVIO

NÃO SE DEVE menosprezar a força das mudanças climáticas. É questão de vida ou morte que não reside em futuro distante, mas já se fez presente na história recente do país. Os brasileiros acompanharam atônitos a devastação do Rio Grande do Sul depois de o estado ser atingido, entre o final de abril e o início de maio, por tempestades e enchentes catastróficas. O doloroso saldo: 183 mortos, mais de 2 milhões de cidadãos desabrigados ou afetados de alguma forma pelo desastre e 96% dos municípios em colapso devido às inundações. O Lago Guaíba, que banha Porto Alegre, ganhou força desproporcional e rompeu as comportas que protegem a capital gaúcha, deixando-a submer-



sa enquanto o volume hídrico batia recordes e o nível de água superava 5 metros de altura, ultrapassando o antigo recorde da pior cheia na região, em 1941.

Seguiram-se dias de dor, luto e batalha pela sobrevivência de famílias em abrigos e de ilhados em residências. O país teceu uma rede de solidariedade para envio de itens essenciais, como água e comida, e vibrou a cada resgate. Todas as formas de vida ganharam emocionante importância, caso do emblemático cavalo Caramelo, salvo pelos bombeiros depois de passar quatro dias resistindo em cima de um telhado na cidade de Canoas. A água mudou a paisagem, inundando o Aeroporto Salgado Filho, parcialmente reaberto após 168 dias fechado, e o Estádio Beira-Rio, cujo verde gramado se transformou em um lodaçal marrom durante vinte dias.

Não bastassem as perdas materiais e humanas, as enchentes desataram surtos de doenças. Casos de acidentes com animais peçonhentos, tétano, hepatite A, diarreia e leptospirose alargaram a lista de tragédias do episódio. Um processo de reconstrução sem precedentes tem se desenrolado para a recuperação de prédios públicos, estabelecimentos comerciais e lares, contando com créditos emergenciais para setores vitais, como a agricultura. São os dolorosos ensinamentos que a crise climática tem dado à humanidade. O Brasil a experimentou em uma amostra explícita de que, sem planejamento e vontade política, a boiada cobra caro quando passa sem interrupção. ■

Paula Felix



RAPHAEL ALVES/EFE

EM CHAMAS Golpe na Amazônia: queimadas se espalharam no país, em nefasto retrato da ação humana

DO VERDE ÀS CINZAS

SE ÁGUAS mataram no Sul (*leia “Trágico Dilúvio”*), os campos arderam em outros cantos do Brasil. De celeiro do mundo, o país se transformou em monstruosa chaminé. Nossos quatro principais biomas — Amazônia, Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica — queimaram três vezes mais em 2024 do que no ano passado, acarretando perdas irreparáveis em uma área nativa do tamanho do estado de Roraima. Mesmo os moradores de grandes capitais, mais acostumados ao concreto do que ao verde, sentiram os efeitos dos incêndios à distância. Belo Horizonte, Brasília e São Paulo também viram o céu escurecer, tingido pela fuligem. Sob fumaça, a metrópole paulista, que já convive



com os gases expelidos por automóveis, ganhou manchetes internacionais: tornou-se a cidade mais poluída do globo durante cinco dias consecutivos em setembro.

As queimadas em escala recorde denunciavam o nefasto impacto da soma da ação humana, tantas vezes criminosa ou resultado de inépcia, com as mudanças climáticas. Foram resultado de uma mistura de fatores, como elevação da temperatura, manejo irresponsável da água, devastação de matas nativas e essenciais ao equilíbrio ecológico e falta de chuva em quase todo o território nacional. Com exceção da região Sul, as precipitações começaram a chegar, de fato, só em outubro. A seca foi extrema e castigou sem dó o Pantanal e a Amazônia por muito mais tempo que o habitual — uma das mais importantes hidrovias do Norte, a do Rio Negro, desceu ao menor nível dos últimos 122 anos.

Se o ambiente já era favorável ao fogo, o homem fez questão de acender a faísca. O Brasil ainda é uma das poucas nações que permitem, de forma regulada, o uso de queimadas para liberação de terras. O governo federal bem que tentou evitá-las ao emitir um alerta sobre a necessidade de coibir a atividade, mas não adiantou. Agora a conta a pagar é alta: os recursos para debelar os incêndios superaram os 230 milhões de reais e gastos acima do teto fiscal foram autorizados a fim de apagar as chamas. Superada a crise (por ora), ficam as cicatrizes para um povo que tanto se orgulhou de morar em um país bonito por natureza. ■

Valéria França

EXPANSÃO E INVESTIMENTOS EM HOSPITAIS DE ALTO PADRÃO

Hapvida NotreDame Intermédica, a maior operadora de saúde da América Latina, consolida sua liderança com avanços em estrutura e tecnologia, aliados a altos padrões de qualidade assistencial

Com um investimento de R\$ 2 bilhões, a Hapvida amplia sua estrutura hospitalar com a entrega de dez novos hospitais em todo o Brasil até 2026. O plano de expansão tem como objetivo fortalecer sua infraestrutura, com a construção de novas unidades e aprimoramento das já existentes, aumentando em 1.811 leitos sua capacidade de atendimento.

Esse movimento integra inovação, qualidade assistencial e infraestrutura em uma estratégia unificada, focada em oferecer a melhor experiência para os clientes durante toda a sua jornada de cuidado.

Somente na cidade de São Paulo e na região metropolitana, serão inaugurados quatro novos hospitais, além de prontos

atendimentos, clínicas, unidades de diagnóstico e pontos de coleta laboratorial. Rio de Janeiro, Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco e Mato Grosso do Sul também receberão novas unidades.

QUALIDADE ASSISTENCIAL

A Hapvida reforça seu compromisso com a excelência assistencial para seus 15,7 milhões de clientes. Seu modelo integrado de saúde permite o acompanhamento de toda a jornada dos pacientes, com linhas de cuidado voltadas para uma vida plena. Para garantir altos padrões de qualidade em suas 795 unidades nas cinco regiões do país, a operadora conta com um robusto programa de qualidade: o Qualitotal.

O Qualitotal garante a padronização dos processos internos e ritos de cuida-

do, alcançando os mais altos padrões de qualidade na maior rede própria de saúde do país. Isso traz, além de segurança, altos níveis de satisfação para os clientes. Um reflexo disso é que a operadora apresenta o melhor IGR (Índice Geral de Reclamações da ANS) entre as operadoras de grande porte do país.

ÍNDICES DE EXCELÊNCIA E VISÃO DE FUTURO

A estrutura verticalizada e o sistema integrado da Hapvida permitem o acompanhamento de indicadores de qualidade. São 86 hospitais, 77 prontos atendimentos, 341 clínicas e 291 unidades de diagnóstico que seguem rigorosos padrões de qualidade.

Os resultados impressionam: 76,2% dos pacientes que chegam às emergências da rede são atendidos em até 15 minutos; a taxa SMR no cuidado intensivo é de 0,58, superior ao índice da AMIB 24 (0,76) – valores abaixo de 1 indicam maior eficácia; com o uso de IA e novas tecnologias, 99% dos laudos de eletrocardiogramas são liberados em até 15 minutos. E a taxa de partos normais em toda a rede é de 28,67%, acima da média da ANAHP, que é de 23,75%.

A expansão da rede hospitalar e o compromisso com a qualidade são também reflexos do investimento contínuo da operadora no maior ecossistema de saúde da América Latina. Com mais de 69 mil colaboradores, a Hapvida conecta infraestrutura, pessoas e inovação em uma narrativa única que coloca o paciente no centro de todas as suas ações.



Hapvida NotreDame Intermédica: Expansão e Qualidade Assistencial para milhões de clientes

Ampliação da rede própria até 2026

-  **R\$ 2 bilhões** em investimentos para fortalecer a assistência e a infraestrutura de saúde
-  **10 novos hospitais** + diversas unidades assistenciais distribuídas nas regiões **Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste**
-  **+ 1.800 novos leitos** para garantir mais acesso, qualidade e agilidade no atendimento.

Excelência Assistencial

Qualitotal é um programa de monitoramento contínuo que assegura qualidade e segurança nas unidades da operadora.

-  **Reconhecimento ISQua:** Certificação internacional dos padrões de Qualitotal com mais de 3.500 itens avaliados.
-  **Certificações Qmentum, PALC e PADI:** Reconhecimentos que destacam boas práticas e eficiência no atendimento assistencial.

Indicadores de Qualidade*

A operadora monitora mais de 30 indicadores de qualidade assistencial, incluindo:

-  **76,2%** dos pacientes atendidos em até 15 minutos
-  **99%** dos laudos de ECG em 15 minutos
-  **Taxa SMR de 0,58** (superior à média da AMIB de 0,76)
-  **28,67%** de partos normais (acima da média da ANAHP)

*Dados referentes ao período de Setembro de 2023 a setembro de 2024.



REVELAÇÕES Entre o DNA e o RNA: abertura de um campo de possibilidades para diagnóstico e tratamento de doenças

OS CÓDIGOS DA VIDA

NEM OS DOGMAS da biologia resistem totalmente à evolução científica. Uma dessas leis pregava que a receita de qualquer criatura, das mais simples às complexas, dependia da mesma fórmula: os genes empacotados no DNA emitiam as ordens a serem lidas e traduzidas em forma de proteínas para a construção das células e o disparo das reações químicas que fazem a vida acontecer. Ocorre que o processo não é tão simples e linear assim. Há outra sigla, extremamente relevante nesse enredo, que, agora devidamente decifrada, está ajudando a reescrever a história da medicina: o RNA. Mas melhor seria empregar o plural para tratar da diversidade e especificidade dessas moléculas, que vêm ganhando



do protagonismo nos laboratórios de pesquisa e prometem revolucionar exames e tratamentos. Bem-vindo à era dos RNAs.

A coroação se deu no Prêmio Nobel de Medicina deste ano, concedido aos americanos Victor Ambros e Gary Ruvkun pela descoberta dos micro-RNAs, pequenas partículas que influenciam a regulação dos genes e dão as caras em espécies tão diferentes como vermes minúsculos e seres humanos. Hoje grupos de estudos avaliam a perspectiva de utilizar essas pecinhas, desconhecidas antes dos anos 1990, como biomarcadores para diagnóstico de doenças e terapias contra o câncer e problemas cardíacos e renais.

Trata-se de um novo e promissor capítulo nessa epopeia de avanços médicos, que já nos brindou com as vacinas de RNA mensageiro contra a covid-19, ferramenta crítica para deter a pandemia mundo afora. Não à toa, os dois pesquisadores responsáveis pelos achados que abriram caminho aos imunizantes dividiram a láurea da academia sueca. A tecnologia, baseada nesse outro tipo de RNA, não só poderá render uma próxima geração ainda mais exitosa de vacinas, como também medicamentos contra tumores e outras enfermidades. O futuro, na realidade, já começou. Está disponível no Brasil um remédio semestral para controle do colesterol cujo princípio ativo é um RNA de interferência (sim, outra variante da molécula). Definitivamente, o DNA não está mais ditando sozinho as regras do jogo genético. Sorte da humanidade. ■

Diogo Sponchiato

O BOM FILHO A CASA TORNA



NIELS ERIK JEHRBO/MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA

RELÍQUIA O artefato confeccionado pelo povo tupinambá há 350 anos: agora no Museu Nacional do Rio



NA ÚLTIMA SEMANA de junho, o Manto Tupinambá de penas vermelhas confeccionado por indígenas há mais de 350 anos deixou o Nationalmuseet, o Museu Nacional da Dinamarca. Cuidadosamente removido da vitrine onde repousava, ele foi instalado em um “ninho” de papelão dentro de uma caixa de madeira especialmente projetada para suportar a longa viagem. Dias depois, o artefato chegou ao Brasil, sob sigilo, encerrando um litígio que durou mais de duas décadas.

A disputa teve início em 2000, quando representantes do povo tupinambá redescobriram o paradeiro da relíquia e deram início a uma campanha pelo seu regresso. O desfecho, no entanto, só veio em 2023, depois de intensas negociações, quando o governo dinamarquês anunciou o processo de devolução. Após o retorno, uma das ideias é criar um espaço onde os indígenas possam realizar rituais diante da peça, relevante para eles e para a história do Brasil.

Considerados sagrados pelos tupinambás, os mantos eram utilizados em cerimônias especiais, como assembleias, funerais e práticas antropofágicas — quando alguns povos nativos comiam a carne do inimigo em rituais de guerra e vingança. Não se sabe ao certo como o item foi parar na Dinamarca. O primeiro registro de sua presença por lá data de 1689, mas especula-se que possa ter sido fabricado até um século antes. É provável que tenha integrado a coleção de Frederico III, tataravô do atual monarca dinamarquês, Frederico X, que assumiu o trono em janeiro.

Com cerca de 1,20 metro de altura e 80 centímetros de largura, o manto, confeccionado por meio de técnicas ancestrais, é considerado um dos exemplares mais bem preservados entre os poucos itens remanescentes dos séculos XVI e XVII. Hoje, existem outros dez mantos tupinambás catalogados, todos localizados na Europa. Quatro deles estão no mesmo museu de Copenhague, armazenados em caixas metálicas na reserva técnica, fora de exibição pública.

No Brasil, o manto de penas de guará encontra-se agora sob a guarda do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, onde chegou enevoadado em polêmicas. Do lado de lá do Atlântico, a ala conservadora da política dinamarquesa criticou duramente a devolução, classificando-a como uma “concessão ao decolonialismo”. Já por aqui, os indígenas criticaram a pouca transparência no processo de repatriação e a falta de acesso à peça durante sua chegada. De acordo com representantes tupinambás, o mistério que cercou o retorno do artefato impediu a realização de rituais simbólicos essenciais para o acolhimento do elemento sagrado. Ainda assim, corrigido o erro, a comunidade celebrou o regresso com três dias de festas e ritos. Mais de 200 representantes indígenas tupinambás vieram saudar o velho conhecido. Até mesmo o presidente Lula esteve presente. Em coro, entoava-se: “Nós somos os filhos, netos e bisnetos do Manto Tupinambá”. Demorou três séculos, mas o símbolo sagrado estava, finalmente, de volta a casa. ■

Marília Monitchele



DIVULGAÇÃO

ÊXITO A cápsula espacial da SpaceX, a primeira viagem conduzida por uma equipe privada: missão dada, missão cumprida

ÓRBITA DE DESAFIOS

FOI HISTÓRICO. No centro dos avanços da conquista espacial em 2024 esteve a missão Polaris Dawn, que marcou a primeira viagem conduzida por uma equipe privada. Jared Isaacman, bilionário e piloto responsável pela nave, e Sarah Gillis, engenheira da SpaceX, realizaram um breve passeio fora da cápsula Crew Dragon a 700 quilômetros da superfície terrestre, no ponto mais alto da órbita atingido por humanos em mais de cinco décadas.

A caminhada espacial, realizada em trajes especiais, foi um teste crítico para o futuro das missões comerciais, seja no preparo de expedições visando ao reparo de satélites privados, seja na




busca de metas ousadas como a colonização de Marte. Isaacman e Sarah moveram-se de forma calculada, seguindo uma coreografia precisa, enquanto os dois tripulantes restantes permaneceram dentro da cápsula despressurizada, também equipados para sobreviver ao vácuo do espaço. “Daqui parece um mundo perfeito”, refletiu o líder da empreitada ao observar a Terra.

A missão patrocinada por Isaacman representou a maior altitude alcançada por seres humanos ao léu, soltos no cosmo, desde o programa Apollo, da Nasa, entre o fim dos anos 1960 e o início dos 1970. A aventura de agora não apenas empurrou os limites tecnológicos, mas também solidificou o papel da SpaceX, do bilionário Elon Musk, e seu projeto de tornar o espaço mais acessível, ainda que para os endinheirados e numa empreitada não isenta de riscos.

Pois os reveses continuam à espreita, como lembrou a estadia forçada e prolongada dos astronautas Sunita Williams e Barry Wilmore na Estação Espacial Internacional após falhas técnicas da cápsula Starliner. Enquanto a Polaris Dawn celebrava conquistas históricas, a nave da Boeing retornava vazia à Terra, em um esforço para recuperar a confiança no programa. O resgate da dupla, previsto para 2025, será realizado por uma Crew Dragon, em uma solução emergencial que simboliza tanto os progressos quanto os obstáculos do setor. A civilização atingiu novas alturas, mas a transição da ficção científica para a realidade continuará sendo uma odisseia de desafios. ■

Ligia Moraes

APRESENTADO POR  Safira

WATTS INTELIGENTES PELA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Com base no trabalho de um time qualificado de especialistas • **SAFIRA ENERGIA**

O setor de energia atua como motor da economia global. Por isso mesmo, responde por boa parte das emissões globais de gases causadores de efeito estufa: 73%. Como aponta um relatório recente produzido pela MIT Technology Review, a fim de alterar esse cenário, as principais tendências para o futuro são o investimento em inovação em energias renováveis, a melhoria da qualidade do armazenamento e a eficiência energética.

E é nesse contexto que a Safira Energia se posiciona, colocando à disposição do mercado seus mais de 17 anos de história. Seu trabalho é apoiado pelos “watts inteligentes”, como são conhecidos os integrantes de um time de especialistas altamente qualificado, capaz de contribuir para que as organizações otimizem o consumo, reduzam custos e adotem fontes de energia limpa, como a solar ou eólica.

“O setor elétrico brasileiro precisa se transformar”, avalia Mikio Kawai Jr., CEO da companhia.

Em outras palavras, a Safira Energia não é apenas uma comercializadora: ao atuar como um hub de inovação em energia, ela se destaca ao oferecer soluções inovadoras e personalizadas que revolucionam o mercado energético. O objetivo é ajudar as pessoas a economizarem, pelo menos, 10% da conta de energia, consumindo energia limpa e por meio digital.

DISRUPÇÃO NA PRÁTICA

Essa proposta se distribui entre diferentes frentes de atuação. “O Safira Solar+ democratiza o acesso a uma energia limpa e renovável”, cita Denilson Santos, CEO do Safira Solar+.

Já o Safira Simples desburocratiza a portabilidade de energia, com descontos que podem chegar a 40%. “Ao escolher a Safira como fornecedor de

energia, o cliente tem autonomia, podendo negociar preços e prazos de pagamento diretamente com a empresa. Tudo de forma simples e digital”, descreve Rodrigo Moraes, coordenador comercial da Safira Energia.

Por sua vez, o Safira Livre é voltado para grandes empresas que já atuam no Mercado Livre de Energia, oferecendo o suporte do melhor time de especialistas, com inteligência de mercado, meteorologia e trading de energia.

Além disso, acompanha a crescente demanda por eletrificação de frotas com soluções em eletromobilidade, ideais para empreendedores, condomínios comerciais e outros segmentos. “Auxiliamos em todo o processo de migração com o serviço de representação e gestão do contrato”, informa Felipe Brito, gerente comercial da Safira Energia. “Atuamos para catalisar as mudanças pelas quais o setor vem passando”, finaliza o CEO Mikio Kawai Jr.

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

MONTAGEM COM IMAGENS DE VITHUN KHAMSONG/MOMENT/GETTY IMAGES; ISTOCK/GETTY IMAGES



RECONHECIMENTO O Nobel e o impacto das inteligências artificiais: tecnologia entrou no cotidiano das pessoas

AS MÁQUINAS APRENDERAM

UM DIA, QUEM SABE, um robô movido a inteligência artificial (IA) levará um Prêmio Nobel — e então a civilização voltará a celebrar o conhecimento, porque assim caminha a humanidade. Enquanto esse tempo não chega (e, insista-se, talvez não demore tanto assim) deu-se em 2024 um extraordinário passo: as láureas de física e química contemplaram aplicações embebidas de algoritmos, que entraram definitivamente na vida cotidiana das pessoas neste primeiro quarto do século XXI. Dito de outro modo: a Academia Sueca, que não é boba nem nada, tratou de glorificar a IA, porque os tempos mudaram.



O Prêmio Nobel de Física, entregue para John J. Hopfield, da Universidade Princeton, e Geoffrey E. Hinton, da Universidade de Toronto, reconheceu a relevância das redes neurais e do “aprendizado de máquina”. Essas tecnologias, deflagradas no século passado, formam as bases essenciais para o desenvolvimento de sistemas computacionais capazes de criar textos, imagens e vídeos — um dos principais temas em rodas de discussão desde o surgimento do ChatGPT, em 2022, com consequências profundas na medicina, na programação e também na economia mundial.

Na química, a condecoração foi para a outra ponta de pesquisa, atenta ao uso prático, no cotidiano, das IAs. Ao agraciar David Baker, da Universidade de Washington, e Demis Hassabis e John M. Jumper, do Google DeepMind, o Nobel destacou o necessário e belo caminho de convergência entre as ciências. Ao aproximar a programação de computadores com pesquisa básica, o trio foi pioneiro ao utilizar o cérebro eletrônico, agora capaz de aprender de maneira quase autônoma, para criar e olhar de perto proteínas fundamentais na engenharia e na biomedicina. Era uma demanda de décadas, complexa demais para a capacidade analítica humana, mas que agora ganhou ferramentas que abrem espaço para um melhor entendimento do mundo biológico e para uma torrente de inovações. É um movimento prolífico — ao infinito e além —, qualificado para aproximar os profissionais de laboratório, um tantinho encastelados, do dia a dia da sociedade. Sinônimo: inteligência, pouco importa se real ou artificial. ■

Luiz Paulo Souza

REDE D'OR CONTRATA TIAGO MACHUCA, BRASILEIRO LÍDER EM CIRURGIA TORÁCICA NOS EUA



CIRURGIÃO, COM REPUTAÇÃO INTERNACIONAL, RETORNA AO BRASIL PARA LIDERAR A ÁREA DE MEDICINA RESPIRATÓRIA DE ALTA COMPLEXIDADE DA EMPRESA

EXCELÊNCIA EM MEDICINA RESPIRATÓRIA

SAIBA MAIS SOBRE O DR. TIAGO MACHUCA E CONHEÇA O TIME COMPLETO DE ESPECIALISTAS EM MEDICINA RESPIRATÓRIA DE ALTA COMPLEXIDADE DA REDE D'OR.



SAIBA MAIS

A Rede D'Or, maior empresa de saúde da América Latina, reforça seu time técnico contratando o médico Tiago Noguchi Machuca, um dos mais renomados cirurgiões torácicos do mundo, reconhecido por tratar casos, até então, inoperáveis. Ele vai liderar um projeto nacional da empresa com foco na medicina respiratória, cirurgia torácica de alta complexidade e transplante pulmonar.

Depois de passar por universidades renomadas pelo mundo, em 2022 o Dr. Tiago Machuca assumiu o comando do programa de transplante pulmonar do Miami Transplant Institute (MTI). É um dos pioneiros mundiais no transplante de pulmão em pacientes com sequelas graves de COVID-19. Em sua

carreira, já realizou mais de 1.000 cirurgias robóticas, 500 ECMOs e 650 transplantes pulmonares.

Em 2024, ele retorna ao Brasil para liderar uma equipe multidisciplinar com mais de 50 profissionais na Rede D'Or. Seu objetivo é trazer aos brasileiros o que há de melhor em termos de assistência para doenças pulmonares complexas, como câncer de pulmão, enfisema pulmonar e transplantes, elevando o padrão de cuidado no país.

“Contribuir para o desenvolvimento da minha área no meu país, depois de 15 anos fora, é muito marcante. Com as equipes que estamos montando e o parque tecnológico da Rede D'Or, vou poder oferecer para os pacientes brasileiros opções tão avançadas quanto as dos EUA”, afirma.

UM PROJETO PARA TODO O BRASIL

A contratação faz parte de um projeto que começou a ser desenhado há cinco anos. De acordo com o fundador da empresa, o cardiologista Jorge Moll, a Rede D'Or vem se preparando para oferecer novas opções de tratamento e mais qualidade de vida aos pacientes. “Imagine se grandes talentos brasileiros, que se tornaram líderes em prestigiados centros de medicina internacionais, decidissem retornar ao Brasil no auge de suas carreiras para formar um verdadeiro time de estrelas. É isso que estamos fazendo”, diz Moll.

Com um olhar direcionado para o futuro, a Rede D'Or pretende não apenas deixar sua marca na medicina de alta complexidade torácica, como também contribuir com a melhoria nos indicadores médicos no país.



ELSA/GETTY IMAGES

É CAMPEÃ! Simone (à esq.) e Jordan se dobram para Rebeca: um pódio histórico

ODE À RAINHA

A OLIMPÍADA DE PARIS deixou à história do esporte algumas cenas memoráveis que, captadas pela potência das lentes modernas, exibem em detalhes aquele extraordinário movimento que extrapolou os limites humanos, seja pelo ineditismo, seja pela pura beleza que tocou os mortais na arquibancada. Mas nesses Jogos, que ocorreram sob a espetacular moldura da Cidade Luz, com todos os seus principais monumentos enfeitando a festa, um dos mais emocionantes momentos se desenrolou depois de uma competição, quando a batalha por medalhas já havia terminado. O palco era a Arena Bercy, onde o pódio espan-
tou o público pela ordem dos fatores — no alto, com a medalha



de ouro orgulhosamente pendurada no pescoço, estava Rebeca Andrade, a paulista de 25 anos e 1,55 metro que se agigantou e, contrariando as bolsas de aposta, venceu a prova do solo. Ninguém acreditou. Não que ela não tenha sido espetacular em suas piruetas sobre o tablado. A questão é que sua grande rival era a até então imbatível Simone Biles, 27 anos, a americana colecionadora serial de láureas douradas.

Naquele 5 de agosto, porém, Simone, até ela, errou uma, duas vezes, apesar da coreografia de um patamar de deixar a todos de boca aberta, ficando com a prata — e Rebeca, merecidamente, virou protagonista. Se terminasse ali, a história já seria de tirar o fôlego, tamanha a superação embutida, mas teve mais. Num gesto de admirável *fair play*, Simone uniu-se à também americana Jordan Chiles (*à dir.*), dona do bronze que acabaria perdendo para uma ginasta romena numa contenda judicial que ainda se arrasta. E ambas se dobraram para Rebeca, fazendo uma inesquecível reverência à decidida garota que saltou da pobreza em Guarulhos, com o impulso do irmão que sempre a conduzia aos treinos, não raro a pé, e da mãe, que criou uma prole de sete filhos sozinha, para se tornar a maior medalhista brasileira em torneios olímpicos, com seis delas. Durante as apresentações da ginástica artística em Paris, o ginásio esteve polarizado — a torcida de Rebeca de um lado e a de Simone, com estrelas hollywoodianas, de outro. No histórico pódio que consagrou a brasileira, embalada por gritos de “rainha, rainha”, só havia lugar para paz e talento. ■

Monica Weinberg



ALILE DARA ONAWALE/DIVULGAÇÃO

TRAGÉDIA FAMILIAR *Ainda Estou Aqui:*
o impacto cruel da repressão em um lar amoroso

CHOQUE DE REALIDADE

O SELO “baseado em uma história real” é poderoso: filmes, séries, livros e até discos que espelham fatos verídicos sempre tiveram apelo irresistível. Mas o ano de 2024 foi particularmente pródigo nisso. A realidade está no drama do clã do ex-deputado Rubens Paiva, morto pela ditadura, no longa *Ainda Estou Aqui*, embasa as séries *Xógum* e *Bebê Rena* e alguns dos livros do ano. De forma menos direta, inspira também a animação *Divertida Mente 2*, que fala de um mal concreto: a epidemia de ansiedade. Em tempos de incertezas e foco na saúde mental, a vida como ela é virou um mote de peso nos melhores do entretenimento de 2024, como se confere a seguir.



CINEMA

1 AINDA ESTOU AQUI (BRASIL, 2024)

Entre as habilidades essenciais para fazer cinema está a capacidade de transformar dilemas humanos e crises políticas e sociais em entretenimento — alcançando, assim, um maior número de pessoas. O ano de 2024 testemunhou exemplos notáveis de produções que encararam com brilho esse desafio. Entre elas, uma pérola nacional: adaptação do livro de mesmo nome de Marcelo Rubens Paiva, *Ainda Estou Aqui* volta ao passado do país para narrar um drama familiar ligado ao Brasil dos dias de hoje. A trama se inicia com o casal Rubens e Eunice Paiva no acalorado verão do Rio de Janeiro. A rotina idílica da família é interrompida bruscamente quando agentes da ditadura militar invadem a casa e levam Rubens, um engenheiro e ex-deputado, para prestar depoimento. O drama real é amplamente conhecido: morto sob tortura, Rubens nunca mais foi visto. Delicado e contundente, o filme então se volta para Eunice, interpretada de forma acachapante por Fernanda Torres — e pela mãe da atriz, Fernanda Montenegro, na velhice. Com cinco filhos, a dona de casa teve de se reinventar. Ela voltou a estudar, se tornou advogada e buscou incansavelmente informações sobre o marido, vivido no filme por Selton Mello. Candidato brasileiro ao Oscar de 2025, o longa amplia com elegância o currículo do diretor Walter Salles. Nome por trás do aterrorizador *Terra Estrangeira* (1995), do emotivo *Central do*

Brasil (1998) e do poético *Abril Despedaçado* (2001), Salles tem uma visão perspicaz sobre o país: entre a desilusão e a esperança, seus filmes refletem a ação humana possível diante de enormes desafios existenciais — sempre mirando o futuro, mas sem deixar de lado o passado.

2 DIVERTIDA MENTE 2 (ESTADOS UNIDOS, 2024)

O transtorno de ansiedade é o mal do século e atinge cerca de 300 milhões de pessoas no mundo — o que ajuda a



DISNEY PIXAR

SAÚDE MENTAL *Divertida Mente 2*: fenômeno de bilheteria fala sobre a epidemia global de ansiedade

explicar o sucesso arrebatador da animação que marcou o ano, batendo recordes de bilheteria. Sequência do filme da Pixar de 2015, *Divertida Mente 2* entra em um terreno assustador: a mente nada equilibrada de uma pré-adolescente que, ao mesmo tempo que tenta moldar sua personalidade e entender quem é, ainda deve lidar com as novas emoções que chegam sem aviso prévio. A começar pela intransigente Ansiedade — a personagem alaranjada toma para si a central de controle que governa as ações da garota, escanteando a eufórica Alegria, até então a líder por ali. Junto com a novata inquieta, os sentimentos Tédio, Inveja e Vergonha também ajudam a causar uma confusão generalizada na cabecinha da jovem, que precisa aprender a lidar com os novos moradores na marra. Visto por mais de 20 milhões de pessoas no Brasil, o longa de Kelsey Mann arrecadou 1,69 bilhão de dólares no mundo, conquistando o posto de animação mais rentável de todos os tempos. Com uma sensibilidade ímpar e uma estética de encher os olhos, o filme agradou a adultos e crianças — e trouxe o tema espinhoso para as rodas de conversa de famílias e amigos. Uma vitória e tanto contra a danada de cor laranja.

3 A SUBSTÂNCIA (ESTADOS UNIDOS/FRANÇA/REINO UNIDO, 2024)

Ex-estrela decadente de Hollywood, Elisabeth (Demi Moore) agora apresenta um vergonhoso programa de ginástica na TV. O cenário ruim fica pior: aos 50 anos de idade, ela é

considerada velha demais para a função e acaba demitida pelo canal. O desejo de beleza e juventude a leva a um procedimento estético misterioso e para lá de exagerado: a mulher deve aplicar na veia uma substância amarelada que fará sair de dentro dela (literalmente) uma garota linda e esbanjando colágeno, papel de Margaret Qualley. Mas há uma pegadinha. As duas versões devem se revezar: uma vive sete dias, enquanto a outra fica em uma espécie de coma, ligada a uma alimentação intravenosa, até trocarem de lugar por mais sete dias — dinâmica que não funciona assim tão bem. Obra da diretora e roteirista francesa Coralie Fargeat, o filme cavou trincheira no terreno da cultura pop, ensejando desde análises profundas até os famigerados memes. O roteiro sagaz foi premiado no Festival de Cannes por iluminar, usando ferramentas do *body horror* — o terror corporal —, as absurdas pressões pela beleza vividas por mulheres de todas as idades. De quebra, trouxe Demi Moore, relegada por Hollywood justamente por envelhecer, ao lugar da protagonista.

4

DUNA: PARTE 2
(ESTADOS UNIDOS, 2024)

Denis Villeneuve estabeleceu no primeiro filme, de 2021, as bases do universo criado por Frank Herbert no livro *Duna* (1965). A continuação foi além do estupor contemplativo do longa anterior, com roteiro que equilibra tensão e emoção e se embrenha no tema principal da história: a perigosa

mistura da política com a religião. Timothée Chalamet (Paul Atreides) e Zendaya (Chani) reforçam o espetáculo que devolveu ao cinema de fantasia o frescor que andava sumido desde *O Senhor dos Anéis* (2001).

5 GUERRA CIVIL (ESTADOS UNIDOS/REINO UNIDO/FINLÂNDIA, 2024)

Com o brasileiro Wagner Moura no elenco, o filme do cineasta Alex Garland imagina um confronto armado em solo americano, motivado por um elemento bem palpável hoje: a polarização política. A trama observa a guerra civil e a banalidade da violência pelos olhos de um grupo de jornalistas, formado pelo personagem de Moura e pela fotógrafa de guerra vivida por Kirsten Dunst. Acostumada aos horrores de regiões em conflito, ela reflete sobre os limites que transformam humanos em inimigos. ■

ÉPICO Hiroyuki
Sanada como lorde
Toranaga: história com
DNA japonês arrasou
no Emmy 2024



DISNEY+

TELEVISÃO

1 **XÓGUM: A GLORIOSA SAGA DO JAPÃO (DISNEY+)**
Produzido pelo estúdio FX e baseado no livro clássico de James Clavell, o épico *Xógum* surpreendeu muita gente ao arrebatrar nada menos do que dezoito estatuetas do Emmy, maior premiação da TV americana. Mas seu êxito não deveria causar espanto. Ao contrário: ele resume uma nova ordem que já se anunciava e se impôs de vez nas produções televisivas no ano de 2024. A suntuosa série é falada em japonês, com elenco

majoritariamente local e gravada no Canadá — um espírito multicultural que resume a era da globalização no streaming. No século XVII, o lorde Toranaga (Hiroyuki Sanada), senhor feudal que integra um conselho de regentes do Japão, se vê encurralado pelos colegas que temem a escalada de seu poder e tramam por sua deposição do cargo e morte. Para escapar do plano de seus rivais, Toranaga aproveita a chegada de um navegante inglês protestante, John Blackthorn (Cosmo Jarvis), para iniciar um complexo jogo de xadrez político entre os senhores do conselho e os padres que vinham expandindo a força da Igreja Católica no país e intermediando negócios com Portugal. A história mistura intrigas políticas, cenas de luta bem coreografadas, atuações excelentes e uma cenografia impecável que retrata o Japão e seus costumes mais antigos. Com fidelidade ao episódio real do período Xogunato Tokugawa (1603-1868) e roteiro arrojado, a série é um luxo só — e veio para fazer história.

2 **RIPLEY (NETFLIX)**

Dois anos antes do centenário da ácida escritora americana Patricia Highsmith, em 2019, o canal Showtime anunciou uma nova adaptação em série da saga de *O Talentoso Ripley*, publicado em 1955 e já filmado seis vezes para o cinema. Por idas e vindas de Hollywood, o resultado só chegou cinco anos depois — e foi parar na Netflix, onde rebateu o ceticismo de quem considerava a história de Highsmith esgotada na tela.

Com atuação primorosa de Andrew Scott no papel do imperscrutável golpista Tom Ripley, os oito episódios fogem do idílio litorâneo e retratam uma Itália cheia de pedregulhos e escadas escuras em preto e branco, recurso ideal para estabelecer a atmosfera noir em torno dos crimes do personagem, que mente e mata para adentrar sem escrúpulos a alta sociedade europeia. Sagaz, o roteiro de Steve Zaillian, da cultuada *The Night Of*, ainda tece correspondências saborosas entre o protagonista e o pintor Caravaggio, ao falar de crimes passionais, de homens marginalizados e da arte do crime com sofisticação — honrando, assim, o antológico romance original.

3 HACKS – TERCEIRA TEMPORADA (MAX)

Lançadas em 2021 e 2022, as duas primeiras temporadas de *Hacks* seduziram uma audiência cativa graças à sua adorável trama de gato e rato — ou melhor, de gata e rata. O que está em foco na série cômica de episódios ligeiros é a relação tumultuada, porém cheia de sensibilidade e ironia, entre a veterana humorista do stand-up Deborah Vance (Jean Smart) e a roteirista Ava (Hannah Einbinder), jovem da geração Z que acabou de ser cancelada na internet e demitida de seu programa — e então abraça a missão de modernizar o repertório da humorista decadente. Para além desse mote, *Hacks* se revela, em tudo, uma delícia — e se superou com louvor em sua inspirada terceira temporada, que foi lançada este ano. A dupla inicia a nova leva de episódios separada, desfrutando de seus res-



HBO MAX

AMIGAS E RIVAIS Ava e Deborah:
parceria tóxica embala melhor sitcom atual

pectivos êxitos profissionais. Inevitavelmente, claro, as duas se juntam mais uma vez por um objetivo nobre — Deborah finalmente terá seu próprio talk show na televisão. A parceria, como sempre, termina em trombadas hilárias, confirmando que se está diante da melhor sitcom atual.

4 BEBÊ RENA (NETFLIX)

No universo da televisão de 2024, *Bebê Rena* cruzou os céus como cometa vistoso — e incômodo. Ao narrar a história do aspirante a comediante e bartender Donny (Richard Gadd), que vê sua vida se tornar um inferno ao conhecer Martha (Jessica Gunning), cliente de seu pub em Londres

que se revela stalker obsessiva, a série ilustrou os dilemas de retratar a vida real na tela — marca registrada da TV no ano que passou. A minissérie é inspirada na vida de Gadd, que vive a si mesmo, e o empurrou para o sucesso mundial com o roteiro sobre um homem que não consegue escapar da loucura de sua perseguidora. Estreando sem alarde, a produção virou hit no boca a boca. Não sem polêmica: a mulher real que inspirou a personagem move um cabeludo processo contra a Netflix.

5 PINGUIM (HBO)

Se nos cinemas as adaptações da DC Comics acumulam resultados frustrantes, o mesmo não pode ser dito das séries de TV. *Pinguim* é o exemplo lapidar disso. Ambientada em uma Gotham destruída pelo Charada no filme *The Batman* (2022), a série se afasta do universo dos heróis e entrega uma história de máfia daquelas com reviravoltas e, claro, muitas mortes. Acompanhamos a ascensão de Oswald Cobb, o Pinguim (Colin Farrell), para se tornar o maior mafioso da cidade. Irreconhecível na pele do vilão, o irlandês Farrell apresenta uma interpretação memorável. Cobb é um daqueles malfeitores carismáticos que amamos odiar. O amor pela mãe e seu carinho pelo jovem pupilo Victor (Rhenzy Feliz) adicionam-lhe camadas de humanidade que quase nos fazem esquecer que é um inimigo mortal do Batman. ■

MÚSICA



1 COWBOY CARTER BEYONCÉ (PARKWOOD ENTERTAINMENT/ COLUMBIA/SONY)

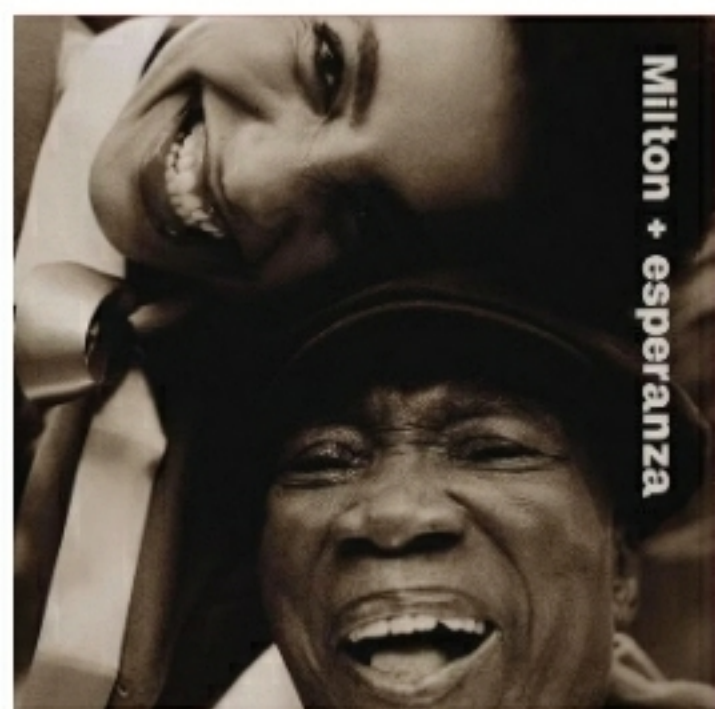
O ano de 2024 cravou de vez o nome de Beyoncé como artífice da inovação musical. Com uma carreira longa no pop e no R&B, a texana abraçou as raízes sulistas e lançou seu primeiro álbum country. O

RAINHA DA BOIADA

Beyoncé com seu visual *country* *fatale*: resgate das raízes negras do gênero

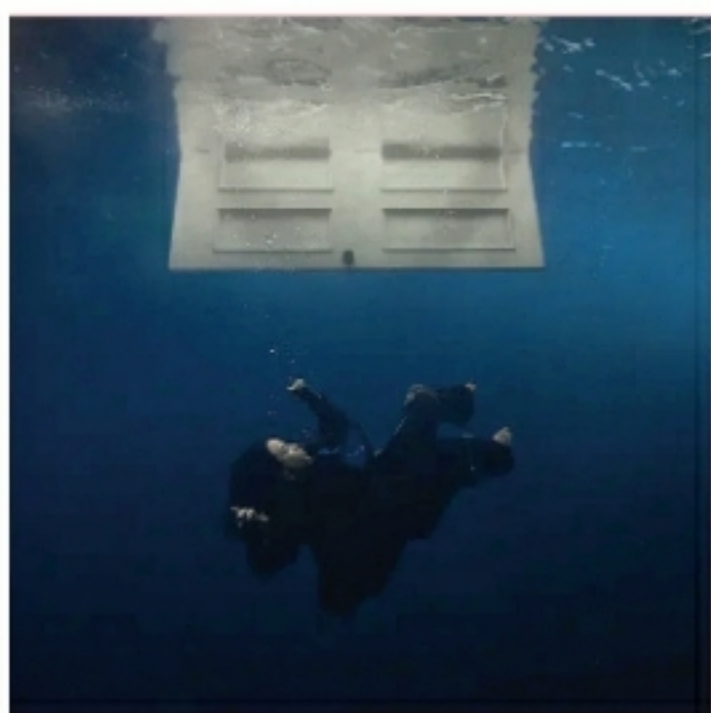


disco gerou barulho antes mesmo do lançamento: primeiro single do trabalho, *Texas Hold 'em* foi inicialmente rejeitado por uma rádio do Meio-Oeste americano, ensejando discussões sobre racismo e apagamento de artistas negros do gênero. Ligada a regiões rurais dos Estados Unidos, a música country virou símbolo do conservadorismo e da branquitude americana. O trabalho de Beyoncé cutuca esse vespeiro e recupera as raízes históricas do gênero, incluindo as talentosas mãos negras que ajudaram a forjá-lo e que foram silenciadas pela segregação. Com pesquisa histórica extensa e produção grandiosa, o álbum fez de Beyoncé a artista mais indicada ao próximo Grammy.



2 MILTON + ESPERANZA **MILTON NASCIMENTO E ESPERANZA SPALDING (CONCORD)**

Mesmo longe dos palcos, Milton Nascimento, aos 82 anos, não se aposentou da música. Seu álbum em parceria com a contrabaixista americana Esperanza Spalding, 40, traz composições inéditas e releituras de clássicos com participações das mais especiais. Entre elas, Paul Simon cantando em português a inédita *Um Vento Passou*. Das regravações, *Cais* virou um emocionante dueto entre Milton e Esperanza. Já *Saudade dos Aviões da Panair* tem Esperanza com Lianne La Havas, Maria Gadú, Tim Bernardes e Lula Galvão. O disco ainda homenageia Wayne Shorter, amigo de longa data de Milton, morto em 2023, em *When You Dream*.



3 HIT ME HARD AND SOFT **BILLIE EILISH (DARKROOM/INTERSCOPE)**

Na contramão dos álbuns longos que dominaram 2024, o terceiro disco de Eilish convence sem rodeios, com apenas dez músicas, provando que tamanho não é documento. Com experimentações vocais que fogem de sua usual voz sussurrada e uma produção ousada, o disco comprova o amadurecimento da cantora, que se liberta em letras sobre as dores da fama, o desejo por mulheres e inseguranças da juventude. De bônus, a vulnerabilidade que a consagrou confere às canções um poder de identificação e universalidade que fala diretamente a seu jovem ouvinte, trunfo essencial para as estrelas atuais. ■

LIVROS



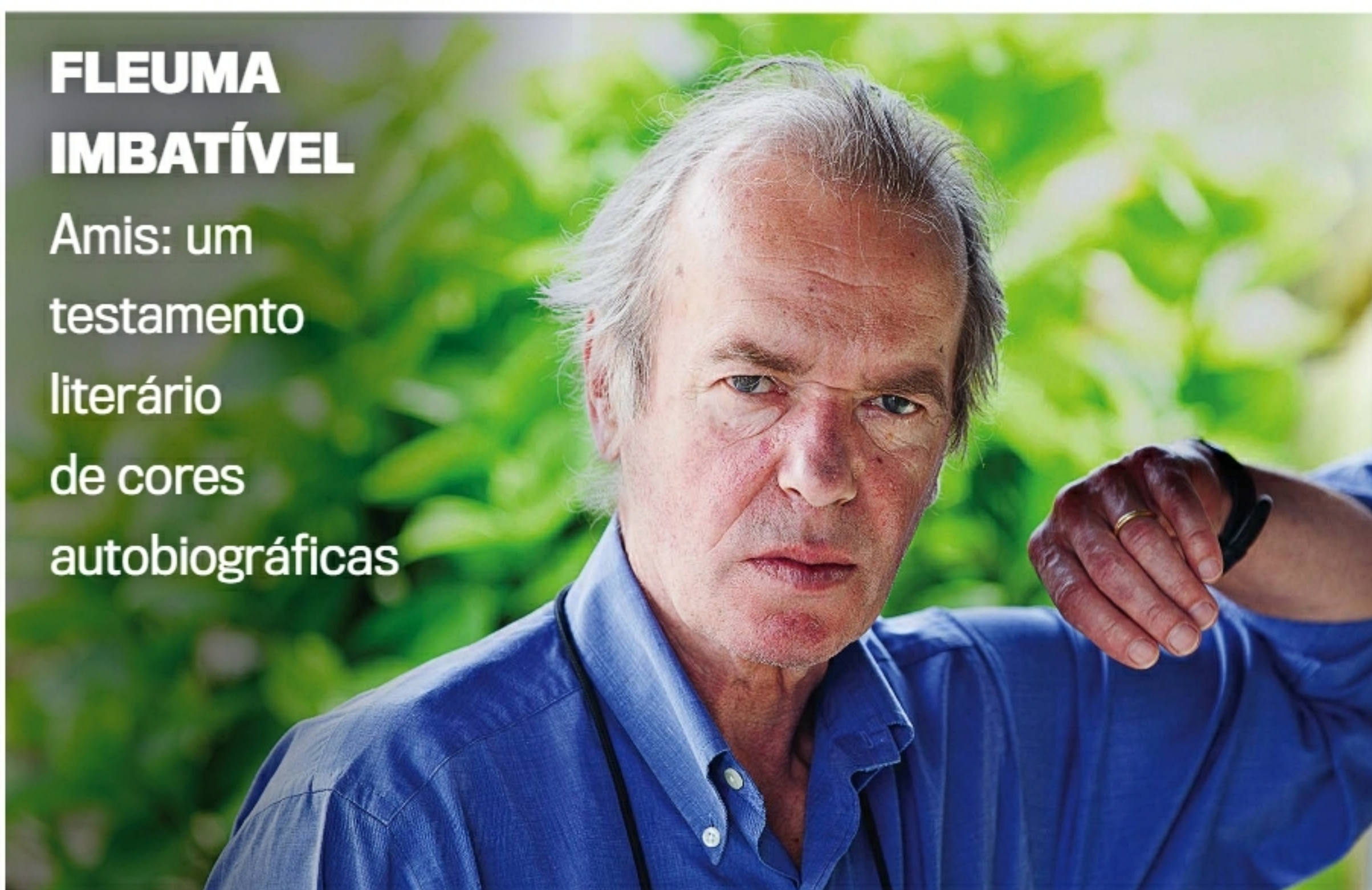
1 OS BASTIDORES, DE MARTIN AMIS (COMPANHIA DAS LETRAS, 592 PÁGS.)

Vitimado por um agressivo câncer de esôfago, Martin Amis saiu de cena no ano passado, aos 73, na condição de um dos gigantes — quicá o maior — de sua brilhante geração de autores britânicos. Com sua prosa elegante acima de tudo, sensual sem cair na vulgaridade, contundente mas nunca descambiando para a violência gratuita, ele recebeu o merecido epíteto de “Mick Jagger da literatura”. Já acometido pela doença, o criador de romances memoráveis como *A Zona de Interesse*, convertido no filme que venceu o último Oscar de produção internacio-

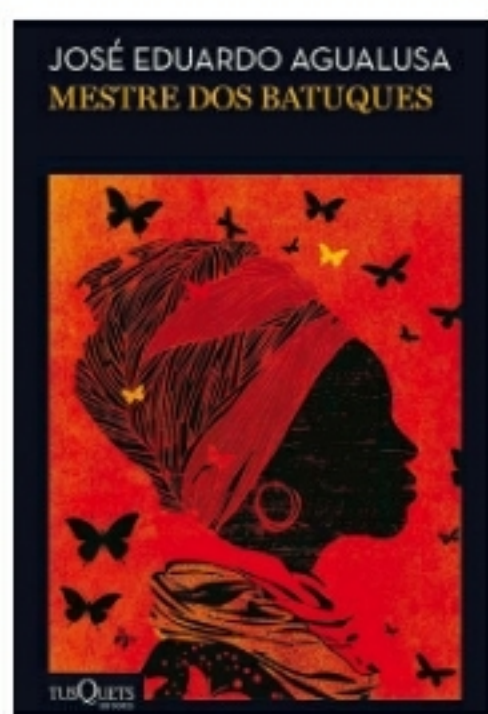
FLEUMA IMBATÍVEL

Amis: um
testamento
literário
de cores
autobiográficas

LEONARDO CENDAMO/GETTY IMAGES

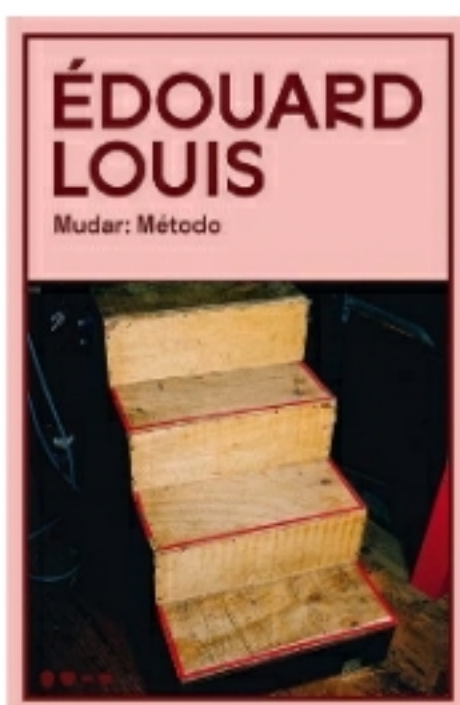


nal, usou de toda sua fleuma e mordacidade para compor o belíssimo *Os Bastidores*. Sua obra derradeira mescla ficção e autobiografia — e funciona como um testamento literário não apenas do autor, mas de sua época. Com a sutileza e a sagacidade que lhe são inerentes, Amis vai de seus amores e experiências com a fama às inspirações (o russo Vladimir Nabokov à frente) e amizades fundamentais — sobretudo, com o americano Saul Bellow e o conterrâneo Christopher Hitchens. Eis um grande livro para saborear aos poucos, como quem sorve um uísque de primeira — e do qual se sai com poderosas lições sobre a vida e a morte.



2 MESTRE DOS BATUQUES, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA (TUSQUETS; 224 PÁGS.)

Entre 1902 e 1904, Angola se viu tomada pelo maior conflito armado em solo africano até então, opondo o outrora poderoso reino de Portugal ao reino africano de Bailundo, na região central do país. A revolta verídica serve de pano de fundo para o romance fictício criado pelo autor angolano Agualusa, no qual um militar branco se envolve com uma jovem negra da elite da capital do país, Luanda. Por meio da história de amor, o escritor aborda temas como identidade e pertencimento, subvertendo estereótipos e ideias preconcebidas sobre sua nação. Ao olhar para o passado, reimagina um final diferente do que ocorreu: a realidade paralela de um mundo que se vê livre da brutalidade colonizadora.



3 MUDAR: MÉTODO, DE ÉDOUARD LOUIS (TODAVIA; 240 PÁGS.)

Nenhum autor teve passagem tão chamativa pelo Brasil em 2024 quanto o francês Édouard Louis, 32. Convidado de uma feira literária, ele ficou no país por duas semanas, como estrela de eventos em São Paulo e no Rio, mobilizando centenas de admiradores. Para entender o fuzuê, o melhor é ler essa que é a mais completa de suas ficções autobiográficas, na qual narra as transformações físicas e sociais exigidas para fugir de sua origem numa vila pobre marcada por discursos de ódio. Louis faz uma análise mordaz e sensível das violências de classe sofridas por ele e sua família, expondo os obstáculos para chegar a uma vida digna na França proletária. ■

EDIÇÃO: **VALMIR MORATELLI**

Com reportagem de Giovanna Fraguito, Mafê Firpo e Nara Boechat

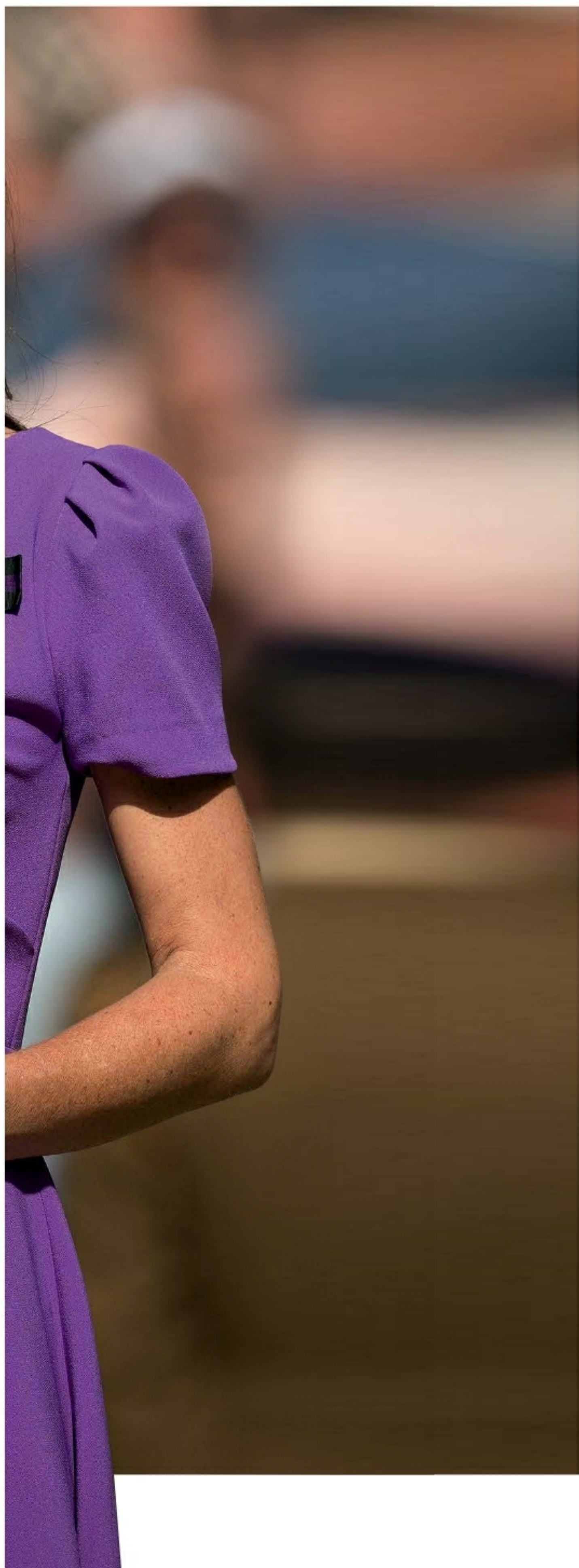
LUZES E SOMBRA

O brilho da superação de dificuldades e das viradas surpreendentes serviu de bem-vindo contraponto para tropeços (alguns chocantes) na vida dos famosos neste ano que se vai

LINDA, LEVE E SAUDÁVEL

Fechada em copas a respeito de questões de saúde, a família real britânica abriu-se a novos tempos quando informou, no início do ano, a detecção de câncer tanto em seu mais graduado integrante, o rei Charles, 76 anos, quanto na segun-





VISIONHAUS/GETTY IMAGES

da figura mais popular do reino, **KATE MIDDLETON**, 42, a princesa de Gales (a primeira é seu marido, William). O sucinto anúncio desencadeou uma gigantesca onda de solidariedade – acoplada a uma colossal teia de teorias conspiratórias nas redes. Kate teria “células cancerosas”, e não propriamente a doença, e usou o problema para se esconder enquanto enfrentava uma crise conjugal. Charles estaria nas últimas, mas disfarçando para desfrutar ao máximo do trono e da coroa. Desmentindo a boataria, o rei seguiu cumprindo compromissos, inclusive uma viagem – com dois médicos – a Austrália e vizinhanças. Já a princesa, após alguns meses de reclusão, comunicou pessoalmente, em vídeo, estar “livre de câncer” e, aos poucos, reassumiu sua função de encantar os súditos, com impecável elegância. Longa vida aos Windsor.

É COM VOCÊ, PATRICIA

A missão de substituir Silvio Santos (*leia em “Minhas colegas e meus colegas...”*) nas noites de domingo no SBT ficou com a filha **PATRICIA ABRAVANEL**, 47, em doses homeopáticas, há quatro anos, ainda na pandemia. Nos seus turnos, ela conseguiu introduzir algumas mudanças na fórmula até então imutável do programa de auditório, como a inclusão de homens no time de dançarinas no palco. Com a morte do pai, em agosto, Patricia tomou as rédeas de vez e, de que-

FACEBOOK @PATRICIAABRAVANELOFICIAL



bra, virou o chamariz principal de publicidade do canal. As reformas prosseguem, com sucesso: povoando o palco com influenciadores da internet e resgatando quadros saudosistas, como a Porta da Esperança, a herdeira, não raro, ganha no ibope. Aí, reedita o estilo Silvio – toca um sino toda vez que passa a Globo. “A vitória é nossa, é do Brasil. Quero honrar o legado do meu pai. Ele estaria muito orgulhoso”, imodestamente declara.



VIVA LA PRESIDENTA

País-símbolo da sociedade patriarcal, fincada no machismo, o México, quem diria, elegeu para presidente uma mulher, **CLAUDIA SHEINBAUM**, 62 anos – e com vantagem de 60% dos votos. “Não chego sozinha, chegamos todas, junto com as heroínas que nos deram nossa pátria”, celebrou. É verdade que Sheinbaum contou com um pistolão e tanto: foi a candidata ungida por Andrés Manuel López Obrador, o popularíssimo AMLO, para substituí-lo na chefia do Estado. Apelidada de “Dama de Gelo”, pela frieza com que lida com adversidades em um país dado a dramalhões, a presidenta (sim, quer ser chamada assim) tem pela frente as duras missões de cortar os tentáculos do narcotráfico – sete das dez cidades mais violentas do mundo ficam no México – e levar adiante uma controversa e radical reforma do Judiciário. Sem falar na pimenta jalapeño mais *caliente*: o vizinho Donald Trump.

NASCIDOS PARA SE SEPARAR

O vai não vai mais acompanhado de Hollywood empacou: **JENNIFER LOPEZ**, 55 anos, e **BEN AFFLECK**, 52, puseram

neste ano um ponto-final – mais um – em seu tu-

multuado romance, famosamente apelidado de Bennifer, que se arrasta há um quarto de século.

No começo dos anos 2000, eles atuaram juntos em um filme, noivaram, cancelaram o casamento marcado e enfim romperam – tudo em um prazo de dois anos. Jennifer se casou no mesmo ano com Marc Anthony, Affleck se uniu no ano seguinte a Jennifer Garner. Ao longo de duas décadas mantiveram uma relação civilizada, apesar dos pesares: ele entrando e saindo de *rehab*, ela consolidando a imagem de diva difícil. Em 2021, ambos separados, reataram, para surpresa geral da nação internet. Entre namorar, noivar, casar e se divorciar, durou menos de três anos. Um dos motivos para o casa-separa seria a pressão dos holofotes. “Aconteceu de virarmos um casal no nascimento dos tabloides”, explica Jennifer. Então tá.



BELLOCCO/IMAGES/GETTY IMAGES



VALERIE MACON/AFP

SPOILER: ELA VAI MORRER

Nunca houve megera novelesca como Odete Roitman, eternizada na mente popular por Beatriz Segall (1926-2018) na primeira versão de *Vale Tudo*, há longínquos 36 anos. Pois bastou a Globo anunciar um remake para que as atrizes de meia-idade se alvorçassem, doidas para reeditar as falas preconceituosas e amorais da vilã mais sem escrúpulos da teledramaturgia nacional. Batido o martelo



em outubro, a honra (?) caberá a **DEBORA BLOCH**, 61 anos, que por sinal encarou outra vilã nos últimos anos, em *No Rancho Fundo* e *Mar do Sertão*. “Fiquei surpresa, não esperava. Deu um friozinho bom na barriga e a sensação de ser um convite irrecusável”, descreve Debora. O roteiro da nova versão da novela de Gilberto Braga está nas mãos de Manuela Dias, que, para pavor dos saudosistas, andou dizendo que pretende suavizar o grau de vilania da personagem. Só falta mudar a resposta para a pergunta que deixou o Brasil em transe no passado: quem matou Odete Roitman?

INSTAGRAM @DEBORABLOCHOFICIAL



PERDOA-ME POR ME TRAÍRES

Podia ser um roteiro de novela, daqueles em que a mocinha sofre o pão que o diabo amassou ao se desiludir com o príncipe encantado. Grávida de seis meses, a cantora **IZA**, 34 anos, foi às redes sociais anunciar que estava sendo traída pelo jogador de futebol Yuri Lima, 30, e encerrar a relação de quase dois anos. Como era de se esperar, foi abraçada pela solidariedade de seus milhares de seguidores, que detonaram o ex infiel. Aí veio a reviravolta folhetinesca: IZA perdoou Yuri e, em outubro, o nascimento de **NALA** selou a paz em casa. “Que tu virias numa manhã de domingo, eu te anuncio nos sinos das catedrais”, poetizou ela sobre a bebê. O retorno aos palcos está marcado para o Carnaval, quando IZA se apresenta no Camarote Bar Brahma, no Anhembi, em São Paulo.



A VOZ DAS FLORESTAS

Escritor, ambientalista e defensor convicto das causas de seu povo, **AILTON KRENAK**, 71 anos, inaugurou uma fase pop: desde que se tornou, em abril, o primeiro indígena a assumir uma cadeira de imortal na Academia Brasileira de Letras, não para de dar entrevistas e aparecer em programas de TV e em feiras literárias, enquanto disparam as vendas de seus livros. “Sociedades anteriores à nossa acreditavam que um griô seria uma biblioteca de conhecimento que se move livre de um território a outro, porque todos reconhecem nele a qualidade de narrador de mundo”, filosofa sobre a nova condição, usando o termo que designa os guardiões da tradição, encarregados de transmitir a história oral de suas comunidades. Sobre o combate às mudanças climáticas no Brasil, faltando um ano para a COP30, em Belém, no Pará, é incisivo: “As ferramentas de gestão ambiental foram aleijadas intencionalmente nos últimos anos”.

NADANDO DE BRAÇADA

O que não falta é francês fazendo bico para **ANNE HIDALGO**, 65 anos, que vem tomando, ao longo de seus dois mandatos como prefeita de Paris, medidas impopulares, como espantar os carros dos bulevares e vielas – tudo parte de um até então bem-sucedido projeto de tornar a Cidade Luz uma vitrine verde. Pois neste ano a alcaide socialista foi à forra, atraindo para si os holofotes globais ao capitanear uma Olimpíada que deu muito certo. E, como prometido, saltou nas águas do Rio Sena, que jurou estar agora balneável, mesmo sob todo o ceticismo dos locais. Depois, doou sua veste de neoprene para o museu suíço de relíquias dos Jogos. O pulo, sob a moldura da recém-reaberta Catedral de Notre-Dame, foi também político. “Tenho chance de me candidatar de novo, sim”, diz ela, já movimentando suas peças de olho no pleito de 2026.



PIERRE SUU/GETTY IMAGES

LUGAR CERTO, HORA CERTA

Com quase dez anos de carreira nas jovens costas, não se pode falar em lançamento. Mas foi só em 2024 que o ator **JUAN PAIVA**, 26, atingiu aquele status de ser reconhecido em toda parte – graças a João Pedro, o filho rejeitado de José Inocência, que ele interpretou

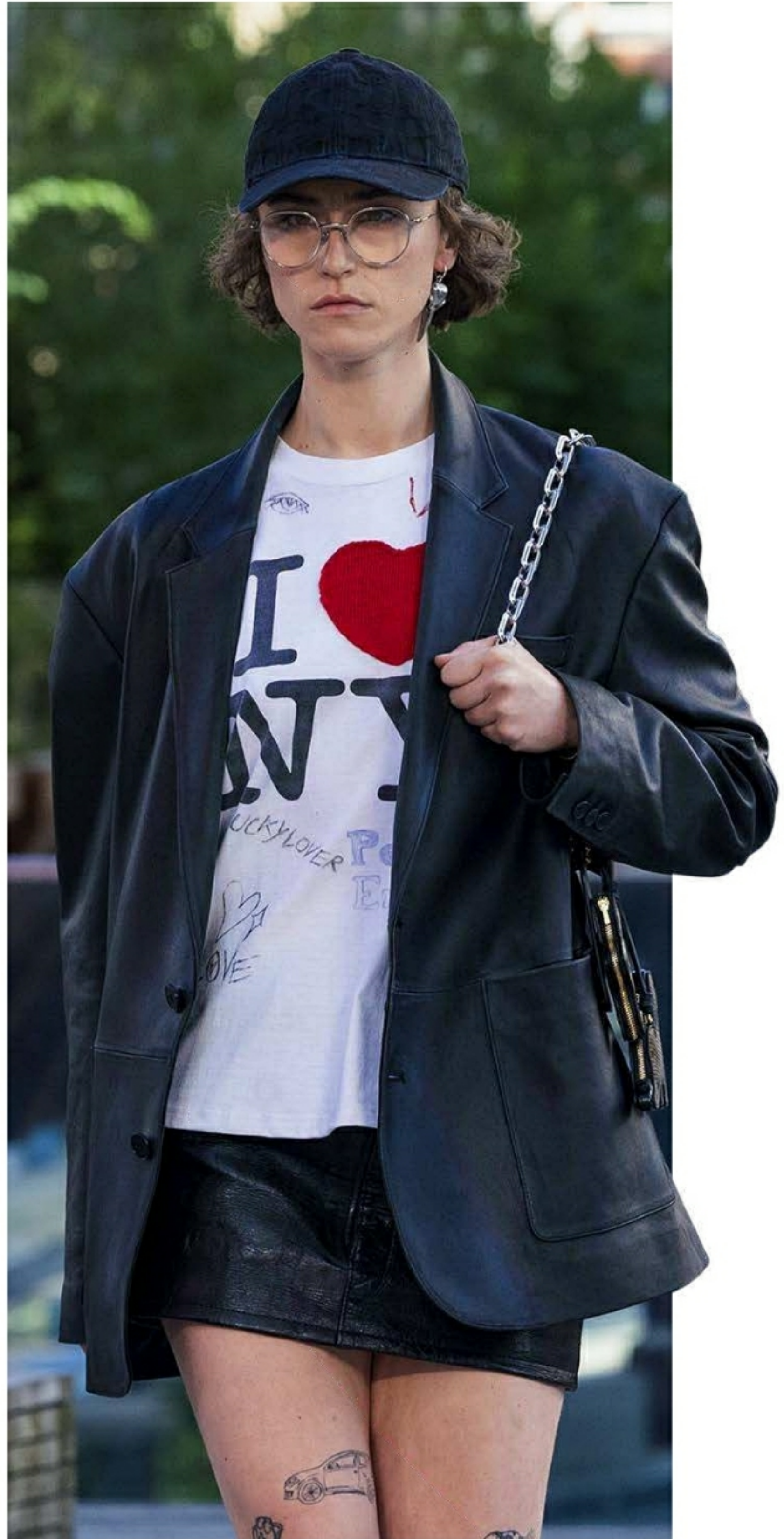


INSTAGRAM @ANJUPAIVA

no remake de *Renascer*. “Foi um ano especial para mim, para a minha carreira e minha família, por tudo que acredito e venho construindo nessa trajetória”, comemora ele, que continua morando no Vidi-gal, a favela do Leblon onde nasceu e aprendeu a atuar no grupo Nós do Morro. Contratado da Globo, Juan está cotado para a próxima novela das 7, *Dona de Mim*. “Não sei quando vou chegar ao lugar que quero. Mas sei que, enquanto estiver insatisfeito, vou continuar tentando”, promete, cheio de gás.

ALGUÉM LUCROU

Tirando a mais importante – a madrasta Kamala Harris ter sido derrotada por Donald Trump –, a eleição americana trouxe, sim, alegrias para **ELLA EMHOFF**, 25 anos, que tem esse nome em homenagem à cantora de jazz Ella Fitzgerald. Estilista e artesã com canais de venda exclusivamente digitais, Ella viu a fama aumentar e o faturamento crescer com a exposição da família durante a campanha eleitoral. Adepta do tipo “cool diferente”, expôs em rara entrevista a paixão por “velas em formato de comida” e a irritação ao ser chamada de “Emma”. Doug, marido de Kamala e progenitor coruja, não esconde o orgulho: “As pessoas agora vêm perguntar se sou o pai de Ella Emhoff”.



VICTOR VIRGILE/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

EM NOVA FASE

Nome colado ao SBT, onde trabalhou por quinze anos com audiência significativa e cota campeã de anunciantes, **ELIANA**, 52 anos,



INSTAGRAM @ELIANA

fez as malas e se mudou para a Globo em agosto. No contrato, exigiu entrar logo no ar, arrematando um quadro às pressas no *Fantástico*. Mas seu lugar de destaque está guardado para o ano que vem, quando substituirá Ivete Sangalo para injetar sangue novo no batido *The Masked Singer Brasil*. “Estou superfeliz com a transição profissional a essa altura da vida. É lindo de sentir e de vivenciar”, derrama-se. Por enquanto, esquentando o sofá do *Saia Justa*, no GNT, comentando abertamente assuntos íntimos. Sobre orgasmo, esmerou-se: “Já até chorei. Nossa, que delícia. Deus foi tão bom com nós, mulheres, que temos um órgãozinho só para isso. Se conheça, se curta, se toque e vá ser feliz”.



TONS DE CINZA

DRIBLANDO PROBLEMAS

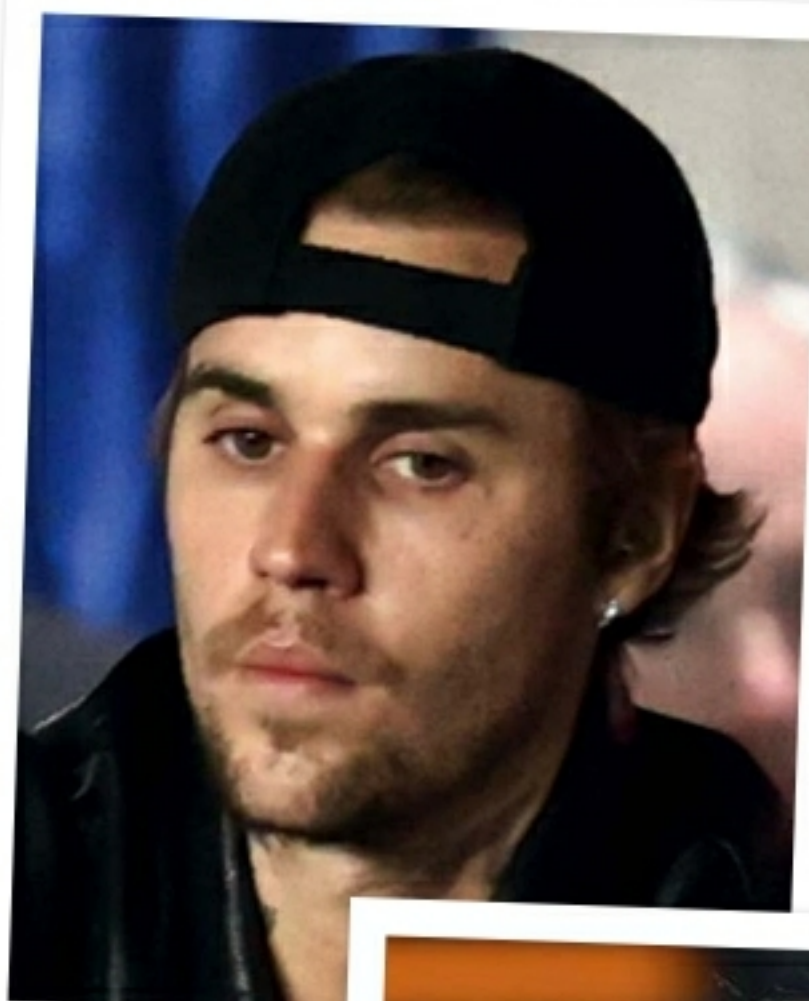
Em um momento, eles têm a adoração da torcida, que grita e aplaude, alucinada. Em outro, é só desdém e nariz torcido. Quem disse que a vida de craque é fácil? O brasileiro **NEYMAR**, 32 anos, passou o ano se recuperando de um rompimento no joelho, pouco jogou pelo time saudita Al-Hilal, que o contratou a peso de ouro, e agora pode ser transferido para o Santos – provavelmente ganhando menos. “Ser jogador é ser julgado o tempo inteiro, a cada passe, a cada chute, a cada escolha”, lamenta ele, que em julho apresentou a filha caçula, Helena, 5 meses, reconhecida através de exame de DNA. O francês **MBAPPÉ**, 26, é outro que anda na rua da amargura popular desde que deixou o Paris Saint-Germain, clube no qual foi o maior artilheiro da história e onde no final jogava sob vaias, e debandou para o Real Madrid. Pior: ao que tudo indica, não está dando o seu melhor na nova equipe, para desgosto de mais uma torcida.

SEAN QUEM?

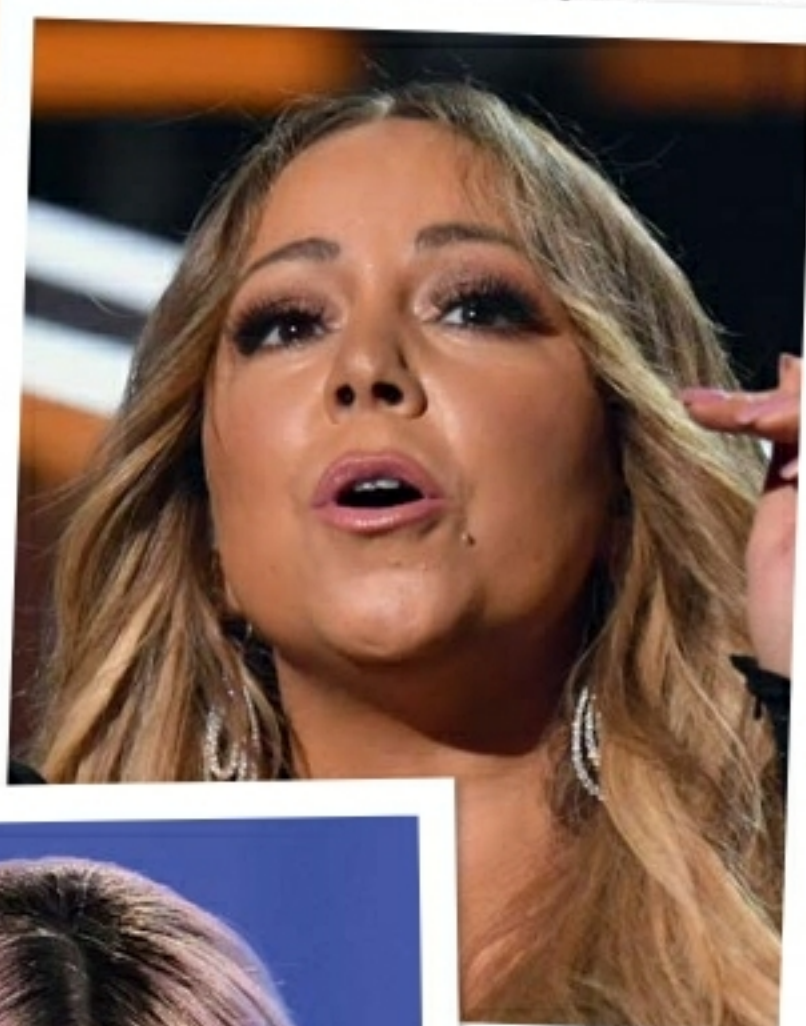
Bon vivant inveterado, promotor de festas memoráveis, fazedor e destruidor de carreiras no show business, o rapper americano **SEAN “DIDDY” COMBS**, 54 anos, um dos mais ricos da atualidade, com fortuna avaliada em 740 milhões de dólares (cerca de 4 bilhões de reais),



MEGA/GC IMAGES/GETTY IMAGES



JAKUB PORZYCKI/NURPHOTO/GETTY IMAGES



JEFF KRAVITZ/FILMMAGIC/GETTY IMAGES



RICH POLK/NBC/GETTY IMAGES

está preso desde setembro em Nova York, acusado de agressões e de tráfico sexual. Na derrocada, Combs arrastou consigo uma penca de celebridades *habitués* de seus famosos saraus regados a muita bebida, muita droga, muito sexo e pouca (ou nenhuma) roupa – “maratonas sexuais repletas de crimes”,

na descrição da Promotoria. A lista vai de Jennifer Lopez, com quem se relacionou entre 1999 e 2001, a Beyoncé, passando por **JUSTIN BIEBER**, que entreteve quando ainda era menor de idade, **MARIAH CAREY** (ao centro), **MEGAN FOX**, Leonardo DiCaprio,

Naomi Campbell e até o príncipe Harry, entre outros. O julgamento começa em 5 de maio – e a terra vai tremer. ■

PALAVRAS COMO MANIFESTO

Um ano de retórica para marcar posições sem medo, contra os tabus, de mãos dadas com os novos humores da sociedade – e algumas escorregadelas aqui e ali

IDADE É PROBLEMA MEU

INSTAGRAM @MADONNA

“Parabéns para mim.”

MADONNA, em suas redes sociais,
ao completar 66 anos



“Ouço que sou velha desde meus
30 anos.”

DARYL HANNAH, atriz de 64 anos, estrela de
Splash – Uma Sereia em Minha Vida, de 1984

“Não me importo com a velhice.
Nem a vi chegar.”

BRIGITTE BARDOT, ao completar 90 anos em setembro

“Cuidem de suas vidas.”

MELANIE HAMRICK, bailarina e coreógrafa, 37 anos, ao
cutucar as pessoas que fazem troça da diferença de idade
entre ela e o namorado, Mick Jagger, 81 anos

NADA SERÁ COMO ANTES

“Não gosto de ver séries. E ainda
prefiro ver filmes no cinema.”

CAETANO VELOSO, cinéfilo de carteirinha





“O cinema está em queda como principal fonte de entretenimento (...) se você perguntar a alguém da idade dos meus filhos sobre estrelas do cinema, eles não sabem nada comparado a celebridades do YouTube ou algo assim.”

NATALIE PORTMAN, atriz israelense radicada nos Estados Unidos



A VIDA É BELA

“Com todos os seus altos e baixos, eu amo a vida. E estou perdendo-a porque é minha hora de partir.”

JOSÉ “PEPE” MUJICA, 89 anos, ex-presidente do Uruguai, que trata um câncer no esôfago

“Lancem meus filmes ao mar depois que eu morrer.”

WOODY ALLEN, ao divulgar *Golpe de Sorte em Paris*

“Eu cheguei bem perto da morte. Quando chegamos perto assim, quando enxergamos tão de perto, aquilo permanece com a gente. Hoje está muito mais presente na minha cabeça do que estava antes.”

SALMAN RUSHDIE, escritor anglo-americano, que em 2022 foi esfaqueado durante uma palestra em Nova York. Em 2024 ele lançou uma autobiografia sobre aquele episódio, o excelente *Faca*. Em 1989, havia sido jurado de morte pelo fundamentalismo xiita do Irã por escrever *Os Versos Satânicos*

TRABALHO DÁ TRABALHO

“Se há pessoas que simplesmente não se adaptam bem a esse ambiente e não querem isso, tudo bem, existem outras empresas por aí.”

MATT GARMAN, CEO da divisão de computação em nuvem da Amazon, ao defender a decisão de retomar em 100% o trabalho presencial

“A covid-19 revelou um tipo de alergia ao trabalho no mundo ocidental.”

PASCAL BRUCKNER, filósofo francês

“Eles são assim: ‘Hoje não estou a fim, vou chegar às 10h30’.”

JODIE FOSTER, atriz e diretora, ao criticar a postura da dita geração Z, de jovens com até 28 anos de idade

COMO É BOM SÓ PENSAR NAQUILO

“Se não praticar, você esquece.”

ALESSANDRA NEGRINI, atriz, que diz ser fundamental manter uma vida sexual ativa

“Fiz algumas cenas terríveis de sexo na minha carreira. Elas estão por aí, para todo mundo ver.”

DANIEL CRAIG, ator, ex-James Bond, protagonista do drama *Queer*, no qual interpreta um personagem gay

“Tem que ter bom sexo.”

GOLDIE HAWN, atriz de 78 anos, casada há mais de quarenta com Kurt Russell, 73

“Todos merecem mais orgasmos.”

NICOLE KIDMAN, atriz australiana, ao lançar o filme *Babygirl* no Festival de Veneza



TRETA NO CLÃ

“Legal o cara fazer isso com a sua filha, e com a minha não. De qualquer forma, parabéns sempre, grande Nikolas.”

CARLOS BOLSONARO, o filho 02, ao ironizar uma postagem em que o pai aparecia com a filha do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG)

“Que Deus livre e guarde a nossa Aurora de toda inveja e maldade.”

MICHELLE BOLSONARO, em defesa do marido, contra o enteado



REINALDO CAMPOS/AGIF/AFP



PRECONCEITO F.C.

“Vocês têm de entender que eu tenho de dar satisfação a três mulheres só. Minha mãe, minha mulher e a presidente do Palmeiras. São as únicas que têm o direito de falar comigo e pedir explicações.”

ABEL FERREIRA, treinador do alviverde paulista, depois de ouvir a pergunta de uma repórter. Ele admitiria, depois, nas redes sociais, a postura misógina

“Deus me livre de mulher CEO.”

TALLIS GOMES, executivo-chefe da G4 Educação, em frase ridícula, abominável e constrangedora. Ele pediria desculpa e renunciaria ao cargo

VENCEDORES

“Foi pela vó, para a vó, mãe.”

BEATRIZ SOUZA, judoca medalha de ouro na Olimpíada,
ao falar com a família pelo celular

“Não sei nem por onde começar. Era tão distante que parecia impossível chegar até aqui. Eu era uma criança que só jogava bola descalço nas ruas de São Gonçalo, perto da pobreza e do crime.”

VINICIUS JR., ao vencer o prêmio The Best, de melhor jogador de futebol do mundo



MOHAMED FARAG/FIFA/GETTY IMAGES

DIRETO DO VATICANO



“Podemos também rir de Deus? Claro que sim, não é blasfêmia, podemos, assim como brincamos e fazemos piadas com as pessoas que amamos.”

PAPA FRANCISCO, em encontro com humoristas

“O vinho é uma dádiva de Deus e uma verdadeira fonte de alegria.”

O PONTÍFICE, mandando a verdade

“A Igreja deve discutir o celibato dos padres.”

JAIME SPENGLER, arcebispo de Porto Alegre, indicado cardeal pelo papa Francisco

GUERRA SEM FIM

“Putin precisa de sangue, como se fosse uma droga. Ele nunca deixará de buscá-lo.”

GARRY KASPAROV, ex-campeão mundial de xadrez, uma das mais reconhecidas vozes de oposição ao neoczar da Rússia

“Você não se curvou, você não se rendeu, você continua a lutar de uma maneira que é simplesmente notável, e não vamos nos afastar de você.”

JOE BIDEN, em conversa com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky

www.copaenergia.com.br



ENERGIA DO BRASILEIRO

Copa Energia. Líder no setor de gás, expandindo para novas energias.

É a energia do brasileiro que inspira a nossa. Estamos expandindo nossas soluções, participando ativamente da transição energética, energizando vidas e negócios de forma sustentável.

Por todo o Brasil, nossa energia está presente através das marcas já conhecidas há quase 70 anos: **Copagaz** e **Liquigás**, que participam dos lares e da vida dos brasileiros.



Acesse o site



Mais de
40 MILHÕES
de consumidores
por mês



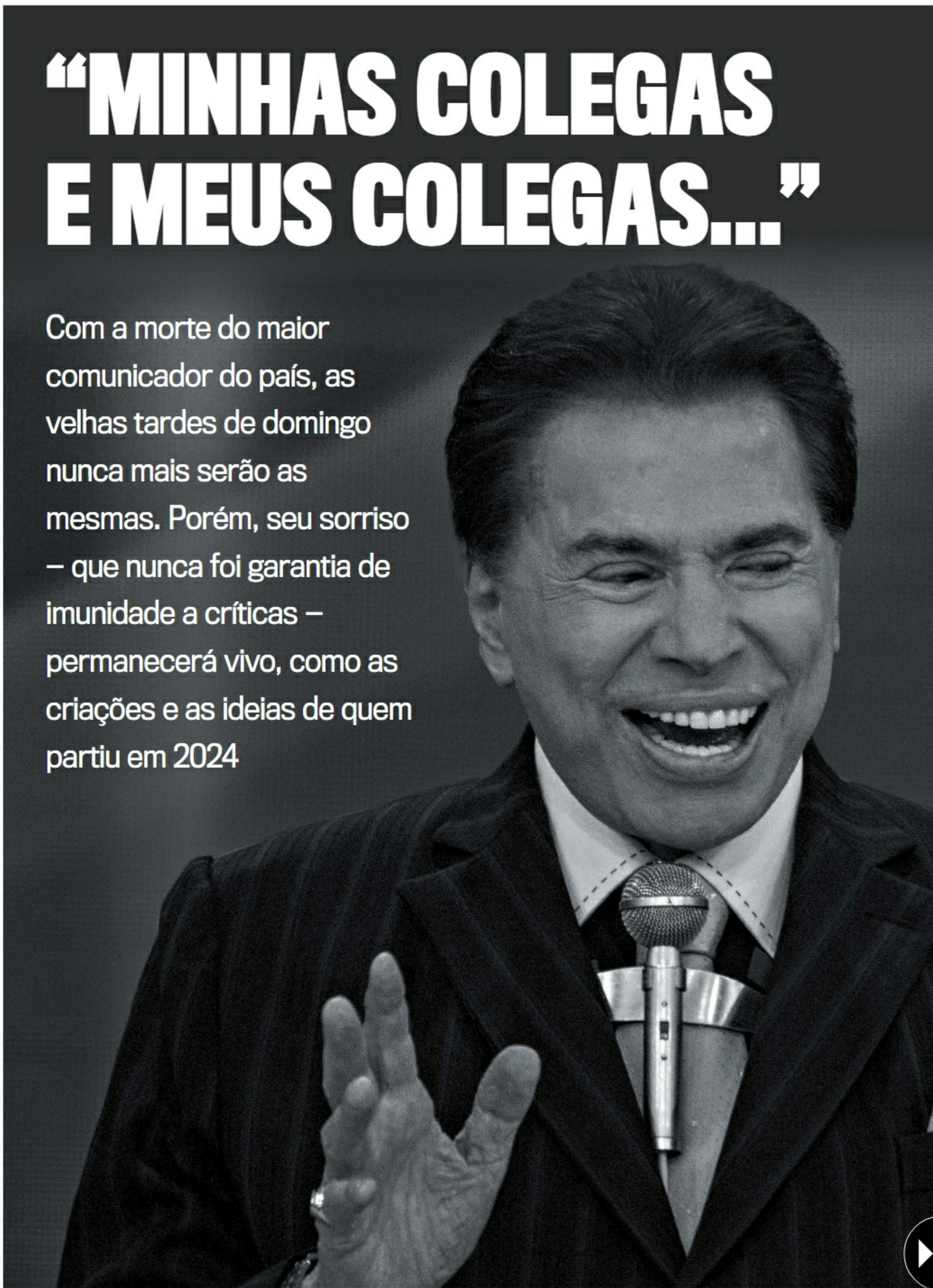
Estamos presentes em
24 ESTADOS
+ Distrito Federal

EDIÇÃO: FÁBIO ALTMAN

“MINHAS COLEGAS E MEUS COLEGAS...”

Com a morte do maior comunicador do país, as velhas tardes de domingo nunca mais serão as mesmas. Porém, seu sorriso – que nunca foi garantia de imunidade a críticas – permanecerá vivo, como as criações e as ideias de quem partiu em 2024

VANESSA CARVALHO/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP



SILVIO SANTOS

apresentador e empresário

Talvez bastasse apenas o nome, e nada mais precisaria ser dito a respeito de Silvio Santos. Desde 1961, quando lançou na extinta TV Paulista o programa *Vamos Brincar de Força*, ele nunca mais deixou os lares brasileiros — com humor e facilidade de comunicação, especialmente entre as camadas mais populares do país, de gente que crescia diante de uma tela de televisão, antes do streaming. Silvio talvez tenha sido o mais conhecido nome do entretenimento do Brasil na segunda metade do século XX, uma figura de íntima conexão com o cotidiano do cidadão comum — por meio de quadros como Porta da Esperança e Qual é a Música —, e também com os poderosos em Brasília, que o ajudaram a alavancar a carreira do camelô carioca que virou empresário, criador do SBT. Morreu em 17 de agosto, aos 93 anos.

A REINVENÇÃO DO BRASIL

WASHINGTON OLIVETTO

publicitário

Sem Washington Olivetto, o país seria outro, sem graça e sem ironia. Em 1978, ele criou o Garoto Bombril, vivido pelo ator Carlos Moreno, o mais longo personagem de uma campanha de televisão, no ar até 2004. E quem há de esquecer daquele primeiro sutiã da marca Valisère, comercial estrelado por uma menina de 12 anos em 1987, a

atriz mirim Patricia Lucchesi? Entre um e outro, fanático torcedor do Corinthians, Olivetto (que os amigos chamavam de “Oliveira”) construiria uma marca que ajudaria a traçar a transição política do país que abandonava a ditadura. Ele morreu em 13 de outubro, aos 77 anos.





TV GLOBO

CID MOREIRA

locutor

Aquele “boa noite” em tom grave antecipou durante 26 anos, desde 1969, as notícias que iam ao ar no *Jornal Nacional*, da TV Globo — antes da onipresença das redes sociais, antes do diário eletrônico perder um tantinho de sua exclusividade nos corações e mentes do país. Pouco importava o tom da informação, fossem alegres ou felizes, fossem reais ou mentirosas, como as promovidas durante o período da ditadura militar, Moreira dava um tom de certeza, aveludado, que somente ele sabia aplicar. O vozeirão depois serviria para narrar o quadro do ilusionista Mr. M, do *Fantástico*, e peças religiosas. Ele morreu em 3 de outubro, aos 97 anos.



MARCOS ALVES/AGÊNCIA O GLOBO

ÀS FAVAS A IDEOLOGIA

ANTÔNIO DELFIM NETTO

economista

Inteligente, rápido de raciocínio e afeito a ouvir o outro lado dos problemas, mudando de rumo, o economista Antônio Delfim Netto teve o dom de agradar a gregos e troianos, à direita e à esquerda — apesar de suas firmes posições ideológicas. Foi o ministro da Fazenda mais longo do regime militar, tendo comandado a pasta de 1967 a 1974, nos governos de Costa e Silva e de Emílio Médici, tempo do chamado “milagre econômico”. Era o fiador da máxima que defende fazer o bolo crescer para depois distribuir. Foi um dos dezesseis ministros que assinaram o Ato Institucional nº 5, medida de 1968 que endureceu a repressão. Embora jamais tenha se arrependido da defesa da ditadura, dizia, no fim da vida, que apoiá-la hoje seria “idiota”. Morreu em 12 de agosto, aos 96 anos.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES

economista

Em 2010, durante a campanha presidencial, os candidatos Dilma Rousseff, do PT, e José Serra, do PSDB, fizeram uma rápida trégua, interromperam as diatribes e apareceram ao lado de Maria da Conceição Tavares em seu aniversário de 80 anos. O gesto indicava a relevância democrática da economista, que fora professora de ambos na Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp. Nascida em Portugal, de onde viria com a família, fugida da ditadura de António Salazar, ao começar seus estudos rapidamente enveredou pela ideia do desenvolvimentismo, o crescimento alimentado pela intervenção permanente do Estado. Virou ícone dos partidos de esquerda e, recentemente, teve algumas de suas frases viralizadas nas redes sociais, dado o comportamento mercurial, sempre incisivo, por vezes engraçado — “ninguém come PIB, come alimentos”, disse certa vez, com seu inconfundível e charmoso sotaque lusitano. De 1995 a 1999 ela foi deputada federal pelo PT. O temperamento, contudo, nunca a afastou de quem pensava diferente dela — como régua a medir as discussões democráticas, sem a estúpida polarização de hoje. Ela morreu em 8 de junho, aos 94 anos.



BRUNO VEIGA

O MUNDO EM EBULIÇÃO

ALEXEI NAVALNY

líder político

Ex-advogado e ativista anti-corrupção, Alexei Navalny foi durante muito tempo o megafone mais estridente e o rosto mais proeminente da oposição ao presidente da Rússia, Vladimir Putin. Em 16 de fevereiro, aos 47 anos, ele morreu numa prisão no Círculo Polar Ártico,



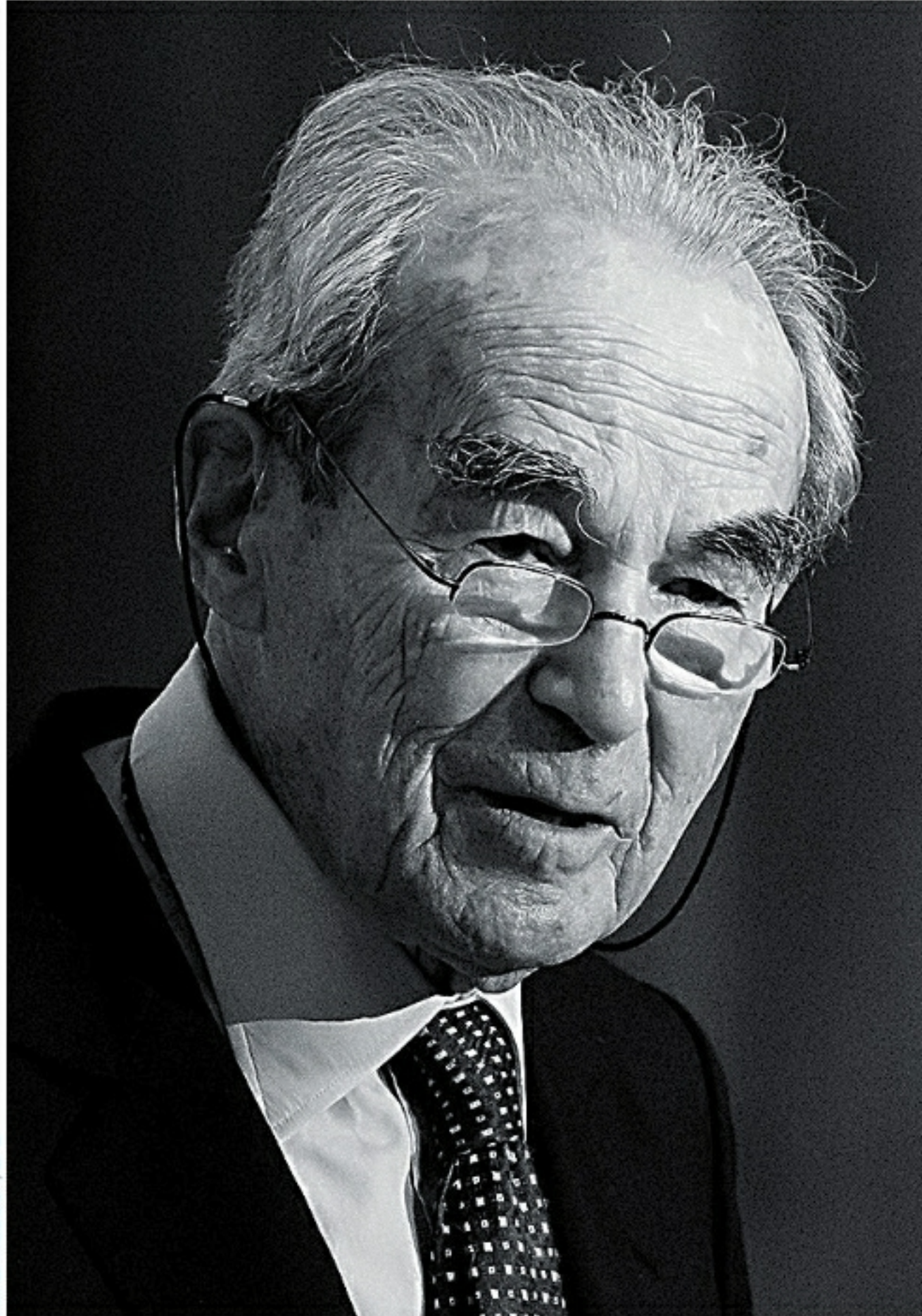
ANDREY SMIRNOV/AFP

após mais de três anos de detenção. O serviço penitenciário disse que ele “se sentiu mal” depois de uma caminhada e “perdeu a consciência quase imediatamente”. A morte, supostamente de causas naturais, ainda hoje é uma sombra incômoda para o Kremlin. Embora nunca tenha, de fato, representado desafio real a Putin nas urnas, Navalny começou a expor a corrupção russa em 2008, tendo como alvo os conglomerados nascidos do desmonte das estatais soviéticas. De denúncia em denúncia, ganhou relevo internacional. Em 2016, um tribunal “especial” o condenou a mais de vinte anos de cadeia por subversão, em pena que aumentava com o passar do tempo.

ROBERT BADINTER

jurista

O que dizer de um advogado criminalista que, no posto de ministro da Justiça da França, conseguiu aprovar a abolição da pena de morte — o que significou o fim da guilhotina que cortara a cabeça de nobres e plebeus desde 1792? Em 1981, durante o primeiro mandato do socialista François Mitterrand, o jurista Robert Badinter conseguiu reunir a maioria dos votos da Assembleia Legislativa em torno de uma decisão sempre adiada — e finalmente aprovada por 369 votos contra 113 entre os deputados e por 161 a 126 entre os senadores. Humanista histórico, orador como poucos, homem cujas sobrancelhas espessas lhe conferiam um ar a um só tempo calmo e rigoro-



IAN LANGDON/EFE

so, ele diria: “Quem quer uma Justiça que mata é movido por uma dupla convicção: a de que existem pessoas totalmente culpadas, ou seja, totalmente responsáveis pelos seus atos, e que pode haver uma Justiça segura de sua infalibilidade a ponto de dizer que esse pode viver e esse outro deve morrer”. Badinter morreu em 9 de fevereiro, aos 95 anos.

DA ARTE DE EMPREENDER

ABILIO DINIZ

empresário

Ele fez da doceria do pai, o imigrante português Valentim dos Santos Diniz, fundada em 1948 em São Paulo, o maior grupo de varejo alimentício do país, o Grupo Pão de Açúcar. Abilio Diniz começou a trabalhar no negócio familiar aos 12 anos e, aos 23, convenceu o pai a transformá-lo em supermercado. Com o tempo, revolucionaria o setor — foi ideia dele introduzir o autosserviço, modelo em que o cliente retira os produtos diretamente das prateleiras, em vez de pedi-los no balcão.

A partir daí, o negócio prosperou. Em 1989, em meio a desavenças familiares, acabaria deixando a gestão do grupo. Anos depois, enquanto a empresa estava em crise, os irmãos Alcides e Arnaldo venderam suas participações a Abilio, que seria convidado pelo pai a sucedê-lo na presidência. Esse movimento foi fundamental para que o Pão de Açúcar se transformasse na fortaleza que viria a se tornar. Em 1995, decidiu abrir o capital da empresa. Não havia decisão de política econômica, no Brasil, que desdenhasse dos palpites de Abilio, profundo conhecedor dos humores do mercado e próximo da engrenagem política. Ele morreu em 18 de fevereiro, aos 87 anos.



BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

ACORDES DO CORAÇÃO

SÉRGIO MENDES

arranjador e compositor

Em 1964, o compositor, pianista e arranjador Sérgio Mendes partiu para Los Angeles — e nunca mais voltou, a não ser em apresentações sempre muito requisitadas. A fama internacional, ao longo de 35 álbuns, brotou em 1966, com *Mas Que Nada*, de Jorge Ben, hoje Ben Jor, em sin-gue contagiante que apaixonou os americanos, a ponto de ter chegado ao topo das paradas. Em 2006, remixada pela banda Black Eyed Peas, renasceu com força. Havia quem fizesse cara feia para os arranjos algo exagerados, mas era crítica rapidamente dissipada. “Onde quer que esse moço se sente, num piano, todo mundo fica sabendo que está diante de um músico extraordinário”, disse dele Tom Jobim. Mendes morreu em 5 de setembro, aos 83 anos.



WALTER FIRMO

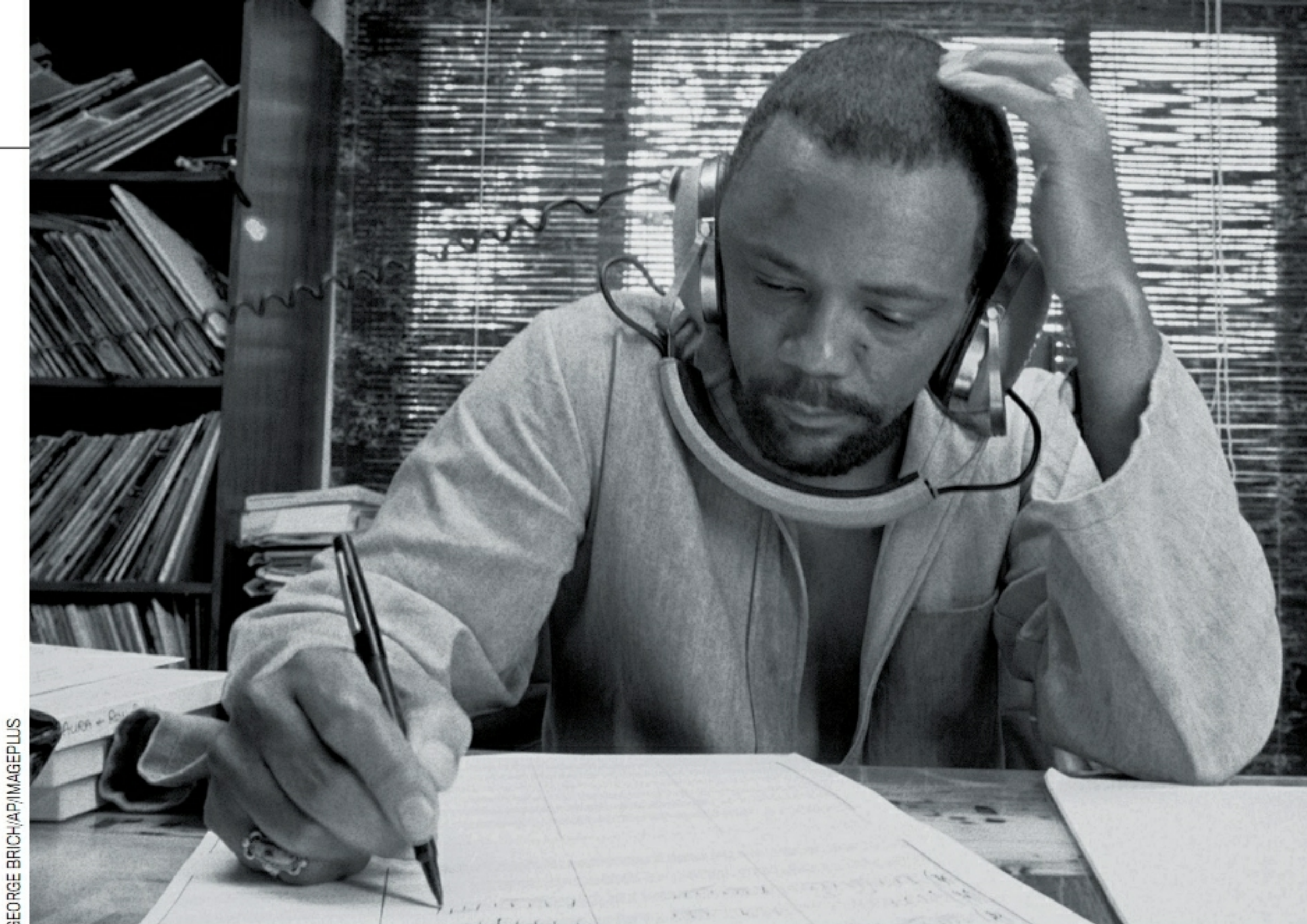


ISABEL GARCIA

ARTHUR MOREIRA LIMA

pianista

Nenhum pianista soube passear com tanta precisão e emoção do clássico ao erudito quanto o carioca Arthur Moreira Lima. Em 1965, ele foi o segundo colocado no histórico Concurso Chopin, em Varsóvia. O certame é uma das mais altas láureas do piano erudito. A vencedora do prêmio foi a argentina Martha Argerich, que nunca deixou de revelar a sua admiração pelo brasileiro. Depois, gravaria os choros de Ernesto Nazareth, tornando peças como *Odeon* e *Brejeiro* ícones irremovíveis da cultura brasileira de repercussão internacional. “O choro é a alma da música brasileira”, disse certa vez. Nos anos 2000, em bela aventura, pôs um instrumento em um caminhão para rodar o país. Moreira Lima morreu em 31 de outubro, aos 84 anos.



GEORGE BRICH/AP/IMAGEPLUS

QUINCY JONES

arranjador, produtor e compositor

É impossível não ter escutado agorinha mesmo algo do arranjador, produtor e compositor americano Quincy Jones. Onde quer que ele tenha posto a mão, ao construir partituras de permanente pegada jazzística, fez-se ouro. A lista de músicos com os quais trabalhou (e que reinventou) tende ao infinito e começa com nomes como Ray Charles, Count Basie, Frank Sinatra, Aretha Franklin — e, claro, Michael Jackson. Jones produziu com esmero o álbum *Thriller*, do rei do pop, em 1982. A dupla tinha uma ambição, fazer o “maior disco da história”. O resultado: a construção de um totem inigualável, que vendeu algo em torno de 120 milhões de cópias. Ao montar a lista de canções, com clássicos como *Beat It* e *Billie Jean*, Jones resumiu a fórmula: “Você tem de ir direto na garganta em quatro, cinco, seis áreas diferentes: rock, adulto contemporâneo, R&B e soul”, disse. Deu certo. Jones morreu em 3 de novembro, aos 91 anos.

ANTONIO MENESES

violoncelista

Ele sempre foi respeitado pelos críticos mais severos e públicos mais exigentes, nos Estados Unidos e na Europa. O violoncelista Antonio Meneses, recifense radicado ainda na infância no Rio de Janeiro, tinha a aura de um raro mestre. Fez sucesso — em apresentações ao vivo e gravações cobiçadas — com as orquestras de Berlim, Londres, Viena, Paris, Moscou, Nova York e Tóquio, em parceria com maestros igualmente grandes, como o austríaco Herbert von Karajan e os italianos Claudio Abbado e Riccardo Muti. Para a Deutsche Grammophon registrou o *Duplo Concerto* de Brahms, com Anne-Sophie Mutter, e *Don Quixote*, de Richard Strauss, além das obras completas para violoncelo de Heitor Villa-Lobos — a linha serena e pura de *O Canto do Cisne Negro*, despojada e ao mesmo tempo lírica, é uma de suas marcas mundialmente reconhecidas, brasileiras, e não há como deixar de se emocionar com o som extraído das cordas do instrumento, como se ecoasse ao céus. Ele morreu em 3 de agosto, aos 66 anos.



ADRIANO VIZON/FOLHAPRESS



SEIJI OZAWA

maestro

Houve espanto seguido de silêncio quando um jornalista alemão fez a pergunta incômoda ao maestro Seiji Ozawa: “Como pode o senhor, um japonês, entender Beethoven, Mozart ou Brahms?”. Muitos anos depois, em 1979, ele daria a resposta, em uma entrevista para o *New York Times*: “A música é tão internacional como o pôr do sol. Ele pode ser visto desde Paris até Tóquio. Mas sempre haverá quem o aproveite e o aprecie mais. Todo mundo pode aproveitar Mozart, mas nem todas as mentes estão dispostas a prestar atenção”. Ozawa, nascido na Manchúria chinesa durante o período de ocupação japonesa, foi durante três décadas, a partir de 1973, diretor da Orquestra Sinfônica de Boston, nos Estados Unidos. Gostava de ser chamado pelo seu nome e não por “maestro”. Os cabelos longos e o sorriso estampado no rosto o fizeram popular. Ozawa morreu em 6 de janeiro, aos 88 anos.



FRANÇOISE HARDY

cantora

Na Inglaterra, e rapidamente nos Estados Unidos, o iê-iê-iê dos Beatles reinventou a civilização ocidental, e nunca mais seríamos os mesmos, como nossos pais. Na França, a voz pequena e doce de Françoise Hardy explodiu no início dos anos 1960 com uma outra pegada: a discrição, a elegância em preto e branco, a mistura improvável de *joie de vivre* com melancolia. “Todos os meninos e meninas da minha idade sabem bem o que é ser feliz”, cantou em seu maior clássico, a balada à bossa nova *Tous les Garçons et les Filles*, de 1962. E muitas, ressalvase, queriam ser como ela, a um só tempo clássica e revolucionária. Françoise morreu em 11 de junho, aos 80 anos.

LETRAS VIVAS

DALTON TREVISAN

escritor

O crítico de literatura Antonio Candido foi quem melhor interpretou o trabalho do escritor Dalton Trevisan: “mestre do conto curto e cruel, criador duma espécie de mitologia da sua cidade de Curitiba”. Autor de textos sempre crus, de frases curtas — “não fale, amor; cada palavra, um beijo a menos” —, ele sempre cultivou a fama de recluso, avesso a entrevistas e a



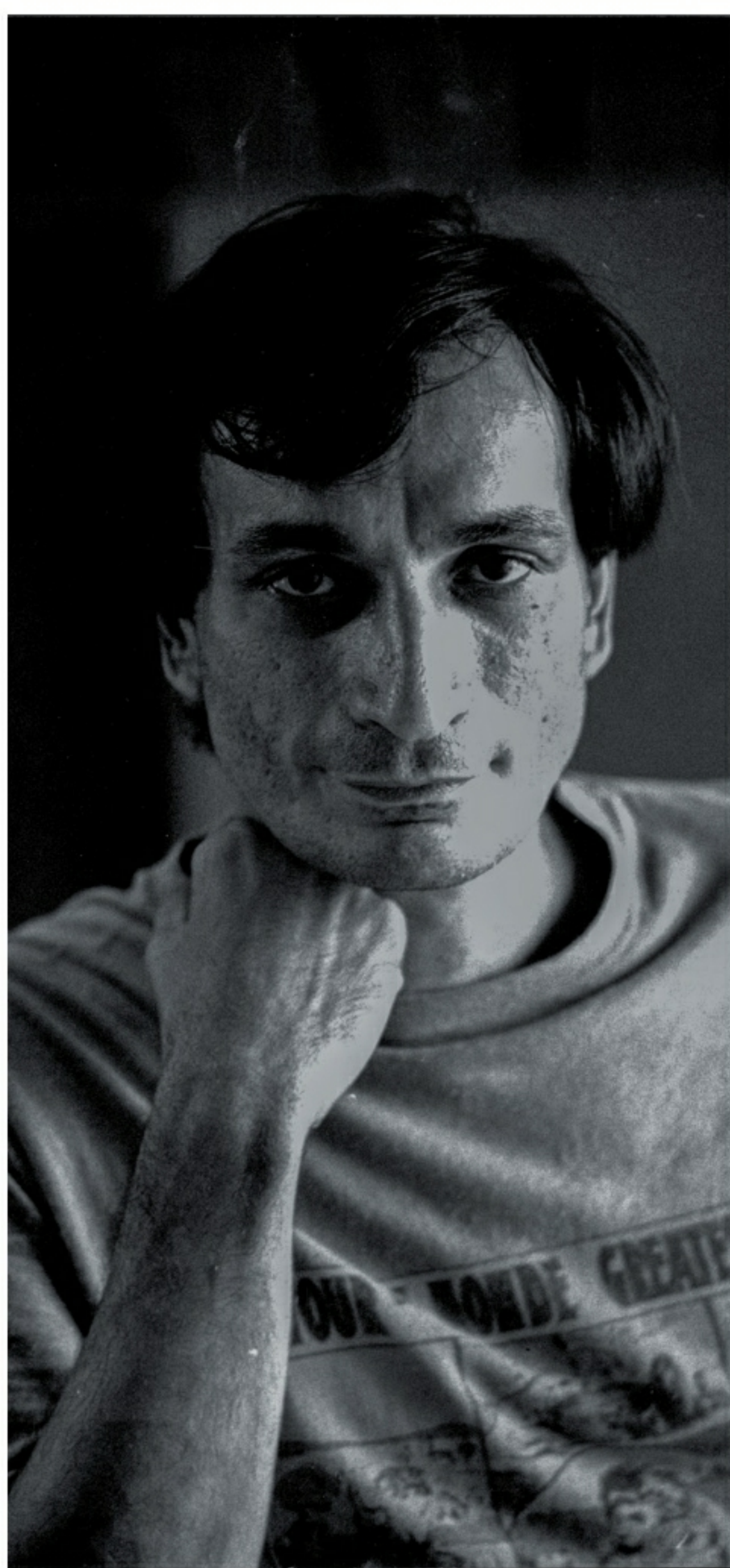
AMILTON VIEIRA

qualquer tipo de exibição pública: “o vampiro de Curitiba”, do título de um de seus textos mais celebrados. Publicou mais de cinquenta volumes, traduzidos para todo o mundo, em fama internacional que nunca o apartou do isolamento a que decidiu se submeter, longe de tudo e de todos, mas nunca da curiosidade em entender a vida do cidadão comum. Morreu em 9 de dezembro, aos 99 anos.

ANTONIO CICERO

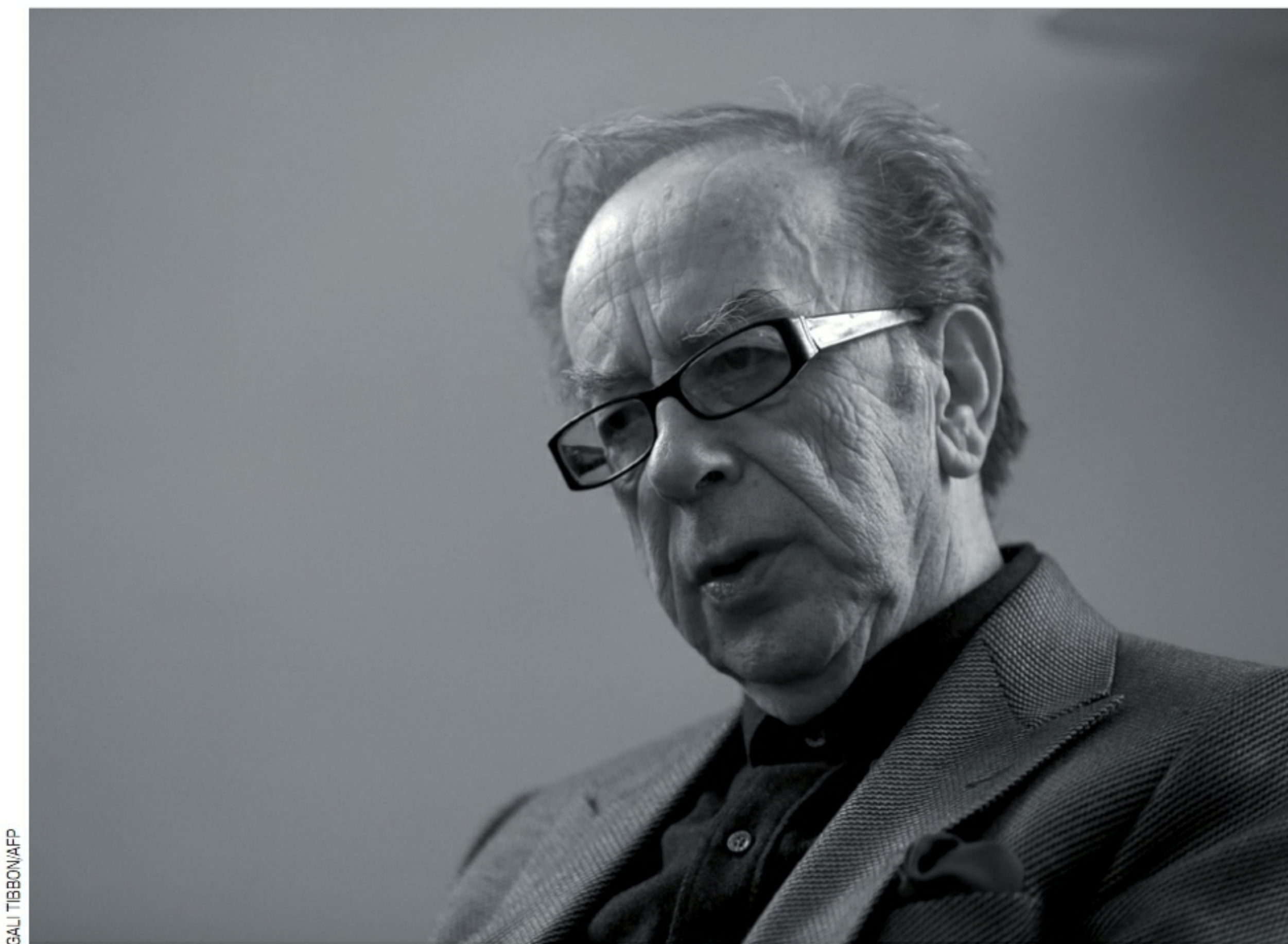
filósofo e poeta

O Brasil ficou comovido com a morte por suicídio assistido do filósofo e poeta Antonio Cicero, aos 79 anos, em uma clínica da Suíça. Autor de algumas das mais memoráveis letras de canções da MPB — “Me dá um beijo, então / Aperta minha mão / Tolice é viver a vida assim, sem aventura”, de *O Último Romântico*, criação de



HOMERO SÉRGIO/FOLHAPRESS

Lulu Santos, e “Meu mundo você é quem faz / Música, letra e dança / Tudo em você é fullgás”, de *Fullgás*, na voz da irmã, Marina Lima —, antes de partir ele deixou como legado um texto de rara lucidez e coragem: “O que ocorre é que minha vida se tornou insuportável. Estou sofrendo de Alzheimer. (...) Não consigo mais escrever bons poemas nem bons ensaios de filosofia. Apesar de tudo isso, ainda estou lúcido bastante para reconhecer minha terrível situação”. Ele morreu em 23 de outubro.



ISMAIL KADARÉ

escritor

O autor albanês era conhecido por sua prolífica produção literária, que abrangia contos e romances, ensaios e poesias. Suas obras tinham muitas vezes como alvo o totalitarismo de seu país natal, com uma prosa a um só tempo seca, sem gorduras, e vigorosa. No Brasil, Kadaré ficou conhecido por *Abril Despedaçado*, em que um jovem questiona uma tradição local — chamada Kanun, na Albânia — de vingar a morte violenta de um ente querido. Em 2001, o cineasta Walter Salles dirigiu uma adaptação para a realidade brasileira, em filme homônimo que retrata a rivalidade entre duas famílias, os Breves e os Ferreiras. Kadaré morreu em 1º de julho, aos 88 anos.

PAUL AUSTER

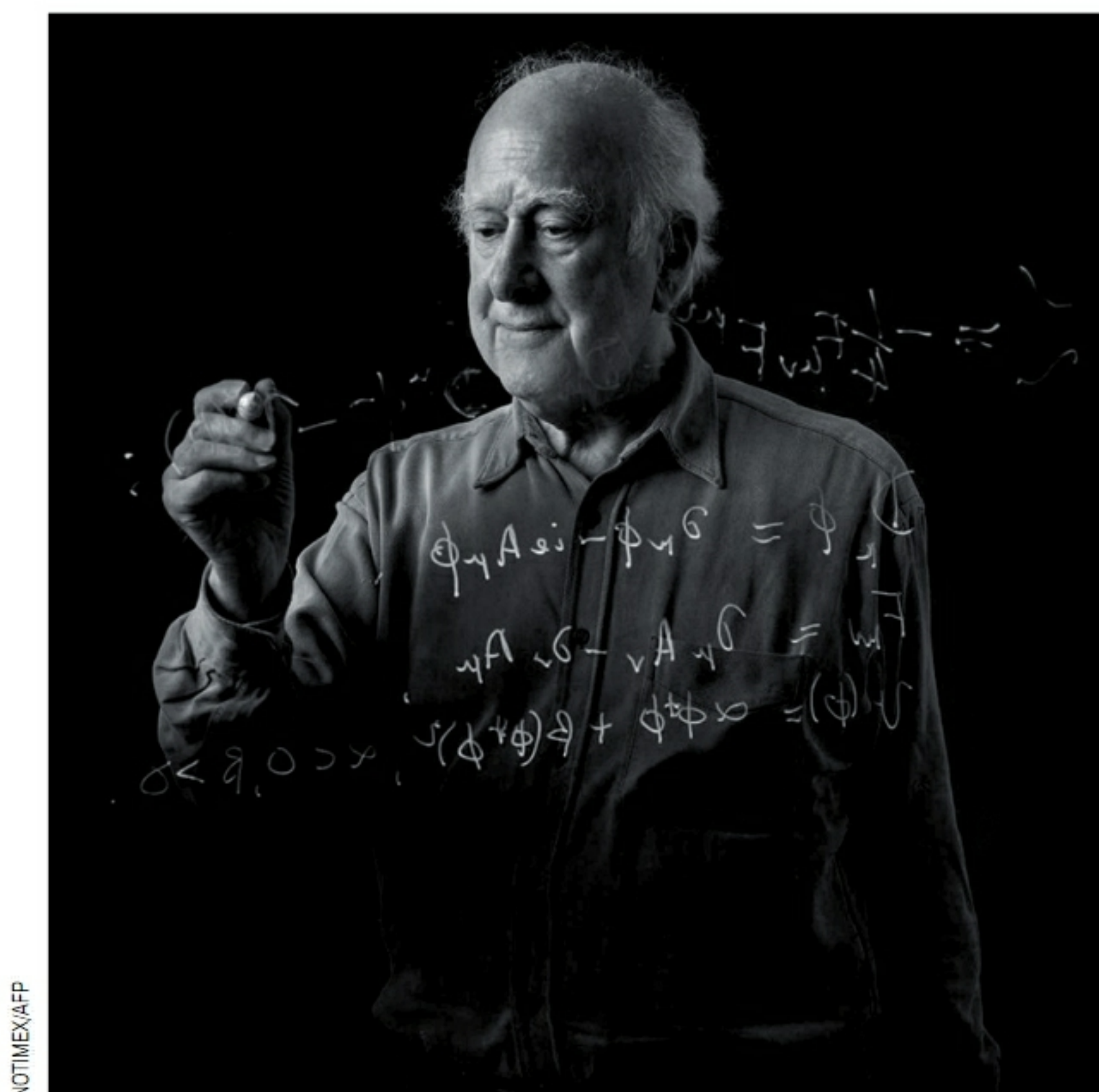
escritor

O escritor americano formado em literatura pela Universidade Columbia começou a ganhar relevo com *A Invenção da Solidão*, publicado em 1982, inspirado na relação com o pai, que acabara de morrer. Mas foi *Cidade de Vidro* (1985), volume inaugural de *A Trilogia de Nova York*, sua obra mais famosa, que o consolidou no universo literário como criador devotado à metrópole americana. Radicado no Brooklyn



STEPHANE DE SAKUTIN/AFP

na década de 1980, Auster abraçou a cidade e fez dela personagem e cenário de boa parte de sua obra, com mais de trinta volumes. Nem por isso, contudo, sua reputação era local: foi mais aclamado na Europa do que na terra de origem e é uma das raras exportações americanas abraçadas pelos franceses. Sua arte: brincar com as coincidências, o acaso e o destino. Morreu em 30 de abril, aos 77 anos.



AO INFINITO E ALÉM

PETER HIGGS

físico

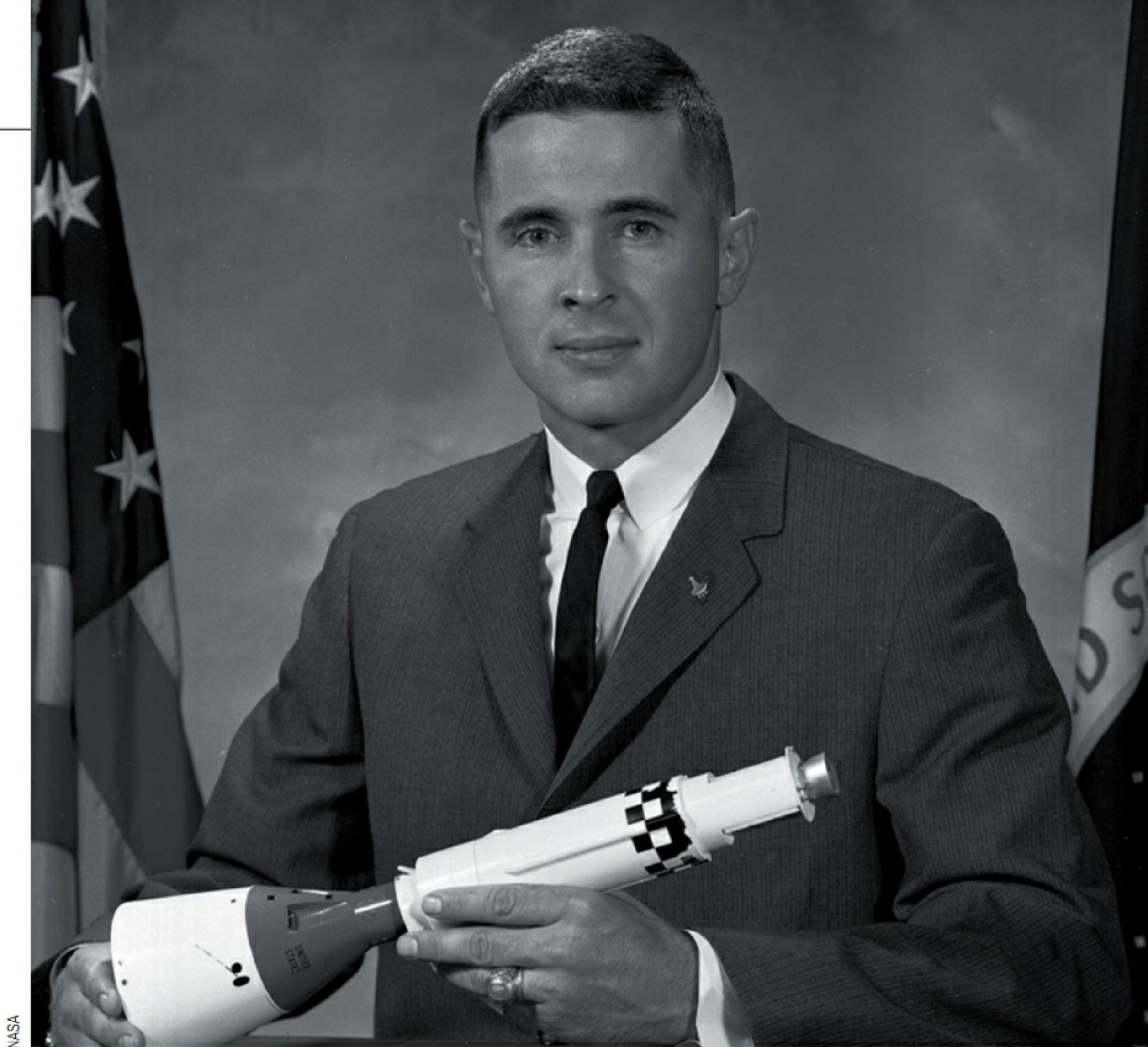
Em 1964, o físico britânico Peter Higgs intuiu a existência de uma partícula cuja comprovação viria apenas em 2012, a partir dos testes no Grande Colisor de Hádrons, em Genebra, na Suíça. Batizada de “partícula de Deus”, ela comprovaria três forças fundamentais da natureza: o eletromagnetismo, a fraqueza e a força nucleares. Enfim, da mente de Higgs brotaram ideias em torno da construção da matéria, de tudo o que é feito o mundo, afinal. Higgs ganhou o Nobel de Física em 2013. Ele morreu em 8 de abril, aos 94 anos.



FRANS DE WAAL

primatólogo

Os bichos — a quem hoje a humanidade entrega carinho — podem agradecer ao primatólogo holandês Frans de Waal. A partir de estudos com macacos bonobos, ele fez uma revelação: os animais têm consciência de si mesmos. Golfinhos e primatas se reconhecem em espelhos. “Não podemos tratá-los como máquinas. Tanto que hoje existem leis que os protegem, como as que proíbem, nos Estados Unidos, testes com símios”, disse De Waal a VEJA, em 2018. Morreu em 14 de março, aos 75 anos.



WILLIAM ANDERS

astronauta

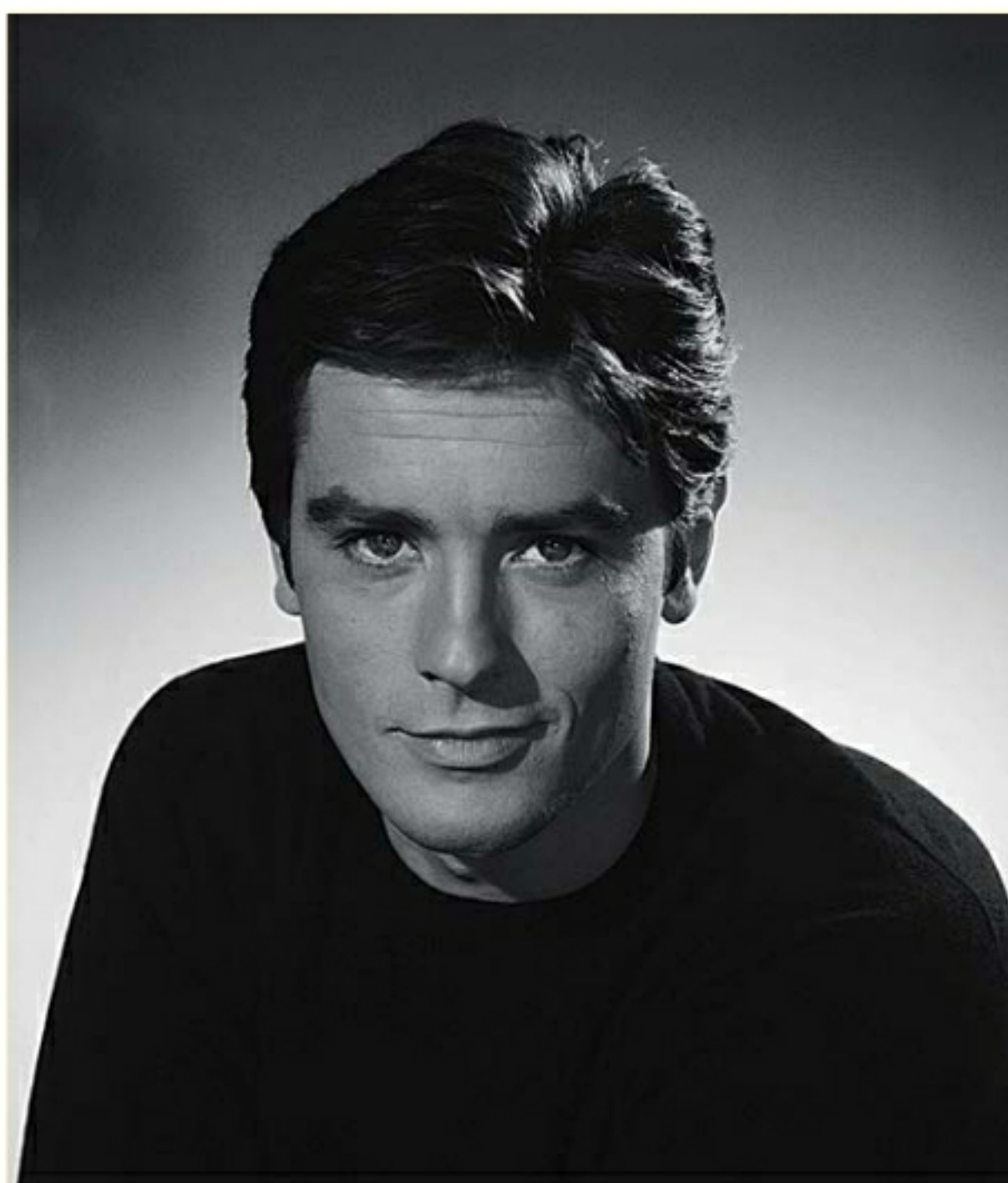
O diálogo parecia banal. “Meu Deus! Olha aquela foto, é a Terra chegando. Uau, isso é lindo”, disse o astronauta William Anders, a bordo da Apollo 8. “Ei, não tire a foto, não está programado”, retrucou o colega Frank Borman. “Você tem um filme colorido, Jim? Me passa esse rolo...”, prosseguiu Anders. “Cara, isso é ótimo”, respondeu Jim Lovell. Aquele registro, de 24 de dezembro de 1968, é a mais conhecida — e a mais bonita — imagem do nosso planeta a partir do espaço. Durante muitos anos, o retrato foi atribuído a Borman, falecido em dezembro de 2023. Mas é obra de Anders. Ele morreu em 7 de junho, aos 90 anos, em um acidente de avião.

A ALMA DAS TELAS

ALAIN DELON

ator

Era inevitável que a beleza magnética de Alain Delon fosse tema de entrevistas e críticas em torno de suas atuações. Em 1990, em um programa de imensa audiência da televisão francesa, ele fez cara feia para uma pergunta e mandou ver, malcriado como sempre: “A beleza é um problema se você é bonito e burro, o que não é o meu caso. Na verdade, esse é um problema para os outros, não para mim. Minha mãe me fez como eu sou. Obrigado, mãe”. Não demorou — desde o primeiro grande sucesso no cinema, com *O Sol por Testemunha*, de 1960, no papel do contrafeitor Tom Ripley, criado por Patricia Highsmith — para se transformar em ícone sexual, o macho por excelência, o rosto bonito como atalho para interpretações memoráveis. Inteligente na escolha de diretores com os quais trabalharia, atuou em *O Eclipse*, de Michelangelo Antonioni, em 1962, *Rocco e Seus Irmãos*, em 1960, e *O Leopardo*, em 1963, ambos de Luchino Visconti. Nas décadas de 1960 e 1970, era uma das pessoas mais famosas do mundo. Nunca deixou de externar suas posições políticas, de extrema direita. Alain Delon morreu em 18 de agosto, aos 88 anos.



BETTMANN/GETTY IMAGES

GENA ROWLANDS

atriz

Sempre à beira do precipício, embriagadas, anestesiadas, aparentemente sem saída, as personagens da atriz americana Gena Rowlands eram sinônimo de sofrimento com elegância. Ela concorreu duas vezes ao Oscar, com *Uma Mulher sob Influência*, de 1974, e *Gloria*, de 1980, ambos dirigidos por John Cassavetes, com quem foi casada por 35 anos, até a morte do diretor, em 1989. Havia, no



SILVER SCREEN COLLECTION/GETTY IMAGES

trabalho da dupla, uma química precisa, como se as figuras pensadas no roteiro e a condução das câmeras tivessem sido desenhadas para ela — e era isso mesmo. “Se não tivesse casado com John, talvez fosse apenas a loira de filmes românticos”, disse certa vez. Gena voltaria a brilhar em família com o aplaudido trabalho do filho, Nick Cassavetes, em *Diário de uma Paixão*, de 2004. Em 2016, afastada das telas e com doença de Alzheimer, ela seria reconhecida pela Academia de Hollywood com uma estatueta pelo conjunto da obra. Morreu em 14 de agosto, aos 94 anos.



SHELLEY DUVALL

atriz

O sorriso cheio de dentes, a magreza quase frágil e a timidez associada a alguma assertividade transformaram Shelley Duvall em atriz predileta do diretor Robert Altman. Nos anos 1970, entre a revolução do paz & amor dos 1960 e a caretice yuppie dos 1980, ela imperou nas telas de cinema. Estrela de *Nashville*, de 1975, e *Três Mulheres*, de 1977, a versatilidade, entre o riso e o choro, a levaria a experimentar, sempre com sucesso, papéis extremos. Se Altman a descobriu — e juntos mergulhariam em um único fracasso, a Olivia Palito de *Popeye*, em 1980 —, ela ganharia relevo mundial como a ame-drontada mulher do paranoico personagem de Jack Nicholson em *O Iluminado*, a obra-prima de suspense e terror de Stanley Kubrick, lançada em 1980. Nos últimos anos, ela se afastara de tudo, depois de longo e produtivo período como produtora. Morreu em 11 de julho, aos 75 anos.

MAGGIE SMITH

atriz

Poucas atrizes tiveram o dom de encantar diferentes gerações. As crianças e adolescentes reconhecem na britânica Maggie Smith a professora e bruxa Minerva McGonagall da saga *Harry Potter*. Os jovens adultos a enxergam como a cáustica condessa viúva Violet Crawley, de *Downton Abbey*, símbolo da arrogância bem-humorada da aristocracia inglesa. “Não seja tão derrotista querida, você é tão classe média”, diz a personagem, em um tom de naturalidade de que apenas Maggie seria capaz. Contudo, apesar dos recentes sucessos de personagens já na maturidade, ela deve ser iluminada com zelo na primeira metade da vida, a prova de uma carreira construída com brilho e estudo — e nem sempre unânime aos



olhos da crítica e do público. Maggie ganhou o Oscar de melhor atriz com *A Primavera de uma Solteirona*, filme de 1969 em que interpreta uma mestra nem sempre carinhosa com seus alunos, e o de atriz coadjuvante pela comédia romântica *Califórnia Suite*, de 1978. “O aspecto maravilhoso de Maggie é que ela pode saltar da comédia para a tragédia com apenas uma frase”, disse o ator e dramaturgo Alain Bennett. Morreu em 27 de setembro, aos 89 anos.



JAMES EARL JONES

ator e dublador

Refinado ator de formação shakespeariana, prodigioso intérprete em 120 filmes e noventa séries de televisão, James Earl Jones colou seu nome ao século XX, aqui na Terra e quem sabe em galáxias muito, muito distantes, pela voz rouca e pausada de Darth Vader, o vilão da franquia *Star Wars*, lançada em 1977. “No, I am your father”, no original, em inglês, na revelação feita a Luke Skywalker, ecoará até o fim dos tempos. Jones gostava de contar uma anedota, que se não é verdadeira, é bem provável: ao pegar táxis, invariavelmente os motoristas identificavam o timbre e imaginavam estar transportando o vilão dos vilões. Jones morreu em 9 de setembro, aos 93 anos.

ANOUK AIMÉE

atriz

A atriz francesa Anouk Aimée, nascida Françoise Judith Sorya Dreyfus, adotou o nome artístico da personagem de seu primeiro filme, quando tinha apenas 14 anos — a Anouk de *La Maison Sous La Mer*, de 1947. Pelas mãos de Federico Fellini, ganhou alguma notoriedade em *A Doce Vida*, de 1960, e *Oito e Meio*, de 1963, mas foi ofuscada pelas luzes de Anita Ekberg e Claudia Cardinale. Em 1967, contudo, charmosa como ela só, de beleza um tanto egípcia e enigmática, fora dos padrões celebrados pelo cinema europeu e americano, ganhou fama mundial em *Um Homem, Uma Mulher*, de Claude Lelouch, obra-prima romântica pelas ruas de Paris, aquele filme de uma das mais adesivas canções das telas — e atire a primeira pedra quem nunca cantarolou o “ba da ba da da da da da” de Francis Lai. Anouk morreu em 18 de junho, aos 92 anos.



BRIDGEMAN IMAGES/FOTOARENA



DONALD SUTHERLAND

ator

Ele era capaz de variar os personagens que interpretava como nenhum outro. O canadense Donald Sutherland foi um cirurgião relaxado em campo de batalha em *M*A*S*H*, de Robert Altman. Foi um espião nazista em *O Buraco da Agulha*, de Richard Marquand. Em *Gente como a Gente*, de Robert Redford, foi um pai caloroso. Em *1900*, de Bernardo Bertolucci, esteve na pele de um fascista. O rosto longo e fino, o olhar caído e a altura desleixada não fariam supor um galã de cinema. No início da adolescência, já entusiasmado pela arte, diz ter perguntado à mãe se o achava bonito. A resposta: “Não, mas seu rosto tem muito caráter”. Ela estava certa. Não há como sair de um filme com Sutherland sem recompensa. Ele morreu em 20 de junho, aos 88 anos.